ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Dissertação de Mestrado

Modelos Internos Dinâmicos de Vinculação e Relações de Objecto Internalizadas: Análise de narrativas em crianças de idade pré-escolar.

Alexandra Pinto

Orientador de Dissertação:
Prof. Dr. Nuno Torres

Coordenador do Seminário de Dissertação:
Prof. Dr. Nuno Torres

Tese Submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM Mestrado Integrado em Psicologia
Especialidade em Psicologia Clínica

2008/2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Doutor Nuno Torres, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade em Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria da agradecer, com o mais profundo respeito e admiração, à Professora Doutora Manuela Veríssimo e a todos os elementos da Linha 1 (Psicologia do Desenvolvimento) da Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação (UIPCDE), por terem gentilmente cedido os vídeos e os dados das crianças utilizados na presente investigação, permitido a sua realização. Agradeço-lhes ainda todo o trabalho, apoio, aconselhamento e ideias que permitiram o enriquecimento da tese agora elaborada.

Por todo o seu apoio, conselhos, acompanhamento, compreensão, tempo e paciência disponibilizados, não podia deixar de agradecer ao Professor Doutor Nuno Torres.

Ao ISPA, que se foi tornando uma casa acolhedora, e a todos os professores que me acompanharam e ensinaram tantas coisas ao longo dos últimos cinco anos de aprendizagens, permitindo o meu crescimento e formação, que culmina agora com a elaboração desta tese.

Com muito amor e carinho especial, agradeço aos meus pais, pela vida, amor e carinho que me deram, mas também por tudo o que me ensinaram e transmitiram e por todo o seu apoio e suporte nos meus diversos projectos. Obrigada pelo porto Seguro carinhoso! Ao meu querido irmão, pelo carinho e pelos desafios.

Um agradecimento muito especial e respeitoso ao meu psicoterapeuta, Luis Delgado, por me ter ajudado a reconciliar-me comigo mesma, a minha família e a vida, ajudando-me a conseguir voltar a apreciar as cores, os sabores, os cheiros e as alegrias e tristezas que matizam a nossa existência.

Aos queridos amigos que sempre estiveram a meu lado, mesmo vivendo longe, e que me foram apoiando ao longo destes últimos anos, nos momentos bons, mas também nos momentos de trevas e dor: Sergio Martínez Esteban e Helder Castro e à querida amiga Eulália Fernandes, pelo apoio, carinho, conselhos e ensinamentos que me foi transmitindo ao longo do último ano. A todos os outros amigos e pessoas com quem cresci e me fui tornando pessoa.

À música e a toda a comunidade de músicos com quem convivi e trabalhei, por me enriquecer com ritmos, vibrações, melodias e ensinamentos inestimáveis, animando-me, acompanhando-me e transformando magicamente a minha alma numa dançarina livre.

Finalmente, e com uma melodia e tonalidade especiais e todo o meu carinho e amor mais profundos, um bem-haja àquele que tem vindo a ser o meu companheiro, Telmo Campos, por todo o amor, carinho, dedicação, conselhos e ideias, mas sobretudo pela extraordinária paciência e capacidade contentora e de amparo de que é dotado. Sem ele, este caminho teria sido, certamente, muito mais árido e difícil de percorrer. Obrigada…

Resumo

A Teoria da Vinculação e a Psicanálise são dois grandes campos teóricos e científicos da compreensão do ser humano bem estabelecidos, que se foram desenvolvendo de forma independente. O tempo tem vindo a torná-las cada vez mais próximas, existindo um crescente número de investigações que as procura inter-relacionar. A presente investigação procura relacioná-las empiricamente, focando-se nas Teorias Psicanalíticas de Relação de Objecto. Aplicou-se a uma mesma amostra de 56 crianças a *Attachment Story Completion Task*, a fim de avaliar os Modelos Internos Dinâmicos (MID) de Vinculação e a escala *Social Cognition and Object Relations Scale Relations*, na sua dimensão da Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações, a fim de avaliar a tonalidade afectiva do mundo objectal interno. Utilizou-se ainda a *Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence* para controlar os efeitos da capacidade linguística na produção das narrativas. Os resultados encontraram uma correlação positiva e significativa entre os MID e a tonalidade afectiva, à excepção da história do monstro no quarto, demonstrando que estes conceitos se encontram relacionadas entre si, possuindo, no entanto, algumas idiossincrasias próprias. Encontrou-se ainda uma correlação positiva entro o QI Verbal e a história da Separação, tanto em termos de MID, como de Tonalidade Afectiva. Foi possível estabelecer algumas das semelhanças e divergências entre estes conceitos e perceber como as representações de objecto internalizadas são mais permeáveis a variáveis demográficas, estando relacionadas com algumas delas, segundo temáticas diferenciadas.

Palavras-chave: Teoria da Vinculação, Relação de Objecto, Análise de Narrativas.

Abstract

Attachment Theory and Psychoanalysis are two well established theoretical and scientific fields of the understanding of the human being, which have developed independently. Time has put them nearer existing an increasing number of investigations searching to interrelate them. The present investigation tries to relate them empirically, focusing in the Psychoanalytic Object Relations Theories. It was applied to the same sample of 56 children the Attachment Story Completion Task to evaluate the internal working models (IWM) of Attachment and the Social Cognition and Object Relations Scale, in its dimension of the Affect-Tone of Relationship Paradigm, to assess the emotional tone of the internal object world. It was also used the Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence to monitor the effects of language ability in the production of narratives. The results found a positive and significant correlation between the IWM and the affect-tone, with the exception of the history of the monster in the room, demonstrating that these concepts are interrelated, with, however, some own idiosyncrasies. There was also a positive correlation among the Verbal IQ and the history of segregation both in terms of MID, as of affect-Tone. It was possible to establish some of the similarities and differences between these concepts and understand how the internalized object representations are more permeable to demographic variables, being related to some of them, according to different themes.

Key words: Attachment Theory, Object Relations, Narrative Analysis.

Índice

Agradecimentos…….. I
Resumo…… II
Abstract……. III

Introdução…….. 1
Enquadramento Teórico……. 4
Teoria da Vinculação e Modelos Internos Dinâmicos …… 4
Avaliação dos comportamentos de vinculação ……... 5
Modelos Internos Dinâmicos …… ……..... 8
Estabilidade dos Modelos Internos Dinâmicos …….. 10
Avaliação dos Modelos Internos Dinâmicos de Vinculação…… 11
Investigação dos MID no pré-escolar……. 12
Avaliação da Vinculação Categorial versus Contínua……... 14
Teorias Psicanalíticas de Relação de Objecto e as Relações de Objecto Internalizadas… 16
Teoria de Relação de Objecto de Melanie Klein…….. 18
Teoria de Relação de Objecto de Fairbairn……. 19
Teoria de Relação de Objecto de Winnicott……..... 19
Teoria de Relação de Objecto de Sullivan……... 20
Teoria de Relação de Objecto de Margaret Mahler……. 21
Teoria de Relação de Objecto de Kohut……. 21
Teoria de Relação de Objecto de Kernberg…… 22
Pontos de Convergência……. 23
Relações de Objecto Internalizadas…… 25
Investigação Empírica das Relações de Objecto Internalizadas……... 27
Interligação……. ……... 28
Investigação Empírica Conjunta …… 31
Problema e Hipóteses …… 33
Método …… …… …… 35
Análise de Resultados…… …… …… 45
Discussão…… …… …… 59
Conclusão…… …… …… 69
Referências Bibliográficas…… …… 71

Anexos…… …… …… 84
Anexo A: Sinopse da Escala Paradigma da Tonalidade Afectiva das Relações (Tradução)……. 85
Anexo B: Sinopse da Escala Paradigma da Tonalidade Afectiva das Relações (Original)…….. 87
Anexo C: Regras de Cotação da Escala Paradigma da Tonalidade Afectiva das Relações (Original) …… …… …. 89
Anexo D: Alpha de Cronbach para a Segurança e Coerência…… 95
Anexo E: Distribuição de médias, desvios-padrão (SD) e valores máximos e mínimos das histórias para os valores da Coerência e Segurança…… …… …. 97
Anexo F: Correlações entre os valores da Segurança e Coerência nas 5 histórias……... 99
Anexo G: Correlações para Coerência e Segurança das cinco Histórias……. 101
Anexo H: Valores Médios de Segurança e Coerência Totais……. 104
Anexo I: Correlações entre os valores de Segurança e Coerência Totais……..... 106
Anexo J: Alpha de Cronbach e ICC no Fim da 6ª Sessão de Treino de Cotação da Escala Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações da SCORS para cada história…... 108
Anexo K: Alpha de Cronbach e ICC no Fim da 6ª Sessão de Treino de Cotação da Escala Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações da SCORS……... 112
Anexo L: Distribuição de médias, desvios-padrão (SD) e valores máximos e mínimos das histórias para os valores da Tonalidade Afectiva……. 114
Anexo M: Correlações para os valores de Tonalidade Afectiva nas 5 histórias…….. 116
Anexo N: Correlações entre a "Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações" das 5 histórias e variáveis da criança e dos pais…… 118
Anexo O: T-Student em relação a variáveis da criança e dos pais para a Tonalidade Afectiva das 5 Histórias…… 120
Anexo P: Correlações para a variável "Qualidade dos MID" e as Tonalidades Afectivas das 5 Histórias……. 128
Anexo Q: T-Student para o QI Verbal em Relação às Raparigas……. 130

Lista de Tabelas

Tabela 1: Distribuição de médias, desvios-padrão (SD) e valores máximos e mínimos das histórias para os valores da Coerência e Segurança……... 45
Tabela 2: Correlações para os valores da Coerência nas 5 histórias…… 46
Tabela 3: Correlações para os valores da Segurança nas 5 histórias…… 46
Tabela 4: Correlações entre o QI Verbal e os valores da Coerência e Segurança…… 47
Tabela 5: Valores Médios de Coerência e Segurança Totais……... 47
Tabela 6: Distribuição de médias, desvios-padrão (SD) e valores máximos e mínimos das histórias para os valores da Tonalidade Afectiva…….. 49
Tabela 7: Correlações para os valores de Tonalidade Afectiva nas 5 histórias……. 49
Tabela 8: Correlações entre a "Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações" das 5 histórias e variáveis da criança e dos pais……. 50
Tabela 9: Distribuição das médias e desvios-padrão para o valor de Tonalidade Afectiva em relação ao género, ter irmãos, ser-se filho primogénito, ter-se irmãos e ser-se filho primogénito e estado civil dos pais e valores de T de Student…….. 50
Tabela 10: Correlações entre a Tonalidade Afectiva das 5 narrativas e a Qualidade da Vinculação……... 54

Lista de Diagramas

Diagrama 1: Principais Correlações e Diferenças Significativas encontradas em Relação à Tonalidade Afectiva da História da Separação. 55
Diagrama 2: Principais Correlações e Diferenças Significativas encontradas em Relação à Tonalidade Afectiva da História do Monstro no Quarto. 56
Diagrama 3: Principais Correlações e Diferenças Significativas encontradas em Relação à Tonalidade Afectiva da História da Reunião. 57
Diagrama 4: Principais Correlações e Diferenças Significativas encontradas em Relação à Tonalidade Afectiva das diferentes Histórias. 58

Introdução

A Teoria da Vinculação e a Psicanálise são dois grandes campos teóricos e científicos da compreensão do ser humano bem estabelecidos, que se foram desenvolvendo de forma independente (Bretherton, 1998; Fonagy, 2001; Goodman, 2002; Guedeney & Guedeney, 2001; Steele & Steele, 1998).

No entanto, o tempo e uma análise mais cuidada veio demonstrar que apesar de existirem algumas divergências profundas entre estas duas grandes linhas teóricas, existem pontos de contacto, sendo possível estabelecer alguns paralelismos epistemológicos. A teoria da vinculação e a teoria psicanalítica possuem, então, raízes e ideias comuns, ainda que tenham evoluído de formas epistemologicamente diversas (Bretherton, 1998; Fonagy, 2001; Goodman, 2002; Guedeney & Guedeney, 2004; Steele & Steele, 1998).

Historicamente, e baseados nos estudos de Ainsworth e Mary Main, os estudos da teoria da vinculação analisam a vinculação dos indivíduos, categorizando-os segundo diferentes estilos: desorganizado, inseguro evitante, inseguro ambivalente/resistente e seguro. No entanto, é possível analisar e avaliar a vinculação num espectro contínuo com os pólos extremos situados no Desorganizado e no Muito Seguro. Fraley e Waller (1998) e Griffin e Bartholomew (1994) (cits. por Canavarro, Dias e Lima, 2006) afirmam que a avaliação num espectro contínuo possui algumas vantagens: (1) assume uma maior variabilidade entre sujeitos; (2) não impõe fronteiras rígidas de pertença a grupos; (3) exige o esforço conceptual de definição; (4) exige a operacionalização dos componentes básicos da vinculação; e (5) possibilita a realização de estudos psicométricos mais precisos. Embora este não seja um assunto encerrado, optou-se, na presente investigação, por atender às características positivas duma conceptualização contínua da variável de vinculação. A partir destes diferentes estilos/gamas de comportamentos de vinculação, estabelecidos desde fases muito precoces das suas vidas, os indivíduos parecem construir diferentes níveis de representações sobre si, os outros e as relações possíveis entre os seres humanos. Estas representações são denominadas por Bowlby de Modelos Internos Dinâmicos (MID) e são concebidos como sendo influenciadores da forma como os indivíduos se movem, relacionam e lidam com os outros e os afectos, ao longo da sua vida. No extremo mais negativo está o pólo da desorganização, onde se encontra uma maior gama de psicopatologia no adulto e no extremo mais positivo está a representação da vinculação como muito segura, estilo ideal de vinculação que permite uma maior veracidade, liberdade, independência e autonomia do sujeito ao longo da sua vida (Bowlby, 1984; 1985; Bretherton, 1992; Bretherton, Ridgeway &

Cassidy, 1990; Cole, Cole & Lightfoot, 2005; Guedeney & Guedeney, 2004; Kerns et al., 2007; Main & Solomon, 1990; Mikulincer, Shaver & Pereg, 2003; Miljkovitch, 2004; Pietromonaco, Barret & Powers, 2006; Weinfield, 2000, 2004; Zhang, 2004).

Existem diferentes teorias psicanalíticas de relações de objecto, com características específicas (e.g. Klein, Fairbairn, Winnicott, Sullivan, Kernberg, entre outros). No entanto, é possível estabelecer pontos comuns que permitem denominá-las segundo o denominador comum de correntes psicanalíticas de relações de objecto. Para as teorias psicanalíticas de relação de objecto, o relacionamento precoce com os cuidadores primários é algo fundamental que irá originar um mundo objectal interno, colorido em termos afectivos, influenciador da forma como os indivíduos se expressam e movimentam ao longo das suas vidas. Assim, em termos afectivos, existem diferentes formas de estar no mundo com o extremo negativo em representações de si, dos outros e das relações possíveis negativas, resultando em sentimentos de solidão extrema, em que as ligações aos outros/relacionamento social e amoroso são impossíveis e perigosas (origem das estruturas psíquicas psicóticas), e o extremo positivo a ser caracterizado por representações positivas, de mutualidade e enriquecimento, onde as ligações e relacionamentos sociais e amorosos são desejáveis e importantes (Bienenfeld, 2005; Greenberg & Mitchel, 2003; Kernberg, 1005a, 2005b; Lemma, 2003; Summers, 2002; Westen, 1991).

Com estes pontos comuns é possível, por sua vez, estabelecer paralelismos com a teoria da vinculação (Bretherton, 1998; Fonagy, 2001; Goodman, 2002; Guedeney & Guedeney, 2004; Steele & Steele, 1998): (1) Ênfase nas interacções precoces; (2) Ideia de que problemas nas relações precoces (de objecto) vão originar problemas nas relações de adulto, bem como características de personalidade desadaptativas, problemas esses geralmente provenientes de cuidadores (figuras de vinculação) negligentes, intrusivos, não empáticos e/ou abusivos; (3) Os pacientes clínicos trazem os seus padrões característicos de interacção para a terapia, sendo activados na transferência (os Modelos Internos Dinâmicos [MID] aparecem na terapia e são modificados nela, através, por exemplo, da análise de eventos contraditórios); (4) A mudança terapêutica nos indivíduos com relações de objecto perturbadas resulta de experiências reparadoras dentro da psicoterapia bem como de interpretações clarificadoras (análise dos MID, sua especificação e alteração).

É desta forma que se compreende que a ligação/relação entre estas duas teorias podem ser complementares e reforçadores da compreensão do ser humano, seu funcionamento e seu psiquismo, podendo, inclusive, apoiar-se no trabalho clínico prestado em consultório. De facto, e embora o seu número seja ainda reduzido, tem vindo a ser crescente o número de investigações

que procuram inter-relacionar estes dois grandes campos teóricos (e.g., Giles & Maltby, 2004; Goldman & Anderson, 2003; Neal, 2001; Priel & Besser, 2001; Ramos, 2008; Ross, 2008). Esta investigação vem, então, procurar acrescentar alguma luz a esta interligação entre teorias, procurando compreender como se inter-relacionam, bem como estabelecer algumas semelhanças e divergências entre elas.

Aplicou-se a uma mesma amostra de 56 crianças a *Attachment Story Completion Task* (ASCT; Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990), a fim de avaliar os Modelos Internos Dinâmicos de Vinculação e a escala *Social Cognition and Object Relations Relations Scale* (SCORS; Westen, 1995; Westen et al., 2002a; Westen et al., 2002b; Hilsenroth, Stein, & Pinsker, 2004), na sua dimensão da Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações, a fim de avaliar da tonalidade afectiva do mundo objectal interno. Propõe-se a hipótese de que crianças com um Modelo Interno Dinâmico de Vinculação mais Seguro obtenham pontuações mais elevadas ao nível da dimensão analisada com a SCORS.

Enquadramento Teórico

Teoria da Vinculação e Modelos Internos Dinâmicos

A teoria da vinculação foi criada por John Bowlby (1907-1990) e desenvolvida por Mary Ainsworth (1913-1999). Segundo Bretherton (1992), surgiu com o trabalho conjunto destes dois autores e possui as suas bases em conceitos de áreas muito diversas como a etologia, a cibernética, o processamento de informação, a psicologia do desenvolvimento, e a psicanálise. Com a sua criação, Bowlby revolucionou o pensamento sobre o vínculo entre as crianças e as mães, e as perturbações que a separação, privação, e perda podem originar.

Dois conceitos chave desta teoria são o de ambiente de adaptabilidade evolutiva [*environment of evolutionary adaptedness*] e o de proximidade (Bowlby, 1984a). O primeiro provém da teoria da evolução: no ambiente de adaptabilidade evolutiva do homem, o comportamento de base segura, medo do escuro, e outros que demonstram ansiedade e se traduzem num estado de alerta, reduzem a vulnerabilidade aos predadores e garantem a sobrevivência. Também como ser adaptável, o homem desenvolveu um conjunto de predisposições nas suas capacidades de aprendizagem que em interacção com um ambiente seguro lhe permitem desenvolver-se. No entanto, estes comportamentos só têm sentido se a criança estiver na proximidade da figura parental. Assim, remete-se para uma noção espacial de distância: todos os comportamentos de vinculação (Bowlby, 1984a), sejam eles de sinalização (sorriso e vocalização), de natureza aversiva (choro) ou activos (agarrar e gatinhar), embora sendo diferentes na sua especificidade, partilham uma significação idêntica com função semelhante, ou seja, todos retratam que a finalidade do bebé é estar próximo da sua figura vinculativa (Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990).

Bowlby (1984a) definiu duas manifestações particulares que demonstram a vinculação preferencial do bebé: a angústia perante o estranho e o protesto na separação. Por sua vez, Ainsworth descreveu outras quatro características próprias da relação de vinculação: procura de proximidade, noção de base segura, noção de comportamento de refúgio e reacções marcadas pela separação (Guedeney & Guedeney, 2004).

O sistema de vinculação, composto por cinco sistemas motivacionais / comportamentais - sistema de vinculação, sistema exploratório, sistema afiliativo, sistema medo-angústia e sistema de "*caregiving*" -, é constituído por um conjunto de comportamentos vinculativos. O primeiro, o sistema de vinculação propriamente dito, tem como objectivo externo o estabelecimento de proximidade física com a figura de vinculação em função do contexto (a criança escolhe qual o

comportamento a apresentar de acordo com os indícios externos e internos de determinado contexto). É este sistema que regula e controla os elementos activadores (elementos indicadores de perigo ou geradores de stress) assim como os extintores (proximidade com a figura de vinculação) dos comportamentos. De acordo com Bowlby, é um sistema permanentemente activo, uma vez que se a criança se sente ameaçada, seja por elementos activadores internos como a dor, ou externos, como a presença de estranhos, acaba sempre por procurar a figura de vinculação (elemento extintor). Caso se aperceba que o contexto onde se desenrola a acção não é ameaçador, é capaz de começar a brincar, nunca deixando de ter activo o seu sistema de vigilância; o segundo, o sistema exploratório, está ligado à curiosidade e ao domínio; o terceiro, o sistema afiliativo, está ligado à tendência biológica que contribui para a sobrevivência do sujeito e à construção da moralidade, indicando ainda a motivação da criança se envolver socialmente com os outros; o sistema medo-angústia, com os mesmos activadores que o sistema de vinculação está relacionado com o controlo constante que a criança faz quanto à qualidade do contexto onde está inserida: se ameaçador ou securizante; por último, o sistema de "caregiving", complementar ao de vinculação, foi pouco desenvolvido pelo autor e prende-se com a capacidade de prestar cuidados a alguém mais novo. Estes sistemas estão organizados e em balanço, pelo que a activação de um deles está relacionada com a activação dos outros (Bowlby, 1984a).

Assim, o sistema de vinculação preenche a função adaptativa evolutiva de manter as crianças humanas próximo dos seus cuidadores, com quem criam ligações de vinculação e que se tornam as suas figuras de vinculação, permitindo o aumento da sua probabilidade de sobrevivência e reprodução. É, portanto, um sistema comportamental de regulação, não modificável (já que pertence à espécie), activado perante a percepção de uma ameaça física ou psicológica. Se o cuidador não estiver disponível ou for insuficientemente responsivo, então é provável que a criança experiencie stress emocional (e.g.: medo, ansiedade), e se estiver disponível e for suficientemente responsivo, o contacto entre eles deverá ajudar a reduzir o stress emocional, restaurando uma sensação de segurança emocional.

Avaliação dos comportamentos de vinculação

Por sua vez, Ainsworth desenvolveu a teoria de Bowlby com alguns aspectos inovadores, como a criação de uma metodologia (Situação Estranha) que não só permitiu testar empiricamente algumas ideias do autor, mas também ajudou a expandir a teoria (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978).

Os seus estudos permitiram-lhe concluir da veracidade das teses de Bowlby sobre o carácter primário da vinculação, acabando por propor um esquema de desenvolvimento da vinculação em quatro fases (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978):

- Fase inicial de pré-vinculação – primeiras semanas de vida: o bebé não descrimina pessoas;
- Segunda fase - até aos três meses de vida [*phase of attahchment-in-the-making*]: bebé discrimina pessoas conhecidas, respondendo de forma diferente;
- Terceira fase - a partir dos 6/8 meses de vida, fase de vinculação clara [*phase of clear-cut attachment*]: a criança exibe preferência pela mãe, criando um vínculo emocional com ela e explorando o mundo a partir dela;
- Quarta fase, fase de *goal-corrected partnership* – 3º/4º ano de vida: diminuição da egocentricidade, com a criança a ser capaz de perceber o ponto de vista da mãe e, logo, de inferir que sentimentos, motivações, objectivos e planos poderão influenciar os seus comportamentos. Esta capacidade inicialmente é rudimentar, carecendo de desenvolvimento e aperfeiçoamento, com o qual a criança vai construindo com a mãe uma relação de parceria [*partnership*].

Mais tarde a autora propõe uma situação padronizada em sete episódios de separação e de junção (Situação Estranha), que permite descrever três tipos principais de reacção: Dois de vinculação insegura: (1) Vinculação evitante - ca. 20% dos casos: as crianças mostram-se aparentemente pouco perturbadas com a separação e evitam o contacto com as mães no reencontro, evitando o olhar. Quando se encontram ao colo da mãe querem voltar para o chão; e (2) Vinculação resistente/ambivalente - ca. 15% dos casos: as crianças reagem às separações com muita perturbação, são difíceis de consolar na reunião e têm visível dificuldade em "sintonizar" com a mãe; (3) Um de vinculação segura - ca. 65% dos casos: as crianças procuram e mantêm activamente o contacto com a mãe após o reencontro e rapidamente se acalmam e retomam a exploração com a sua chegada. Os seus estudos da relação mãe-criança permitem-lhe ainda relacionar estas categorias da vinculação com o estilo de maternagem correspondente (Guedeney & Guedeney, 2004).

Ainsworth contribuiu ainda para o conceito da figura de vinculação como base segura a partir da qual a criança pode explorar o mundo, e formulou o conceito de sensibilidade materna a sinais infantis e o seu papel no desenvolvimento de padrões de vinculação mãe-criança. Por base segura compreende-se um conhecimento efectivo de que se pode confiar numa figura protectora e que, em qualquer altura e fase da vida do indivíduo, estará disponível. Este conceito é

fundamental nos primeiros anos de vida e torna-se progressivamente um conceito internalizado, que tem como fim a independência do indivíduo. Assim, com a ajuda dos MID, a criança poderá prever o comportamento da figura de vinculação e planear as suas próprias respostas. Por outro lado, em Ainsworth, a noção de segurança de um bebé passa por uma emoção positiva, saudável, que pressupõe o bem-estar e o conforto (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978).

Esta emoção ajuda a criança a organizar-se e a organizar a sua relação com o meio que a rodeia. Com este conceito, a autora modifica a concepção de Bowlby já que para este o sistema de vinculação só se activava face a indícios situacionais. Ainsworth mostra que este sentimento de segurança é fundamental na organização e expressão da vinculação. Como aspectos positivos principais da sua contribuição para a teoria da vinculação estão o facto de ter mudado a ênfase da teoria das separações traumáticas para a qualidade da relação quotidiana, de fornecer uma base empírica para a teoria, de fornecer um instrumento de avaliação da qualidade da vinculação e de criar um sistema de categorias fácil de memorizar. Tudo isto permitiu que a teoria da vinculação ganhasse uma audiência científica considerável (Bretherton, 1992; Guedeney & Guedeney, 2004). A sua metodologia trouxe, no entanto, algumas reservas, ao implicar apenas o nível da observação dos comportamentos, que podem corresponder a sistemas de auto-regulação que existem noutros animais, não se podendo com ela inferir da existência de representações mentais nem da sua prevalência na idade adulta (Bretherton, 1992; Guedeney & Guedeney, 2004).

Por outro lado, quando se começaram a estudar amostras de risco, constatou-se que muitas das crianças não eram classificáveis nos 3 estilos referidos por Ainsworth. Mary Main e Judith Solomon (1990) englobaram estas crianças num quarto estilo, designado de desorganizado/desorientado em que as crianças manifestam inesperadamente comportamentos contraditórios, não direccionados e interrompidos, têm posturas bizarras, e apresentam sinais de medo da figura de vinculação. Os estudos empíricos têm vindo a mostrar que este estilo pode abranger a maioria das crianças em populações de risco (abusos, maus tratos, negligência) e parece ser aquele que tem relações mais fortes com problemas de comportamento e psicopatologia. A interpretação actual é a de que nestas crianças os comportamentos de vinculação estão misturados com o medo: a figura de vinculação tem comportamentos que assustam a criança (Main & Solomon, 1990; Cole, Cole & Lightfoot, 2005).

Modelos Internos Dinâmicos

Segundo Bretherton (2005), Bowlby apresenta o termo Modelos Internos Dinâmicos (MID) pela primeira vez em 1969. Ao postular a sua teoria, Bowlby (1981), afirma que "os cérebros fornecem modelos mais ou menos elaborados que podem induzir a conduta do homem, como se fossem experimentos em escala pequena dentro da cabeça" (p. 111), assim, "a utilização que é dada a um modelo no cérebro é a de transmitir, armazenar e manipular informação que apoie a criação de predições" (p. 111). Em 1980, Bowlby (cit. por Bretherton, 2005), explicita melhor o que entende por MID:

> "Cada situação com que nos deparamos na vida é construída em termos dos modelos representacionais que possuímos do mundo sobre nós mesmos. A informação que nos chega através dos órgãos dos nossos sentidos é seleccionada e interpretada segundo esses modelos, a sua significância para nós e para aqueles com quem nos preocupamos é avaliada segundo eles, e os planos de acção são executados com esses modelos na mente. Para além disso, a forma como interpretamos e avaliamos cada situação transforma-se também na forma como sentimos" (Bowlby, 1980, p. 226; cit. por Bretherton, 2005, p.16)

De facto, a teoria original afirmava que as crianças aprendiam com as interacções com a sua figura de vinculação, transformando este conhecimento em Modelos Internos Dinâmicos (MID) que incluem informação sobre se a figura de vinculação estará disponível e será responsiva (MID da figura de vinculação ou dos outros) e se elas seriam, então, merecedoras de amor (MID do *self*) (Bowlby, 1984a, 1984b). Bowlby (1984b) sugere que entre os diferentes MID que cada indivíduo possui, são mais salientes os do *self* e da figura de vinculação, sendo adquiridos através de padrões de interacção interpessoal e complementares um ao outro: se a figura de vinculação tiver reconhecido a necessidade da criança para o conforto e segurança, respeitando a sua necessidade para a exploração, é provável que desenvolva um modelo interno de *self* valorizado e confiável e vice-versa para um modelo interno de *self* indigno ou incompetente. De facto, Collins e Read (1994) afirmam que é a avaliação emocional do prestador de cuidados e da sua capacidade de resposta às necessidades da criança que conduz à qualidade da relação e à natureza dos MID. Assim, constrói-se um MID do *self* valorizado e competente a partir dum modelo dinâmico dos pais como estando emocionalmente disponíveis, mas também como sendo suporte às actividades exploratórias e um MID desvalorizado e incompetente a partir dum contexto de um modelo dinâmico dos pais como figuras que rejeitam ou ignoram o comportamento de vinculação e/ou interferem na exploração (Sroufe & Feeson, 1986; cits. por Silva *et al.*, 2008). Desta forma,

Miljkovitch (2004) afirma que a teoria da vinculação entende que a criança constrói, através do modelo interaccional que tem com as figuras de vinculação, um modelo interno sobre as relações e vínculos afectivos, os MID, que constituem, então, as representações mentais da relação de vinculação, as representações de base segura. Segundo a teoria, estes MID guiam os pensamentos, emoções e comportamentos, dando forma às tentativas de regulação das emoções nas situações subsequentes. Assim, as crianças aprendem o que esperar da figura de vinculação e consoante as características particulares desta interacção, aprendem que estratégias mais as irão ajudar a superar o stress emocional (Cassidy, 1994; cit. por Pietromonaco, Barret & Powers, 2006; Guedeney & Guedeney, 2004; Kerns *et al.*, 2007; Mikulincer, Shaver & Pereg, 2003).

Segundo Waters e Waters (2006), Bretherton (e.g., 1987, 1990) foi a primeira a assinalar a importância do trabalho de Schank (1982, 1999), Nelson (1986) e outros sobre os esquemas e *scripts* de acontecimentos, estruturas cognitivas estáveis que reúnem e resumem os pontos comuns ao longo de uma classe de acontecimentos, tais como a personagem principal, a cadeia causal de acontecimentos e a sua resolução. Assim, estas estruturas cognitivas geram expectativas, ajudam a preparar e organizar o comportamento (e.g., Sirigu, Zalla, & Pillon, 1995; cits. por Waters & Waters, 2006), têm importância motivacional (e.g., Bargh, 1996; cit. por Waters & Waters, 2006) e possuem um papel importante nos processos de reconstrução e recuperação de experiências passadas (e.g., Kuebli & Fivush, 1994; cits. por Waters & Waters, 2006). Waters, Rodrigues e Ridgeway (1998) (cits. por Silva *et al.*, 2008), afirmam que os recentes avanços da Psicologia Cognitiva permitiram que a investigação na área da Teoria da Vinculação pudesse trabalhar ao nível da representação: a partir da apropriação destes conceitos da psicologia da cognição social, foi proposto que a história do suporte de base segura de um indivíduo esteja representada na memória como um *script* de base segura (e.g., Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001; cits. por Waters & Waters, 2006).

No entanto, outros autores, como Crittenden (1990) e Bretherton (1991) (cits. por Silva, *et al.*, 2008), consideram que os MID de Bowlby, embora tenham uma componente cognitiva semelhante aos *script,* possuem também uma componente afectiva adicional a qual não é acessível numa investigação ou consideração unicamente devotada aos *scripts*. De facto, Collins e Read (1994) defendem que os MID são compostos por quatro componentes interrelacionais: (1) memórias das experiências da relação de vinculação; (2) crenças, atitudes e expectativas sobre o *self* e os outros na relação de vinculação; (3) objectivos, estratégias e necessidades relativas à vinculação; e (4) planos relacionados com os objectivos, realizados na relação de vinculação.

Por último, segundo Bretherton (1992), nos últimos anos da sua vida, Bowlby preocupou-se com a utilização da sua teoria na psicoterapia. Sob a sua teoria, o objectivo clínico principal seria a revisão de MID desadequados e antiquados através dum ambiente securizante. Uma das formas de o fazer, seria localizando os desvios entre memórias e guiando a recordação dos episódios, procurando melhor integrá-los no sistema de representações. Com isto o paciente deixa de precisar de restringir as suas representações e de ter que se defender de certas informações. Deixa, então, de funcionar segundo o MID antigo, desenvolvido com as suas figuras parentais, passando a funcionar segundo um MID actualizado que lhe permite ser sensível às emoções expressas pelos outros (Miljkovitch, 2004). Assim, mais do que assumir que a vinculação e suas representações possam sofrer alterações devido a mudanças no ambiente do sujeito, Bowlby entendia que poderia ser necessário modificá-los a fim de proporcionar modos de funcionamento menos patológicos e mais verdadeiros.

Estabilidade dos Modelos Internos Dinâmicos

Segundo Bowlby (1979) (cit. por Pietromonaco & Barret, 2000) e Park e Waters (1989), Weinfield *et al.* (1997) e Wood *et al.* (2004) (cits. por Torres, Santos & Santos, 2008), as representações internas, ou MID, formadas no contexto da relação criança-cuidador, influenciam e guiam os pensamentos, emoções e comportamentos do sujeito no seu funcionamento interpessoal. Assim, Miljkovitch (2004) e Ainsworth (1989) explicam que os MID são, ao longo da vida, utilizados para assimilar novas experiências, condicionando a forma como elas são percepcionadas, ao direccionar de forma inconsciente (Pietromonaco & Barret, 2000) a atenção dos sujeitos para informação consistente com a das suas representações internas e ao produzir interpretações de eventos interpessoais consistentes com essas representações. Isto explica, em parte, porque se trata de algo estável ao longo das vidas das pessoas, mesmo perante situações diversas às experienciadas na infância.

Bowlby (1985) utilizou as teorias do processamento de informação para explicar a crescente estabilidade dos MID: dado que os antigos padrões de acção e pensamento guiam a atenção selectiva e o processamento de informação nas novas situações, será normal e inevitável ocorrer alguma distorção da nova informação, existindo situações em que o MID é um obstáculo à percepção de nova informação. Este processo tem o nome de exclusão defensiva e pode ter duas possíveis origens: os interditos transmitidos pelos pais e a exclusão de informações demasiadamente dolorosas. O MID não é, então, receptivo à integração de informações que

possam ser dolorosas ou ameaçar a relação de vinculação, tornando-se resistente à mudança. O modelo criado fecha-se sobre si mesmo, levando os sujeitos a permanecer influenciados pelos modos de interacção adquiridos na infância, trazendo-os para as novas relações, condicionando-as: em vez de se adaptarem às pessoas, e de serem sensíveis ao que é experimentado, funcionam como com as suas figuras de vinculação, recreando os mesmos tipos de trocas que conheceram na infância (Miljkovitch, 2004).

Bowlby (1985) reforça esta estabilidade dos MID através de outro processo, relacionado com os trabalhos de Tulvig (Bretherton, 1992) sobre os sistemas de memorização, onde se afirma que as informações relativas às experiências afectivas podem estar armazenadas em dois níveis: semântico e episódico. A memória episódica contém as recordações de episódios específicos da vida, factuais, mas também emocionais e a memória semântica contém representações generalizadas desenvolvidas a partir das experiências vividas. Na sua actividade clínica, Bowlby notou que por vezes haviam incongruências no discurso dos seus pacientes sobre a vinculação: ou a generalização por eles expressa sobre a figura de vinculação não correspondia a episódios específicos, ou vice-versa. As informações guardadas na memória semântica podem provir também de outras pessoas, pelo que as avaliações parentais podem ser integradas no modelo semântico que a criança constrói: se o pai reinterpreta aquilo que a criança viveu duma maneira diferente da que ela percepcionou, ela interiorizará dois modos distintos do acontecimento. Estes desvios impedem os sujeitos de integrar certas informações e de ajustar os seus MID às novas experiências (Bretherton, 1992; Guedeney & Guedeney, 2004).

No entanto, Bowlby entendia também que os MID se desenvolviam à luz das experiências vinculativas durante a infância e adolescência. Assim, a vinculação e correspondente MID, a fim de se manterem adaptativas, podiam-se modificar em resposta a novas experiências relacionais, a um ambiente cuidador substancialmente modificado. Não responderiam, no entanto, a perturbações menores: a vinculação e suas representações manter-se-iam estáveis ao longo do desenvolvimento se o ambiente de cuidados reforçasse o modelo original, mudando apenas se a adaptação o requeresse (Bretherton, 1992; Weinfield, 2000, 2004; Zhang, 2004).

Avaliação dos Modelos Internos Dinâmicos de Vinculação

É Mary Main quem vem permitir estender empiricamente esta teoria à idade adulta com a criação duma nova metodologia de investigação, *Adult Attachment Interview* (AAI) que permite, então, examinar o nível das representações, a partir da análise do discurso, classificando-as

segundo tipos: "Tipo Autónomo" (estilo seguro), "Tipo Desligado" (estilo Evitante) ou "Tipo Preocupado" (estilo Resistente/Ambivalente). Desta forma a autora avalia os MID dos adultos, ultrapassando a avaliação comportamental intrínseca à metodologia de Mary Ainsworth.

De facto, segundo Greenberg, Cicchetti e Cummings (1990) (cits. por Lilleskov, 1992), Page (2001), e Mayseless (2006), os estudos iniciais sobre a vinculação focaram-se nos padrões comportamentais, fazendo muito pouca referência aos acontecimentos internos. No entanto, com o tempo, os investigadores foram-se focando no conceito de MID. De facto, segundo Main, Kaplan e Cassidy (1985) (cits. por Mayseless, 2006) os investigadores começaram a focar-se no estudo dos MID, de forma a compreender o funcionamento dos sistemas comportamentais de Bowlby, especificamente o de vinculação (e.g. Bretherton & Munholland, 1999; Collins & Read, 1994; Crittenden, 2000; cits. por Lilleskov, 1996).

Mayseless (2006) traça o percurso que o entendimento sobre os MID foi tendo ao longo do tempo: (1) são construídos sobre experiências reais com os cuidadores; (2) servem para regular, interpretar e predizer os comportamentos vinculativos, pensamentos e emoções do próprio e dos cuidadores, não reflectindo apenas a realidade, mas podendo também regulá-la e criá-la; (3) são flexíveis, podendo actualizar-se à luz de novas experiências e informação e, logo, modificar-se através da capacidade do indivíduo de interpretar e reflectir sobre diferentes experiências; (4) as representações do ambiente e do *self* envolvem diferentes sistemas de memória: procedimental, semântica e episódica, em vários níveis de consciência e envolvem graus variados de carga afectiva; e (5) reflectem a operação de diversos processos defensivos que servem para proteger o indivíduo de ansiedade e sofrimento psicológico intolerável. Estes processos defensivos estão envolvidos em todas as facetas dos MID, como as representações do ambiente e do *self*, o estabelecimento de objectivos e os planos adoptados para os atingir.

Investigação dos MID no pré-escolar

Segundo Bretherton (1992) e Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978), a teoria de Bowlby entendia que no período pré-escolar o sistema comportamental de vinculação, complementar ao sistema de *caregiving* parental, sofria uma nova reorganização, com a criança a alcançar um discernimento maior sobre os motivos e planos da figura de vinculação. Esta fase corresponde à 4ª fase do desenvolvimento da vinculação, acima referida, a fase de *goal-corrected partnership*.

De facto, Main, Kaplan e Cassidy (1985) (cits. por Silva *et al.*, 2008), indicam que os MID, durante a infância, operam sobretudo ao nível do sensório motor, assistindo-se no período

pré-escolar, sobretudo após os três anos de idade, a uma reorganização do comportamento para um nível mais simbólico. As crianças desta idade precisam cada vez menos da proximidade física para se sentirem protegidas e as suas capacidades cognitivas e de linguagem mais desenvolvidas permitem-lhe antecipar, representar mentalmente e em brincadeiras, bem como descrever verbalmente o comportamento do prestador de cuidados em relação à sua acessibilidade e responsividade em situações ameaçadoras (Marvin & Britner, 1999; cits. por Silva *et al.*, 2008). Assim, apresentam uma grande evolução ao nível do conhecimento de experiências sociais e da sua capacidade de representação esquemática (Nelson, 1986; cit. por Silva *et al.*, 2008). A investigação tem vindo a mostrar que aos três anos de idade, a linguagem das crianças pode ser utilizada para aceder aos seus MID (Bretherton, 1987). Por sua vez, Maia *et al.* (2008) entendem que a produção espontânea de narrativas por parte das crianças pode ser vista como uma tentativa progressiva para organizar, dar significado e comunicar experiências relacionais presentes e passadas.

Desta forma, a exploração da vinculação no período pré-escolar levantou questões metodológicas (DeMulder, Denham, Schmidt & Mitchell, 2000), sendo necessário adequar a metodologia exploratória da vinculação às características cognitivas e emocionais desta fase.

Embora a situação laboratorial de Ainsworth, Situação Estranha, tenha sido, e ainda seja bastante utilizada na investigação (e.g. Johnson, Dweck & Chen, 2007; Pauli-Pott & Mertesacker, 2009; van Ijzendoorn, Bard, Bakermans-Kranenburg & Ivan, 2009; Waters, 1978; Vaughn, Egeland, Sroufe & Waters, 1979), o seu tempo de aplicação, a utilização de uma situação laboratorial, mas sobretudo a vontade de aceder aos MID das crianças e a idade mais avançada das crianças pré-escolares, levou à criação de novas formas de medida. Estas medidas privilegiam a utilização conjunta do jogo e da narrativa: se, por um lado, a linguagem é mais desenvolvida que no período precedente, permitindo aceder a conteúdos mentais, o desenvolvimento verbal ainda não está totalmente efectuado, podendo tornar-se um obstáculo à investigação. A principal versão deste protocolo de narrativa-jogo é o *Attachment Story Completion Task* (ASCT; Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990), utilizado na presente investigação, e a *MacArthur Story Stem Battery* (Bretherton, Oppenheim, Buchsbaum, & Emde, 1990; cits. por Page, 2001). Segundo Page (2001), as principais diferenças entre estas duas metodologias estão nas narrativas iniciais (que são diferentes), constituindo-se, na realidade, como uma mesma metodologia.

Greenberg, Cicchetti e Cummings (1990) (cits. por Brinich, 1995), mostram como esta metodologia ganhou apreciação crescente junto dos investigadores, por acederem aos MID subjacentes ao comportamento das crianças e dos seus cuidadores. As histórias da bateria de

MacArthur têm vindo a ser utilizadas no estudo de diferentes áreas, tais como o desenvolvimento moral, a expressividade emocional, o comportamento pró-social, a representação parental, a agressividade, o *locus* de controlo, o temperamento, a natureza dos processos defensivos, a regulação emocional e a estratégias de resolução de conflitos (Emde *et al.*, 2003; cits. por Maia *et al.*, 2008). De facto, segundo Johnson, Dweck e Chen (2007), a investigação tem vindo a demonstrar que em crianças mais velhas e nos adultos, as diferenças individuais na segurança de vinculação estão relacionadas com as representações do indivíduo sobre as relações sociais (Bretherton & Munholland, 1999; cits. por Johnson, Dweck & Chen, 2007). Tem também demonstrado que a ASCT permite avaliar a associação entre as respostas das crianças e a forma como representam a narrativa através do jogo em comportamentos de vinculação e as suas as representações internas (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985; cits. por Silva *et al.*, 2008). Segundo Silva *et al.* (2008), a primeira investigação que utilizou uma metodologia de narrativas, o Teste de Ansiedade de Separação (SAT) (adaptação de Klaugsburn & Bowlby, 1976; cits. por Silva *et al.*, 2008) para aceder aos MID foi a de Main, Kaplan e Cassidy (1985), com crianças de seis anos de idade. Maia *et al.* (2008), referem o estudo de Toth *et al.* (2000) na utilização da ASCT em investigação.

Avaliação da Vinculação Categorial versus Contínua

Historicamente, e baseados nos estudos de Ainsworth e Mary Main, a grande maioria dos estudos sobre a teoria da vinculação analisam-na segundo categorias qualitativas: desorganizado, inseguro evitante, inseguro ambivalente/resistente e seguro. No entanto, vários foram os investigadores (e.g. Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Simpson, 1990; cits. por Fraley & Waller, 1998) a dar-se conta das limitações que tal categorização impõe: (1) assume que cada estilo de vinculação é independente dos outros; (2) não permite aceder ao grau em que cada estilo é característico no indivíduo; e (3) não permite a estimação do erro de medida. Assim, alguns investigadores começaram a utilizar escalas de avaliação contínuas nos seus instrumentos e investigações. Desta forma, tornou-se possível analisar e avaliar a vinculação num espectro contínuo com os pólos extremos situados no Desorganizado e no Muito Seguro. Segundo Fraley e Waller (1998) e Griffin e Bartholomew (1994) (cits. por Canavarro, Dias e Lima, 2006), a avaliação num espectro contínuo possui algumas vantagens: (1) assume uma maior variabilidade entre sujeitos; (2) não impõe fronteiras rígidas de pertença a grupos; (3) exige o esforço

conceptual de definição; (4) exige a operacionalização dos componentes básicos da vinculação; e (5) possibilita a realização de estudos psicométricos mais precisos.

Segundo Fraley e Waller (1998), um dos modelos mais proeminentes nestas medidas contínuas é o de Bartholomew (1990) e Bartholomew e Horowitz (1991) (cits. por Fraley & Waller, 1998), que categoriza a vinculação segundo quatro categorias, de forma bi-dimensional, definidas pela ansiedade e o evitamento, facto que permite aceder ao grau no qual os indivíduos pertencem a cada categoria. Segundo os mesmos autores, este modelo encorajou os investigadores a continuar a utilizar medidas contínuas. Ainda assim, asseguram que ainda não existe uma solução sólida nesta questão, pelo que as medidas adoptadas pelos investigadores da vinculação se baseiam muitas vezes na conveniência ou convenção. A investigação de Fraley e Waller (1998), sugere que as diferenças individuais na organização de vinculação do adulto se encontram distribuídas de forma quantitativa, tanto no nível manifesto como latente. Para explicar esta variabilidade quantitativa, os autores avançam com a possibilidade de existirem numerosas variáveis a contribuírem para a organização da vinculação, sendo importante, então, identificar os factores múltiplos que afectam o desenvolvimento dos MID, bem como medir o grau em que o fazem. Os autores referem ainda que esta questão tipológica/contínua é importante por influenciar o tipo de questões que se colocam nas investigações: "a forma como uma variável é conceptualizada, tem um impacto profundo no tipo de questões que se colocam sobre essa variável" (p. 101), podendo estar-se a restringir o tipo de questões de investigação ao escolher uma conceptualização tipológica ou ainda a promover equívocos sobre a etiologia e composição dos padrões de vinculação do adulto. Assim, concluem que é crítico conseguir-se resolver esta questão para melhor e mais se poder avançar na investigação. No entanto, de lá para cá ainda não foi possível resolver esta questão, existindo ainda variadas discussões e publicações sobre o assunto (e.g. Fraley, & Spieker, 2003; Waters & Beauchaine, 2003).

De facto, Sroufe (2003), em defesa do modelo de categorias, afirma que até agora, o sistema de classificação de vinculação de Ainsworth tem servido de forma relativamente boa o campo da investigação da vinculação, sendo difícil de ser substituído. É por este motivo que considera que muitos autores permanecem a utilizar o sistema categórico. O autor refere que o estudo de Fraley e Spieker (2003) não conseguiu demonstrar que a aproximação dimensional é mais poderosa que a categórica. Por outro lado, recorda que as escalas dimensionais não conseguem também capturar a totalidade dos casos, facto importante quando as investigações se baseiam em amostras reduzidas. Assim, afirma que seria necessário determinar os inúmeros padrões encontrados na situação estranha, admitindo dimensões tão diversas como a distância de

interacção, a passividade, a qualidade da exploração, o tratamento preferencial dos cuidadores, a partilha afectiva, o comportamento exploratório (durante as separações), a circunspecção e o comportamento de saudação.

Na presente investigação optou-se por se atender às características positivas duma conceptualização contínua da variável de vinculação, utilizando-se os critérios de cotação para a ASCT, segundo as propostas de Bretherton, Ridgeway e Cassidy (1990), Bretherton e Winn (1995), Emde, Wolf e Oppenheim (2003), Granot e Mayseless (1998), Golby, Page, e Bretherton (1995, 2001), Heller (2000), Robinson, Mantz-Simmons, MacFies e *the MacArthur Narrative Working Group* (1995), que as cotam segundo três dimensões/parâmetros diferentes: a Coerência da Narrativa, a Segurança da Vinculação (num contínuo de segurança) e a Resolução da História. Assim, cada uma das histórias é cotada numa escala de 8 pontos para a: *Coerência* da narrativa e a *Segurança* da vinculação e numa escala de 4 pontos para a *Resolução* (Heller, 2000).

Teorias Psicanalíticas de Relação de Objecto e as Relações de Objecto Internalizadas

O termo "relações de objecto", segundo Lemma (2003), apareceu pela primeira vez num trabalho publicado por Karl Abraham em 1921. Segundo Fairbairn (1952), Guntrip (1971), Klein (1948) (cits. por Westen, 1991) e Winnicott (1975), o interesse nas relações de objecto desenvolveu-se à medida que os clínicos começaram a encontrar pacientes cujas patologias se expressavam interpessoalmente, parecendo mais pervasivas e perniciosas que os sintomas neuróticos, como as fobias e as compulsões. Partilhando os princípios do papel dos outros na modelagem da pessoa, os diferentes autores das teorias psicanalíticas de relação de objecto (TRO) criaram diferentes esquemas de pulsão e estrutura, desde pequenas modificações à psicanálise clássica, como no caso de Klein e Margaret Mahler, à quase completa rejeição do modelo estrutural-pulsional, como no caso de Winnicott e Otto Kernberg (Bienenfeld, 2005).

As TRO seguem um modelo psicanalítico por acreditarem na importância das motivações inconscientes, na existência de defesas contra a consciência de motivações inconscientes e por se centrarem na descoberta de significados subjacentes. Os diferentes autores destas teorias entendem que o ser humano é motivado de forma autónoma para a criação de relações de objecto, sendo a formação da personalidade produto de relações de objecto internalizadas ao longo do desenvolvimento (Summers, 2002).

As relações de objecto são, então, relações interpessoais, vistas do ponto de vista do participante que as experiencia e incluem um estado do *self*, um objecto, foco da experiência, e

uma ligação afectiva entre ambos, tendendo a ser algo complexo com motivações inconscientes, afectos e interacções complexas entre o participante e o objecto. Enquanto a relação for entendida do ponto de vista do participante experienciador, é, segundo Summers (2002), uma relação de objecto. Para Kernberg (2005a), as TRO podem ser definidas como as que colocam a internalização, estruturação e reactivação clínica (na transferência e contra-transferência) das relações de objecto diádicas primárias no centro das suas formulações motivacionais.

O mesmo autor afirma que o conceito de internalização de objecto se refere à ideia de que o que é internalizado a partir das diferentes interacções entre a criança e as suas figuras parentais significativas, é a relação entre o *self* e o outro, na forma de uma imagem do *self*, ou auto-representação em interacção com uma imagem do objecto ou representação do objecto, criando-se uma estrutura interna sobre o *self*, o outro e as possíveis interacções e afectos entre ambos. Assim, esta estrutura interna replica, no mundo intrapsíquico, as relações tanto reais como fantasiadas com os outros significativos. Summers (2202), refere que o conceito de internalização existe já em Freud, mas que nas TRO, a internalização é motivada pela necessidade de auto-desenvolvimento, sendo considerada como um guia para o mundo interpessoal.

Westen (1991) e Greenberg e Mitchell (2003) indicam que existe uma longa linha de teóricos das relações de objecto que criaram modelos desenvolvimentais e procuraram localizar várias formas de patologia relacional/objectal num contínuo desenvolvimental. De facto, Kernberg (2005a), Greenberg e Mitchell (2003), Summers (2002) e Bienenfeld (2005), entre outros, afirmam que existem numerosas TRO e que muitos são os assuntos que as separam e dividem, colocando, cada uma, a ênfase/foco em aspectos diferentes e utilizando, cada uma, a sua linguagem específica. No entanto, cada uma delas é construída no princípio de que as relações de objecto são os blocos primários de construção da psique.

Este foco nas relações de objecto, com o conflito centrado na necessidade do objecto e o desenvolvimento do *self*, vem, então, substituir a teoria Freudiana da formação de sintoma (i.e. o modelo estrutural-pulsional), enraizada nas defesas internas contra pulsões, hipotetizando que estes pacientes com perturbações ao nível interpessoal e da personalidade, manifestam uma "falha básica" (Balint, 1979) na sua experiência do *self* e dos outros, com início na relação precoce bebé/cuidador primário (Summers, 2002; Westen, 1991).

Apesar das diferenças entre as várias TRO, é possível agrupá-las, sendo comum fazê-lo da seguinte forma: (1) escola inglesa de relações de objecto, com autores como Melanie Klein, Ronald Fairbairn, Donald Winnicott, Bion, Balint, e Guntrip; (2) escola americana da psicanálise interpessoal, com origem em Sullivan; e (3) psicologia do *Self* de Heinz Kohut (embora esta

escola goste de se colocar um pouco à parte, considerando-se como uma teoria totalmente independente e nova, veremos que, de facto, pode ser incluída neste grupo de TRO).

Faz-se de seguida, e em primeiro lugar, uma breve descrição de algumas das teorias dos autores referidos, após o que se realiza uma tentativa de estabelecer pontos comuns entre todas.

Teoria de Relação de Objecto de Melanie Klein

Melanie Klein (1982-1960), foi, segundo Westen (1991), Greenberg e Mitchell (2003), Lemma (2003) e Kernberg (2005b), uma das primeiras a enunciar um modelo de relações de objecto. A sua teoria incorpora a teoria dual pulsional de Freud, enfatizando a importância da agressão inata como um reflexo do instinto de morte. No entanto, para Klein, as pulsões são inerentemente direccionadas para os objectos: uma criança não pode experienciar a libido sem um objecto libidinal. Klein afirmava que a fantasia era primária, e que o bebé nascia com um mundo objectal densamente povoado, realizando distorções das percepções das pessoas reais de forma a acomodá-las aos padrões desse mundo interno (Greenberg & Mitchell, 2003; Hinshelwood, 2005; Kernberg, 2005b; Klein, 1991; Lemma, 2003). A autora descreveu duas fases de desenvolvimento a que denominou de posições e que definem constelações de fantasia, emoção, defesas e relações de objecto que constituem polaridades recorrentes da experiência humana em todas as fases do desenvolvimento psicosexual humano. São elas a posição paranoide, mais tarde denominada de posição esquizo-paranóide e a posição depressiva e ambas podem originar desenvolvimentos patológicos da psique humana, desde a esquizofrenia e psicose paranóide, aos sindromas hipomaníacos e psicose depressiva. (Greenberg & Mitchell, 2003; Hinshelwood, 2005; Kernberg, 2005b; Klein, 1991; Lemma, 2003).

Os kleinianos tendem a considerar as pulsões como importantes na formação de relações de objecto, ainda que considerem que as relações de objecto são a base de todo o desenvolvimento. Consideram, então, que a patologia surge de problemas com a pulsão agressiva, embora considerem que todas as pulsões existem apenas dentro das relações de objecto (Summers, 2002). Segundo Westen (1991), a sua obra foi importante devido ao seu foco nas representações, na motivação e na sua descrição da fenomenologia de pacientes com severas perturbações de personalidade.

Embora o interesse de Klein esteja na necessidade que o indivíduo tem dos objectos, o seu foco principal foi sempre o dos impulsos instintuais primitivos e os seus efeitos fantasiados nos objectos internos, estando menos interessada na forma como as pessoas reais contribuem

para essas fantasias e para a psicopatologia. Tal interesse desenvolve-se nos autores posteriores, como veremos de seguida (Lemma, 2003).

Teoria de Relação de Objecto de Fairbairn

Ronald Fairbairn (1889-1964), foi, segundo Summers (2002), o primeiro psicanalista a questionar a motivação humana baseada nas pulsões. De facto, Greenberg e Mitchell (2003) (p. 187) afirmam que "juntamente com a «psiquiatria interpessoal» de Sullivan, fornece a expressão mais clara e mais pura da mudança do modelo estrutural-pulsional para o modelo estrutural-relacional". Fairbairn vem desenvolver, então, uma nova teoria de motivação humana, uma alternativa interpessoal, defendendo que o bebé humano procura o objecto e relações com ele, e não a obtenção de prazer como Freud preconizava, afirmando que o ego apenas pode crescer através de relações de objecto satisfatórias: se as figuras parentais não providenciarem um cuidado adequado, o ego não se poderá desenvolver, resultando em patologia. Assim, a maior motivação do ser humano seria a necessidade de relacionamento, de amar e de ver esse amor aceite pelo cuidador. Estas relações são denominadas de relações de objecto e são, segundo Fairbairn, internalizadas sob a forma de objectos, formando imagens dos cuidadores e das possíveis relações com eles na psique que se vão tornar guias para todas as relações posteriores (Bienenfeld, 2005; Greenberg & Mitchell, 2003; Johns, 2005a; Summers, 2002; Westen, 1991).

Para este autor, a psicopatologia reflectiria a luta entre o desejo intenso de contacto e as características irreconciliáveis dos outros: se o ego fosse forçado a permanecer fragmentado de forma a manter contacto com as representações clivadas dos outros (ego central, ego libidinal e ego anti-libidinal), o *self* genuíno jamais poderia emergir (Bienenfeld, 2005; Greenberg & Mitchell, 2003; Johns, 2005a; Kernberg, 2005b; Summers, 2002; Westen, 1991).

Assim, Kernberg (2005b) afirma que a TRO de Fairbairn é semelhante à de Klein, ao propor que o ego está presente desde o nascimento, que a libido é uma função do ego e que não existe instinto de morte, com a agressividade a ser uma reacção à frustração ou privação.

Teoria de Relação de Objecto de Winnicott

A TRO de Donald Winnicott (1896-1971), segundo Kernberg (2005b) e Greenberg e Mitchell (2003) é menos sistematizada que a dos anteriores autores. Ainda assim, os seus escritos influenciaram profundamente a teoria e prática psicanalítica. Winnicott entendia a natureza humana como basicamente boa, enfatizando o papel dum ambiente específico na formação dessa

natureza para melhor ou pior. Assim, descreve a necessidade de um cuidado materno adequado, com uma sensibilidade constante aos desejos não falados do bebé (mãe suficientemente boa, preocupação maternal primária, *holding*), já que a sua experiência primária é de oscilação ente estados afectivos integrados e não integrados. Assim que a mãe tivesse fomentado esta ilusão de omnipotência, as suas falhas inevitáveis permitiriam à criança aprender sobre a realidade. Cedo a criança desenvolveria necessidade de relações de objecto separadas das necessidades pulsionais precoces, com a mãe, suas atitudes e emoções a tornarem-se mais importantes que a gratificação por ela fornecida. Estas relações de objecto tornar-se-iam estruturadas no *self*. Se a mãe não proteger a ilusão de omnipotência, ou se for intrusiva nos seus momentos privados, a criança desenvolve um falso *self*, conformista e adaptado às necessidades e expectativas do cuidador, já que é ainda dependente da sua mãe para sobreviver. Em resultado, o seu verdadeiro *self* é enterrado. Há, então, um processo que vai duma omnipotência infantil para uma relação adaptada com o mundo externo, através da estruturação no *self* das relações de objecto. Numa fase intermédia a criança utiliza o objecto transicional, objecto que ocupa um espaço entre a ilusão e a realidade e que para Winnicott é a primeira criação da mente e o início da criatividade humana (Bienenfeld, 2005; Greenberg & Mitchell, 2003; Johns, 2005b; Kernberg, 2005b; Summers, 2002).

Então, para este autor, a psicopatologia provém do não providenciar de um bom *holding* e de uma mãe suficientemente boa, facto que impede a emergência do verdadeiro *self*, havendo um aprisionamento do desenvolvimento (Bienenfeld, 2005; Greenberg & Mitchell, 2003; Johns, 2005b; Kernberg, 2005b; Summers, 2002). Assim, para Winnicott, a dependência da criança em relação à mãe e as fases do abandono são as variáveis mais importantes no desenvolvimento e na psicopatologia (Summers, 2002).

Teoria de Relação de Objecto de Sullivan

Harry Stack Sullivan (1892–1949) originou a escola americana de psicanálise interpessoal. Para este autor, a vida psíquica começa com a internalização de relações com outros significativos, tendo todos os fenómenos psicológicos origem no mundo interpessoal. Desta forma, as necessidades humanas essenciais corresponderiam a "necessidades de satisfação", conceito referente a "necessidades de segurança", ou seja, necessidade de experiências gratificantes com os outros que permitam o consolidar do sentido de um *self* seguro e de um sentimento de bondade básica. O não cumprir desta necessidade originaria ansiedade que, em excesso, conduziria à psicopatologia. Assim, a sua teoria interpessoal sublinha a importância das

interacções sociais precoces no desenvolvimento da compreensão e construção do *self*, derivando a psicopatologia (distorções de personalidade e do auto-conceito) da necessidade de evitar ansiedade gerada interpessoalmente (Conci, 2005; Greenberg & Mitchell, 2003; Kernberg, 2005b; Sullivan, 1996; Westen, 1991).

Teoria de Relação de Objecto de Margaret Mahler

A teoria e investigação de Margaret Mahler-Schönberger (1897–1985) e seus seguidores foi, segundo Westen (1991), muito importante para o desenvolvimento das TRO. Mahler desenvolveu uma teoria das pré-condições psicoestruturais da psicose autística, simbiose psicótica, separação-individuação normal e patológica, com o desenvolvimento a culminar numa constância do objecto e no consolidar de uma estrutura tri-partida (Kernberg, 2005b). Para esta autora, os objectos são qualquer coisa que tenha tido contacto com a criança e não estão ligados a pulsões. Mahler refere-se a uma "mãe geralmente devotada" e a um "meio em média expectável" [*average expectable environment*], necessários ao desenvolvimento normal, conceptualizando três fases do desenvolvimento psicológico humano (fase autística normal, fase simbiótica normal e fase de separação individuação, esta última culminando na (sub)fase de constância do objecto libidinal) num processo de separação-individuação, em que a criança desenvolve um sentido de *self* e de autonomia, ao mesmo tempo que mantém um sentido de ligação ao cuidador primário. Assim, a criança deveria encontrar uma maneira de satisfazer as suas necessidades a fim de conseguir atingir a sua independência no contexto de ligações fortes aos cuidadores. A extensão na qual a criança consegue utilizar os outros de forma a se satisfazer e a providenciar uma base de segurança a partir da qual pode explorar o mundo é entendida como algo crucial, dela derivando o desenvolvimento mais normal ou mais patológico (Bienenfeld, 2005; Greenberg & Mitchell, 2003; Kernberg, 2005b; Mazet, 2005).

Teoria de Relação de Objecto de Kohut

Heinz Kohut (1913–1981), por sua vez, desenvolveu a teoria psicanalítica do *self*. O seu trabalho deriva, tal como o de Kernberg da tentativa de compreender os diferentes níveis de organização da personalidade encontrados na clínica: psicótico, borderline e neurótico, ao verificar que haviam pacientes cujas dificuldades não se conseguiam cingir a problemas na gestão das pulsões instintuais (como na teoria pulsional), à organização inflexível de defesas contra a ansiedade (como na teoria do ego), nem à activação de objectos internos deficientemente

diferenciados do *self* (como nas TRO) (Greenberg & Mitchell, 2003; Kohut, 1977; Lemma, 2003; Westen, 1991). Segundo a sua teoria, o ser humano nasce com um *self* em desenvolvimento, pouco diferenciado e com representações passageiras e pouco integradas (estágio do *self* fragmentado). Deste, pode emergir um *self* nuclear cuja estrutura é bipolar (pólo das ambições – self grandioso - e pólo dos ideais – *imago* parental idealizada), dependendo os talentos e capacidades do sujeito da estrutura e posição relativa destes dois pólos. O desenvolvimento deste *self nuclear* está dependente da relação da criança com o cuidador primário *(*relação de *self*-objecto do *self*), ou seja, do grau em que o objecto do *self* providencia as funções necessárias ao *self*, num processo denominado de internalização transmutadora. A psicopatologia proviria da acção de cuidadores não capazes de espelhar de forma empática o sentido de grandiosidade da criança, e/ou não capazes de se oferecer como modelos impressionantes e grandiosos, desenvolvendo-se defeitos num ou em ambos dos pólos do *self* emergente, conduzindo à necessidade de protecção e, logo, a uma clivagem do estado narcísico original que, não resolvido, continua a influenciar a personalidade do sujeito. Assim, o processo de internalização de importantes funções maternas, como a regulação da necessidade e auto-estima é falhado, podendo conduzir à incapacidade de tolerar uma momentânea falta de gratificação, oscilações extremas entre a sobrevalorização e desvalorização do *self* e dos outros, a uma desesperada e inalcançável necessidade de admiração e reforço e uma identidade pouco integrada (Greenberg & Mitchell, 2003; Kohut, 1977; Lemma, 2003; Oppenheimer, 2005; Westen, 1991).

Embora os teóricos da psicologia do *self* se refiram a si próprios como detentores e utilizadores de uma teoria única e totalmente nova no pensamento psicanalítico, o seu entendimento sobre o desenvolvimento do *self* em função das relações com objectos precoces, com o processo de internalização em acção, acaba por permitir incluir esta teoria e escola no grupo das TRO (Greenberg & Mitchell, 2003; Summers, 2002; Westen, 1991).

Teoria de Relação de Objecto de Kernberg

A teoria de Otto Kernberg (1928-) constitui-se, segundo Bienenfeld (2005) e Westen (1991), em conjunto com a de Kohut, como a teoria contemporânea mais proeminente do grupo das TRO. Este autor utiliza a linguagem do modelo pulsional, considerando as pulsões como algo indissoluvelmente ligado às relações de objecto, enfatizando a centralidade do afecto (relacional), bem como a importância da clivagem no desenvolvimento e experiência do sujeito. O seu sistema é construído sobre a unidade relacional básica: imagem do objecto, imagem do *self*, e o afecto

entre eles, proveniente da pulsão activa em cada momento, com o desenvolvimento a realizar-se através de experiências múltiplas deste tipo, que permitem primeiro a introjecção, depois a identificação e, finalmente, a identidade do ego - diferentes formas de internalização, num grau crescente de maturidade, culminando na formação da estrutura psíquica e da personalidade do sujeito. "Eu proponho que os afectos são o sistema motivacional primário e que, internalizados ou fixados segundo o modelo de relação de objecto "boa" e "má", são gradualmente integrados nas pulsões libidinal e agressiva, formando sistemas motivacionais supraordinados" (Kernberg, 2003, p. 68) (Bienenfeld, 2005; Greenberg & Mitchell, 2003; Kernberg, 2005b; Westen, 1991).

O seu modelo desenvolvimental procura localizar a perturbação dos sujeitos segundo fixações em determinadas fases do desenvolvimento: nas mais precoces originar-se-iam as psicoses, e, crescentemente, as perturbações de personalidade borderline, e, finalmente, as neuroses (Greenberg & Mitchell, 2003; Kernberg, 2005b; Westen, 19919).

Bienenfeld (2005) afirma que embora o modelo de Kernberg utilize termos do modelo pulsional, mantendo-lhe uma certa lealdade, acaba por virá-lo do avesso, ao colocar as relações de objecto como algo central e primário, anterior ao desenvolvimento das estruturas psíquicas: o afecto flui directamente da natureza das relações objectais e é gerido, primariamente, pela clivagem, criando-se as pulsões dessas relações.

Pontos de Convergência

Bienenfeld (2005) afirma que os diferentes teóricos, por estarem a rever muitas das ideias de Freud, retiveram muito do seu vocabulário e uma lealdade nominal à teoria das pulsões. Kernberg (2005a), por sua vez, diz-nos que todas as TRO se focam no ordenar das relações de objecto internalizadas, através da transferência e na análise da contra-transferência, desenvolvendo estratégias interpretativas. No seu núcleo encontra-se, então, a ideia de que as pessoas se desenvolvem através da interacção com pessoas reais no seu ambiente, desenvolvendo, simultaneamente, mundos internos que contém representações dessas experiências. Estas, moldam a forma como os bebés e crianças se desenvolvem, dando também forma à maneira como em adultos antecipam e percebem os eventos interpessoais do seu mundo. A natureza destas relações afecta profundamente a estrutura do id, ego e superego e as experiências são recreadas na transferência onde podem ser analisadas e alteradas. Assim, todas se focam nas vicissitudes de estádios desenvolvimentais precoces na formação do aparelho psíquico (Bienenfeld, 2005; Greenberg & Mitchell, 2003; Kernberg, 2005b).

Desta forma, o princípio central das TRO é que o ser humano é conduzido, em primeiro lugar, pelas suas necessidades de ligação/vinculação, ou seja, conduzido a formar relações com outras pessoas. Tal facto leva Lemma (2003) a afirmar que "se for possível falar em pulsões, os teóricos das relações de objecto diriam que as pulsões emergem no contexto de relações e são secundárias às necessidades de relação" (p. 40). Os teóricos das relações de objecto abandonaram, então, o modelo estrutural-pulsional, enfatizando a importância das relações, em especial as relações precoces, no desenvolvimento da psique, reflectindo um compromisso à compreensão do desenvolvimento do indivíduo em interacção com os outros. Aceitam a importância da fantasia no mundo interno, mas defendem que a fantasia não tem sentido como capacidade inata, mas antes como algo que se desenvolve da interacção com o mundo real de objectos externos (Greenberg & Mitchell, 2003; Lemma, 2003).

Por outro lado, todas se interessam no desenvolvimento normal e patológico no *self* e na formação da identidade, aceitando a existência de um mundo de relações de objecto internalizadas como parte da sua conceptualização do aparelho psíquico (Kernberg, 2005b).

Em relação à psicopatologia, as TRO entendem que todas as patologias psicogénicas são uma função da auto-detenção [*self-arrest*] induzida por ligações ao objecto ansiosas. As diferenças patológicas devem-se à fase, grau e tipo de detenção [*type of arrestation*], não havendo distinções definitivas entre as causas e tipos de patologia: a psicopatologia está colocada num espectro contínuo graduado. Desta feita, todas as TRO são construídas no princípio de que não só o desenvolvimento, mas também a psicopatologia, são produtos de relações de objecto internalizadas no processo desenvolvimental, sublinhando o impacto da privação ou abuso nos primeiros anos de vida, o papel das representações do *self* e dos outros na mediação do funcionamento interpessoal, a necessidade primária de ligação humana, bem como que as distorções na personalidade se evidenciam quando essa necessidade é frustrada através de experiências interpessoais não empáticas, provocadoras de ansiedade ou dolorosas (Summers, 2002; Westen, 1991).

Por outro lado, os autores destas diferentes teorias estão particularmente interessados em psicopatologias severas, como as psicoses, patologias borderline, patologia severa de personalidade narcisista e perversões, não explorando apenas as relações de objecto dos sujeitos, mas também as suas operações defensivas primitivas, tanto em casos de psicopatologia severa como em pontos de severa regressão em qualquer paciente (Kernberg, 2005a, 2005b).

Assim, Bienenfeld (2005) esquematiza da seguinte forma os princípios comuns às TRO:

- As interacções precoces entre criança e cuidador são a fundação de atitudes em relação a si e aos outros. A criança desenvolve padrões característicos de interacção e um repertório de defesas e forças.
- Problemas nas relações de objecto precoces produzem relações de adulto problemáticas e uma larga variedade de características de personalidade desadaptativas. Estes problemas precoces incluem tipicamente perda precoce do objecto, bem como experiências com cuidadores negligentes, intrusivos, não empáticos e/ou abusivos.
- Os pacientes clínicos trazem os seus padrões característicos de interacção para a terapia, sendo activados na transferência.
- A mudança terapêutica nos indivíduos com relações de objecto perturbadas resulta de experiências reparadoras dentro da psicoterapia bem como de interpretações clarificadoras.

Para Kernberg (2005a), a implicação prática mais importante das TRO é a concepção da identificação como uma série de processos de internalização, desde a introjecção primária à identificação propriamente dita, na formação de uma identidade complexa. Cada passo inclui a internalização das representações do *self* e do objecto e as suas interacções afectivas, segundo os diferentes níveis desenvolvimentais.

Kernberg (2005b) afirma que tomando em consideração que as TRO lidam com a relação de objecto intra e interpsíquica do passado e presente, também providenciam ligações à estrutura familiar e à psicologia de grupo. Por outro lado, o seu interesse nos aspectos afectivos das relações entre o *self* e o objecto, entre as representações do *self* e as representações do objecto, levam a que as TRO se preocupem com a origem e vicissitudes do afecto.

Já em relação às diferenças entre os teóricos das relações de objecto, Bienenfeld (2005) esquematiza-as da seguinte forma:

- A extensão na qual elas diferem do modelo de estrutura pulsional de Freud.
- As suas definições de assuntos e eventos de desenvolvimento críticos
- Os seus entendimentos sobre motivação humana

Relações de Objecto Internalizadas

Vimos no capítulo da Teoria da Vinculação como esta teoria conceptualiza os MID de Bowlby de forma semelhante à dos *scripts* da psicologia da cognição social, sem, no entanto, os considerar exactamente a mesma entidade, por ser necessário considerar uma dimensão afectiva

para além da cognitiva. Uma das críticas várias vezes lançadas à psicanálise é a dificuldade de conceptualização empírica dos seus dados e conceitos. Assim, será importante perceber como os autores destas teorias trabalham o conceito de relações de objecto internalizadas, reflectindo um pouco melhor sobre elas.

Lichtenberg (1989) propõe um conceito explicativo e demonstrativo: as cenas modelo [*model scenes*]. Na sua definição e explicação, o autor começa por recordar que remonta a Freud a utilização de episódios prototípicos na descrição de experiências significativas. Segundo o autor, a palavra modelo possui três significados distintos, que adicionam valor ao conceito de cena modelo: (1) um modelo pode ser uma cena que resume experiências significativas do passado, podendo estas ser um protótipo de estados recorrentes do passado ou, mais raramente, um momento traumático; (2) relacionado ao conceito de modelo, existe o conceito de esquema ou organização que subjaz à cena; e, (3) um modelo pode ser algo exemplar, ideal ou, em termos de motivação, algo "normal" ou adaptativo. Assim, uma cena modelo constitui-se como uma história que marca, significa e simboliza experiências vividas importantes, sublinhando o autor que quanto mais precoces forem as experiências e as cenas modelo, mais importante será compreender a forma como elas foram recordadas, representadas, mantidas ou transformadas. Lane e Garfield (2005) afirmam que se tratam de formas emocionalmente codificadas de relacionamento e resposta. Loewald (1975) apresenta uma concepção semelhante à de Lichtenberg que afirma que também McDougall (1982) (cit. por Lichtenberg, 1989), possui uma concepção semelhante. Por seu lado, Lane e Garfield (2005), afirmam que Stern (1985), numa concepção semelhante, as denomina de representações de interacções generalizadas [*representations of interactions generalized*] ou RIG. Ringstrom (1995) diz-nos que as cenas modelo surgem no tratamento quando, na imersão do campo intersubjectivo, emergem cenas do passado do paciente, que resumem uma experiência significativa vivida no passado ou presente. Na sua essência, estas cenas revelam esquemas subjacentes à organização da personalidade do paciente e são componentes chave da transferência do paciente e do processo terapêutico.

Assim, pode-se afirmar que as relações de objecto internalizadas se constituem internamente como cenas modelo, ou seja, como experiências significativas do passado, oferecendo um esquema ou modelo de como as relações se efectuam na vida e de como nelas se actua de modo idealmente adaptado. Assim, as cenas modelo (relações de objecto internalizadas) vão servir de modelo ao funcionamento interpessoal do adulto, levando-o a agir de determinada forma que pode ser patológica e desajustada se a cena modelo original foi patológica ou traumática. Desta forma, engloba, tal como os MID de Bowlby, uma dimensão cognitiva de

esquema ou modelo procedimental e comportamental, mas também uma dimensão afectiva ligada ao afecto adjacente à cena modelo original.

Investigação Empírica das Relações de Objecto Internalizadas

Segundo Westen (1991), tem-se vindo a assistir ao crescimento da pesquisa empírica sobre a natureza e a avaliação da patologia das relações de objecto. O autor indica como revisões de literatura sobre o assunto as de Blatt e Lerner (1983), Stricker e Healey (1990) e Urist (1980). Assim, a pesquisa sobre as relações de objecto tem vindo a ser crescente, embora os estudos variem altamente no seu rigor metodológico. Fishler, Sperling e Carr (1990) afirmam que as técnicas projectivas se constituem como a forma metodológica mais utilizada para investigar na área das representações de objectos internos (e.g. Kopfer & Holt, 1954; Pruit & Spilka, 1964; Mayman, 1967, 1968, 1977; Blatt, Brenneis & Schimek, 1976; Blatt & Lerner, 1983; Urist, 1977, 1980; cits. por Fishler, Sperling & Carr, 1990 e Westen, 1991). A fim de identificar representações de paradigmas prototípicos de relações de objecto internas, procurou-se também desenvolver e validar esquemas de cotação para diferentes dados projectivos para além do Rorschach, tais como memórias precoces (Mayman, 1968; Ryan & Bell, 1984; cits. por Fishler, Sperling & Carr, 1990), sonhos (Krohn & Mayman, 1974; cits. por Fishler, Sperling & Carr, 1990), material autobiográfico, descrições do próprio e do outro (Diamond, Kaslow & Blatt, *in press*; cits. por Fishler, Sperling & Carr, 1990) e vinhetas interpessoais (Burke, Summers, Selinger & Polonus, 1986; cits. por Fishler, Sperling & Carr, 1990). Assim, estes esquemas enfatizam as componentes temáticas das interacções e parecem identificar elementos do passado e presente representacional dum indivíduo que podem ser vistos como um elemento do modo de relação interpessoal do indivíduo adulto (Fishler, Sperling & Carr, 1990; Westen, 1991).

Os mesmos autores referem que embora existam vários estudos que investigaram constructos derivados da psicanálise, como os mecanismos de defesa do ego e a clivagem, existem poucas tentativas para aceder às relações de objecto de forma objectiva. Westen (1991) refere que Blatt, Wein, Chevron e Quinlan (1979) foram os primeiros a realizar uma investigação com metodologia não projectiva nesta área. No entanto, só em 1985 surge a primeira metodologia objectiva estruturada, o *Bell Object Relations Inventory* (BORI: Bell, Billington & Becker, 1986; cits. por Fishler, Sperling & Carr, 1990), um instrumento de auto-preenchimento (frases de verdadeiro/falso) que mede défices no funcionamento das relações de objecto do ego (Bell, 2003). Este instrumento possui quatro factores validados de forma estatística: alienação,

vinculação insegura, egocentrismo e incompetência social. Os resultados obtidos com esta escala pelos autores tiveram suporte empírico com outros estudos que utilizavam amostras clínicas, tais como o de Bell, Bellington, Cicchetti e Gibbons (1988) (cits. por Fishler, Sperling & Carr, 1990). Esta escala foi criada para adultos (>18 anos), tendo sido mais tarde desenvolvida uma versão para adolescentes (>11 anos), a BORI-A (Bell, 2003).

Outra medida objectiva desenvolvida foi o *Separation-Individuation Test of Adolescence* (SITA; Levine, Green, & Millon, 1986; cits. por Fishler, Sperling & Carr, 1990), que procura aceder de forma objectiva às principais dimensões da teoria de Mahler. Como o seu nome indica, esta escala foi construída para a idade de adolescência.

Segundo Fishler, Sperling e Carr (1990), estas duas medidas objectivas permanecem promissoras na sua tentativa de providenciar dados objectivos sobre as relações de objecto, na adolescência e idade adulta.

Por sua vez, em 1995, Westen apresenta a escala *Social Cognition and Object Relations Scale* (SCORS; Westen, 1995; Westen et al., 2002a; Westen et al., 2002b; Hilsenroth, Stein, & Pinsker, 2004), que vem procurar reunir duas grandes áreas de investigação, a psicologia da cognição social e a psicologia psicanalítica numa única escala, de forma a procurar melhor aceder ao mundo interno das relações de objecto. Assim, esta escala de medida objectiva procura aceder às representações cognitivas que os sujeitos fazem sobre si, os outros e as suas relações interpessoais (dimensão cognitiva) e, simultaneamente, ao colorido afectivo subjacente a essas representações cognitivas (dimensão afectiva). Ela caracteriza, então, as representações do funcionamento interpessoal dos sujeitos e constitui-se como uma escala de medida das relações de objecto, baseando-se em narrativas fornecidas pelos sujeitos, preferencialmente contendo episódios de relacionamento interpessoal. A escala tem vindo a ser utilizada em diversas investigações, com diferentes tipos de narrativas interpessoais (ver metodologia) e em diferentes faixas etárias, incluindo a infância. Assim sendo, parece ser a primeira medida objectiva construída que procura analisar o mundo interno das relações de objecto das crianças. É esta medida que é utilizada na presente investigação, sendo, então, melhor caracterizada no capítulo da metodologia.

Interligação

Até aos anos 90, a teoria da vinculação era considerada uma espécie de tabu na psicanálise (Guedeney & Guedeney, 2001). De facto, Fonagy (2001) afirma que "existe mau sangue, entre a psicanálise e a teoria da vinculação" (p. 1). A teoria da vinculação foi acusada de mecanicista, não dinâmica e explicada segundo incompreensões da teoria psicanalítica (A. Freud, 1960; Schur,

1960; Spitz, 1960; cits. por Fonagy, 2001). Bowlby foi visto como tendo renunciado às pulsões, ao Édipo, aos processos inconscientes, particularmente à fantasia inconsciente e aos complexos sistemas motivacionais e de resolução de conflitos. Outras críticas que lhe foram atribuídas prendem-se com o entendimento de que a sua teoria descarta o homem da riqueza de emoções humanas, ignora as vulnerabilidades biológicas, para além do comportamento do cuidador e reduz as considerações etiológicas a uma única variável: a da separação física. Foi ainda acusado de não considerar a maturidade desenvolvimental do ego na capacidade da criança se vincular e reagir à separação, e de ignorar outras hipóteses que não a separação física, como o medo ao cuidador ou o trauma, na consideração do estabelecimento de uma vinculação insegura. Finalmente, foi acusado de ser reducionista pela sua ênfase nas considerações evolucionistas, não reconhecendo a complexidade do funcionamento simbólico (Fonagy, 2001).

Assim, ao contrário de outros psicanalistas contemporâneos, as ideias de Bowlby não originaram uma nova escola psicanalítica, conduzindo antes a uma linha de investigação empírica que foi afastando cada vez mais a teoria da vinculação da psicanálise, não só devido à sua nova forma de compreender os casos clínicos, mas também devido a uma epistemologia incompatível. Jeremy Holmes (1995) (cit. por Fonagy, 2001) afirma: "A teoria de Bowlby e as suas ramificações tremendas para o trabalho clínico foram virtualmente apagadas do registo psicanalítico durante décadas – tal como um dissidente nos tempos de Staline" (p.4).

Desta forma, embora considerada útil e fundamentada, era impensável utilizar-se a teoria de Bowlby na clínica, uma vez que punha em causa os princípios fundadores da psicoterapia psicanalítica. A utilização desta teoria limitava-se, então, aos trabalhos científicos dos laboratórios de investigação experimental, com uma utilização mais ou menos cognitivista. Foi após a conclusão do estudo do livro "*Clinical Studies in Infant Mental Health*" de Selma Fraiberg, que os autores compreenderam a importância do trabalho psicoterapêutico com os pais e as crianças pequenas, bem como o objectivo principal de reparar as perturbações da vinculação. A familiarização dos autores com a teoria da vinculação levou-os a modificar a sua maneira de pensar e de tratar o material que lhes era levado às consultas pelos pacientes (Guedeney & Guedeney, 2004).

De facto, o tempo e uma análise mais cuidada veio a demonstrar que apesar de existirem algumas divergências profundas entre estas duas grandes linhas teóricas, existem entre elas alguns pontos de contacto, alguns mais óbvios que outros (Bretherton, 1998; Goodman, 2002; Fonagy, 2001; Steele & Steele, 1998).

No que interessa para esta investigação, procurou-se estabelecer os pontos de convergência entre as teorias psicanalíticas de relação de objecto e a teoria de vinculação.

Em primeiro lugar, Fonagy (2001) afirma que a teoria da vinculação tem as suas raízes psicanalíticas no trabalho dos analistas Britânicos da Escola Independente, ou seja, a escola que foi designada no capítulo das TRO como escola inglesa de relações de objecto. Segundo o mesmo autor, aquilo que Bowlby (1969) (cit. por Fonagy, 2001) descreve como vinculação, corresponde ao amor primário de Balint (1952) (cit. por Fonagy, 2001), à relação com o ego [*ego-relatedness*] de Winnicott (1965) (cit. por Fonagy, 2001) e às relações pessoais de Guntrip (1961) (cit. por Fonagy, 2001). Por sua vez, Eagle (2003), coloca como semelhantes os conceitos de Bowlby de MID, o conceito de Stern de Representações de interacções generalizadas ou RIGs, bem como o conceito de estruturas interaccionais [*interactional structures*] de Beebe e Lachmann (1988) (cits. por Eagle, 2003) e de unidades de afecto-*self*-objecto [*self-object-affect units*] de Kernberg (1976) (cit. por Eagle, 2003), ao afirmar que se tratam de "regras" procedimentais que governam aspectos importantes do comportamento e que estão embebidas nas representações cognitivo-afectivas do *self*, dos outros e das interacções entre o *self* e os outros. De facto, vimos como os teóricos da teoria da vinculação aproximam o conceito de MID ao dos *scripts* da psicologia da cognição social e como os teóricos psicanalíticos aproximam o conceito de relações de objecto internalizadas a formas emocionalmente codificadas de relacionamento e resposta, correspondentes a modelos e esquemas que organizam a personalidade do sujeito. Por fim, Lilleskov (1992) afirma que o conceito de MID é análogo ao de representações de objecto e do *self* da psicanálise, reforçando o referido por Stern (1985) e Zelnick e Buckholtz (1990) (cits. por Goodman, 2002), de que ambas as teorias conceptualizam as representações mentais como esquemas cognitivo-afectivos que providenciam informação emocionalmente carregada do objecto, do *self*, e do *self* em relação com o objecto, através da internalização gradual de memórias episódicas.

Por outro lado, será de referir o enfoque nos factores interpessoais e a ênfase na qualidade dos cuidados prestados em fazes precoces pelos cuidadores. Assim, Fonagy (2001), afirma que existem quatro pontos de sobreposição epistemológica entre a psicanálise em geral (e, logo, as teorias de relação de objectos) e a teoria de Bowlby. São elas a diferenciação entre realidade actual e psíquica (ambas consideram que a percepção social e a experiência social são distorcidas por expectativas tanto conscientes como inconscientes), ênfase na vida precoce (ambas privilegiam os primeiros anos de vida na consideração da relação entre o ambiente social e o desenvolvimento da personalidade), sensibilidade materna e espelhamento (ainda que

conceptualizem a sensibilidade materna de formas diferentes, ambas especificam a importância dessa vida precoce na sensibilidade materna como um factor causal na determinação da qualidade das relações objectais e, logo, do desenvolvimento psíquico) e, finalmente, a motivação para criar relações (ambas consideram que a relação entre a criança e o cuidador é baseada num tipo de necessidade autónoma e independente de estabelecer relações, sendo explicitado de forma clara e directa por alguns autores psicanalíticos, como Fairbairn, ou de forma indirecta, através da análise e compreensão da teoria em questão) (Fonagy, 2001).

A teoria da vinculação e a teoria psicanalítica possuem, então, raízes e ideias comuns, ainda que tenham evoluído de forma epistemologicamente diversa. Especificamente, em termos das TRO, encontramos efectivamente fortes pontes de ligação, tais como:

- Ênfase nas interacções precoces
- Ideia de que problemas nas relações precoces (de objecto) vão originar problemas nas relações de adulto, bem como características de personalidade desadaptativas, problemas esses geralmente provenientes de cuidadores (figuras de vinculação) negligentes, intrusivos, não empáticos e/ou abusivos,
- Os pacientes clínicos trazem os seus padrões característicos de interacção para a terapia, sendo activados na transferência (os MID aparecem na terapia e são modificados nela, através, por exemplo, da análise de eventos contraditórios)
- A mudança terapêutica nos indivíduos com relações de objecto perturbadas resulta de experiências reparadoras dentro da psicoterapia bem como de interpretações clarificadoras (análise dos MID, sua especificação e alteração).

Investigação Empírica Conjunta

Até ao presente, poucas são as investigações que têm procurado estabelecer a ligação entre estes dois grandes paradigmas teóricos. Ainda assim, Buelow, McClain, & McIntosh (1996) apresentam uma metodologia objectiva que reúne estas duas teorias, o *The Attachment and Object Relations Inventory* (AORI), sublinhando o facto de ser a primeira metodologia que faz realizando uma avaliação da vinculação de forma não categorial. Para estes autores, "as relações de vinculação e as relações de objecto são inseparáveis em termos práticos, embora os seus constructos possam ser distinguíveis em termos teóricos" (p. 606). Assim, desenvolveram este inventário, que mede a vinculação de forma multifactorial, de forma a poder ser utilizado em populações clínicas e não clínicas e que produz pontuações gerais de vinculação e de relação de

objecto. A escala do inventário compreende seis sub-escalas: três que medem o grau de vinculação a objectos específicos – pares, pais e parceiros românticos e três que medem diferentes estilos de vinculação – nível de proximidade, segurança e independência. O inventário foi criado para adultos, mas entretanto já foi utilizado também em adolescentes. Assim, esta metodologia tem servido para diferentes investigações, tais como, no estudo do processo de autonomização dos adolescentes (Giles & Maltby, 2004), do efeito dos estilos parentais e dos padrões de vinculação da infância nas relações íntimas de adultos (Neal, 2001), bem como das diferenças intersexuais nas medidas de vinculação, analisada em adultos (Ross, 2008).

As poucas investigações que têm vindo a ser efectuadas na reunião destas duas teorias têm conseguido obter resultados promissores e interessantes, como por exemplo, na forma como a compreensão conjunta dos conceitos de ambas as teorias pode ser útil no tratamento clínico dos pacientes ou na compreensão das suas patologias, considerando as patologias da vinculação e as patologias de relação de objecto de forma conjunta. Um exemplo é a investigação de Goldman e Anderson (2003), que investiga a qualidade das relações de objecto de pacientes e a sua segurança de vinculação como preditores da aliança terapêutica inicial, tendo concluído que existem relações entre elas, que tendem a diminuir com o tempo. Por sua vez, Priel e Besser (2001), concluíram que as representações que as mães recentes possuem sobre as suas próprias mães, mediavam a associação entre os seus modelos internos dinâmicos e as suas ligações ante-natais com os seus bebés. Todas estas investigações foram efectuadas em adultos.

Mais recentemente, Ramos (2008), efectuou uma pesquisa com uma amostra de crianças portuguesas pré-escolares institucionalizadas, vítimas de maus tratos, utilizando a SCORS e a ASCT, a fim de estabelecer a relação entre a qualidade (segurança) da vinculação nas crianças e a qualidade da relação de objecto existente, tendo concluído que as crianças institucionalizadas da sua amostra apresentam, em média, uma baixa qualidade de vinculação, e que a tonalidade afectiva está positivamente correlacionada com a vinculação em todas as histórias do ASCT à excepção de uma (história do monstro no quarto). Os seus resultados sugerem ainda a existência de alguma convergência entre a pobre qualidade dos modelos internos dinâmicos e a tonalidade afectiva das relações.

Da pesquisa efectuada pelas principais bases de dados, parece que a metodologia que mais tem vindo a ser utilizada para integrar estas duas teorias na investigação é o inventário de Bell (*Bell Object Relations Inventory*, tendo sido utilizada, entre outras, para melhor compreender a esquizofrenia (e.g. Bell, & Bruscato, 2002; Bell, Lysaker, & Milstein, 1992) e as perturbações alimentares (Heesacker, & Neimeyer, 1990).

Desta forma, pode-se compreender que a ligação/relação entre estas duas teorias pode ser complementar e reforçadora da compreensão do ser humano, seu funcionamento e seu psiquismo, podendo, inclusive, apoiar o trabalho clínico prestado em consultório.

No entanto, será de sublinhar o facto de estas investigações serem realizadas maioritariamente em adultos, existindo ainda uma lacuna muito grande no que se refere à infância.

Esta investigação vem, então, procurar acrescentar alguma luz a esta interligação entre teorias que se espera que seja crescentemente proveitosa, procurando ainda alargar o espectro desta área de investigação para a infância.

Problema e Hipóteses

Assim, e após o acima exposto, propõe-se a hipótese de que crianças com um Modelo Interno Dinâmico de Vinculação mais Seguro, possuam um mundo objectal interno mais estável e positivo e que as relações entendidas como possíveis entre os seres humanos para essas crianças (representações do mundo relacional) sejam benignas e benevolentes. Para estudar esta hipótese, optou-se por uma metodologia que permita correlacionar os resultados obtidos na exploração empírica de cada uma das teorias: a aplicação a uma mesma amostra de uma metodologia da Teoria da Vinculação, a *Attachment Story Completion Task* (ASCT; Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990), e de uma metodologia empírica psicanalítica, desenvolvida para avaliar e analisar o mundo dos objectos internos, a *Social Cognition and Object Relations Scale* (SCORS; Westen, 1995; Westen et al., 2002a; Westen et al., 2002b; Hilsenroth, Stein, & Pinsker, 2004). Por questões de ordem prática e temporal, optou-se por se analisar apenas umas das dimensões presentes na SCORS: a escala da Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações [*Affect-Tone of Relationship Paradigms*]. Esta escala mede a qualidade afectiva das representações de pessoas e relações, avaliando as expectativas (positivas ou negativas) do indivíduo em relação aos outros nas relações, bem como a forma como as descreve. Assim, pretende aceder à extensão em que a pessoa espera que as relações sejam destrutivas e ameaçadoras ou seguras e enriquecedoras. Na perspectiva psicanalítica, esta dimensão pode ser conceptualizada como a coloração afectiva do "mundo objectal" (de malevolente a benevolente), podendo ainda ser revista numa perspectiva sócio-cognitiva, em que se refere à qualidade afectiva das expectativas interpessoais (relações dolorosas e ameaçadoras ou agradáveis e enriquecedoras). É de referir que Westen et al. (2002b) afirmam que, em contraste com outras dimensões do SCORS tal como a escala de "Complexidade das

representações de pessoas" esta dimensão da tonalidade afectiva não mede aspectos desenvolvimentais cognitivos das relações de objecto e da cognição social, mas sim a tonalidade afectiva relacional que se forma nos primeiros anos de vida. Tal facto poderá ser equiparado aos resultados obtidos em termos de vinculação que não seguem, também, um padrão desenvolvimental cognitivo, sendo antes formados em fases muito precoces da vida e tendo uma posição mais ou menos rígida e fixa ao longo da vida do sujeito, modificando-se sobretudo em situações de grandes alterações nas vidas dos sujeitos (Waters, Weinfield & Hamilton, 2000).

Já foi referido que a escala SCORS, bem como a dimensão utilizada no presente estudo (escala da Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações), possuem duas componentes (cognitiva e afectiva), na avaliação das relações de objecto. Foi possível verificar ao longo do enquadramento teórico, como os teóricos de ambas as teorias compreendem tanto os MID como as relações de objecto como algo que possui estas duas mesmas dimensões. Assim, a escolha desta escala parece ser adequada à pesquisa que se pretende efectuar, permitindo aceder de forma mais completa e complexa a estes dois conceitos.

Por último, efectuou-se a análise correlacional com o desenvolvimento verbal dos sujeitos, analisado através da *Weschsler Preschool and Primary Scale of Intelligence – Revised* (WPPSI-R, que faz parte das Escalas de Inteligência de Weschsler para Crianças (WISC) - Weschsler (1989), na sua adaptação Espanhola, já que a teoria da vinculação compreende que os resultados obtidos através da ASCT são independentes do desenvolvimento verbal das crianças.

Faz-se, de seguida, a descrição metodológica da investigação, após o que se expõem e analisam os resultados obtidos que são posteriormente discutidos, a fim de se extraírem as conclusões possíveis. No fim, faz-se uma análise crítica à presente investigação, sugerindo novos caminhos de investigação que permitam alargá-la e melhorá-la.

Método

Delineamento:

Trata-se de um estudo exploratório de carácter correlaccional, que visa analisar a relação entre os modelos internos dinâmicos de vinculação e as relações de objecto de crianças. Para tal, foram utilizadas narrativas de histórias interpessoais criadas a partir da *Attachment Story Completion Task* de Bretherton e Ridgeway (1990), que forneceram a base de cotação para ambas as matérias: vinculação e relações de objecto, realizadas por cotadores independentes. Na cotação e avaliação dos modelos internos de vinculação, utilizou-se o procedimento de Heller (2000) e na avaliação das relações de objecto, utilizou-se a *Social Cognition and Object Relations Scale* (SCORS; Westen, 1995; Westen *et al.,* 2002a; Westen *et al.,* 2002b; Hilsenroth, Stein, & Pinsker, 2004). Em relação aos dados relativos ao QI Verbal, foram obtidos através das provas verbais da *Weschsler Preschool and Primary Scale of Intelligence* (WPPSI; Weschler, 1989).

Participantes:

Amostra escolhida por conveniência, de forma não aleatória, constituída por um total de 56 crianças portuguesas (28 rapazes e 28 raparigas) em idade pré-escolar e escolar, variando entre os 65 e os 91 meses de idade (M = 76,22; DP = 7.84), alunos dum estabelecimento de ensino privado da grande área de Lisboa. Foram excluídas da cotação com a SCORS as narrativas de 5 crianças (3 rapazes e 2 raparigas), por não estarem completas no registo em vídeo, acabando com um total de 51 crianças cotadas com esta escala.

Todas as crianças frequentam o externato em regime diurno, vivendo com os seus pais, numa estrutura familiar maioritariamente biparental (38 com pais casados, 4 com pais divorciados e 14 sem dados, perfazendo uma média válida de 90,5% de famílias biparentais) pertencendo a um estrato social médio/médio alto.

A maioria das crianças tem irmãos (63,3%) e 56% são filhos primogénitos.

Na maioria dos casos ambos os pais estão empregados (mães: 82,4% e pais: 98% de percentagens válidas). As mães têm idades compreendidas entre 30 e 44 anos (M = 36; DP = 4) e os pais entre os 30 e os 53 anos (M = 38,58; DP = 5,732).

Instrumentos:

Attachment Story Completion Task, (ASCT; Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990)

Instrumento constituído por uma série de inícios de histórias, a serem completados pelas crianças, desenhados de forma a activar as representações e sentimentos associados às experiências de vinculação das crianças, segundo temas e situações crescentemente stressantes. Estes inícios de histórias são apresentados com um conjunto de pequenas figuras humanas, introduzidas como pertencendo a uma mesma família (mãe, pai, duas crianças do mesmo sexo, mas de idades diferentes e avó - na versão utilizada, optou-se pela utilização de uma vizinha no papel de avó), bem como um conjunto de adereços simples que complementam e acompanham cada uma das temáticas das histórias. O sexo e posição na fratria da crianças-protagonista na história são igualados aos da criança participante. É uma prova ajustada à idade pré-escolar, uma vez que a narração da história é acompanhada pela acção, permitindo que não se esteja totalmente dependente da linguagem (Miljkovich *et al.,* 2004; Trapolini, Ungerer & McMahon, 2007).

Cada história incompleta, iniciada pelo experimentador, possui uma temática diferente, levantando questões vinculativas diferenciadas: (1) a figura de vinculação num papel autoritário (história do sumo entornado), (2) a dor como despoletador de comportamentos de vinculação e protecção (história do joelho magoado), (3) o medo como despoletador de comportamentos de vinculação e protecção (história do monstro no quarto), (4) a ansiedade de separação e capacidade de *coping* (história da separação) e (5) a reacção ao regresso dos pais (história do reencontro) (Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990).

Procedimento de aplicação da ASCT

Na aplicação do instrumento, foram utilizadas figuras representativas de uma família com pai, mãe, vizinha e duas crianças do mesmo sexo, mas de idades diferentes, utilizados de acordo com o género da criança (Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990). Utilizaram-se ainda: uma mesa e quatro cadeiras; um bolo de aniversário com uma vela; um conjunto de pequenos pratos e copos; uma peça de feltro verde para representar a relva; um pedaço de esferovite cortado em degraus e pintado de cinzento, de forma a parecer-se com uma rocha; camas, cobertores, almofadas e um automóvel.

Aplicou-se uma "história de aquecimento", como forma de enquadrar a tarefa, com o objectivo de verificar a correcta compreensão da tarefa pela criança e de a familiarizar com o

procedimento. Esta história não foi cotada e representava a festa de aniversário do protagonista, na qual participavam todos os elementos da família, sem a vizinha. Na preparação desta história, e introdução da família, a criança é convidada a dar um nome às crianças-boneco.

No início de cada história, pede-se à criança que colocasse os bonecos num dos lados da mesa, dizendo: "Podes ajudar a prepará-los para a próxima história?", ao mesmo tempo que se recolhem os adereços da história terminada e se preparava a apresentação do material (adereços) da nova história. Para iniciar a história seguinte, o experimentador diz algo do tipo: "Estás pronto/a para a próxima história?" e segue com a apresentação dos adereços da nova história. Nas várias histórias a criança é convidada a ajudar na preparação do cenário da história.

No fim da introdução dramatizada da história, o experimentador dá a seguinte instrução: "Mostra-me o que aconteceu a seguir…", largando os bonecos e deixando a cena livre para a criança. Quando esta apresenta um tempo de latência demasiado elevado ou tem silêncios demasiado longos, o experimentador questiona a criança sobre o tema em questão: (e.g., "O que é aconteceu depois do *X* ter entornado o copo?"; "O que é que aconteceu a seguir?"; "Mais alguma coisa?", "E depois?"). Se a criança narrou ou agiu de forma ambígua, o experimentador pergunta: "O que estão a fazer?", e se utiliza um pronome ambíguo, o entrevistador perguntou: "Quem estava a fazer isso?", ou repete a frase da criança em forma de pergunta, para verificar o que está a ser dito ou para tentar desbloquear a narrativa ("A mãe apanhou o copo? E depois?"). Nas situações em que a criança questiona sobre a vizinha, numa história em que não é suposto esta participar, o experimentador deverá responder: "A vizinha não entra nesta história", no entanto, em situações em que a criança pediu adereços de outras histórias, estes foram disponibilizados e quando os adereços pedidos correspondiam a objectos não pertencentes a outra história, a entrevistadora deverá dizer algo do tipo: "Temos que utilizar a imaginação!". Em toda a recolha de histórias procurou-se sempre não sugerir ideias precisas à criança, nem induzir a narrativa em nenhuma direcção específica.

Foi efectuado o registo audiovisual da sessão de aplicação do instrumento, de modo a garantir a existência de um suporte com informação sobre os comportamentos verbais e não verbais da criança, essencial para a análise e cotação posterior das narrativas. Estes registos foram gravados em DVD e gentilmente disponibilizados pela Linha 1 (Psicologia do Desenvolvimento) da Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva, do Desenvolvimento e da Educação (UIPCDE) do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), a fim de serem utilizados para a presente investigação.

Cotação da ASCT

Todas as histórias foram cotadas por um investigador treinado, independente da recolha de dados e da cotação da escala SCORS, bem como desconhecedor de outras informações relativas às crianças.

Cotaram-se as narrativas seguindo as propostas de propostas de Bretherton, Ridgeway e Cassidy (1990), Bretherton e Winn (1995), Emde, Wolf e Oppenheim (2003), Granot e Mayseless (1998), Golby, Page, e Bretherton (1995, 2001), Heller (2000), Robinson, Mantz-Simmons, MacFies e *the MacArthur Narrative Working Group* (1995) (cits. por Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 2008), de acordo com três dimensões/parâmetros diferentes: a Coerência da Narrativa, a Segurança da Vinculação (num contínuo de segurança) e a Resolução da História. Assim, cada uma das histórias é cotada numa escala de 8 pontos para a: *Coerência* da narrativa e a *Segurança* da vinculação e numa escala de 4 pontos para a *Resolução* (Heller, 2000).

No que diz respeito à dimensão da Segurança, a escala de oito pontos varia entre: (1) "Desorganizado", (2) "Severamente Inseguro", (3) "Muito Inseguro", (4) "Inseguro", (5) "Pouco Seguro", (6) "Algo Seguro", (7) "Seguro", e (8) "Muito Seguro". Assim, as classificações desta dimensão são efectuadas num continuum de segurança (desde desorganizado a muito seguro).

Na Coerência, os oito pontos da escala correspondem a: (1) "Extremamente Incoerente", (2) "Muitíssimo Incoerente", (3) "Muito Incoerente", (4) "Incoerente", (5) "Algo Incoerente", (6) "Algo Incoerente", (7) "Coerente", e (8) "Muito Coerente".

Por fim, a dimensão da Resolução da história, cotada numa escala de 1 a 4 pontos, possui a seguinte correspondência: (1) "Resolução Mínima", (2) "Resolução Completa", (3) "Sem Resolução", e (4) "Resolução com reviravolta". Esta dimensão é integrada na análise e cotação das dimensões de Segurança e Coerência. , pelo que não aparecerá de forma individualizada na análise estatística.

Não foi possível cotar a totalidade das 56 crianças, a não ser no caso do Monstro no Quarto (MQ). Assim, obtiveram-se 54 cotações de segurança e coerência na narrativa do Sumo Entornado (SE), 55 no Joelho Magoado (JM), 56 no MQ, 54 na Separação (SP) e 54 na Reunião (RE), resultando num total de 52 crianças válidas para análise ao nível das 5 narrativas ASCT.

Para avaliar a validade das cotações, cerca de 60% das histórias foram analisadas por um de dois avaliadores adicionais, também eles estranhos à situação da recolha de dados. O acordo inter-avaliadores foi de $r = 0,81$ para a coerência e de $r = 0,85$ para a segurança.

Social Cognition and Object Relations Scale (SCORS; Westen, 1995; Westen *et al.,* 2002a; Westen *et al.,* 2002b; Hilsenroth, Stein, & Pinsker, 2004).

Instrumento de avaliação clínica, utilizado para caracterizar as representações do funcionamento interpessoal dos sujeitos, constituindo-se, dessa forma, como uma escala de medida das relações de objecto, que procura aceder a uma variedade de aspectos da personalidade dos sujeitos. A SCORS baseia-se em narrativas fornecidas pelos sujeitos, preferencialmente contendo episódios de relacionamento interpessoal. A escala possui 5 dimensões:

- Complexidade das Representações de Pessoas;
- Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações;
- Capacidade de Investimento Emocional nas Relações e nos Padrões de Moralidade;
- Capacidade de Investimento;
- Compreensão da Causalidade Social

Na sua versão original (utilizada no presente estudo), cada uma das quatro variáveis da SCORS é avaliada numa escala de 5 pontos, com as pontuações mais baixas (e.g., 1 ou 2) a indicar respostas mais patológicas e as mais altas (e.g., 4 ou 5) a indicar respostas mais saudáveis.

A Tonalidade Afectiva do Paradigma das Representações, mede a qualidade afectiva das representações de pessoas e relações, avaliando as expectativas (positivas ou negativas) do indivíduo em relação aos outros nas relações, bem como a forma como as descreve. Assim, pretende aceder à extensão em que a pessoa espera que as relações sejam destrutivas e ameaçadoras ou seguras e enriquecedoras. De uma perspectiva psicanalítica, esta dimensão pode ser conceptualizada como a coloração afectiva do "mundo objectal" (de malevolente a benevolente) e de uma perspectiva sócio-cognitiva, refere-se à qualidade afectiva das expectativas interpessoais (relações dolorosas e ameaçadoras ou agradáveis e enriquecedoras).

De forma geral, as pesquisas efectuadas têm descoberto que o SCORS providencia informação sobre dois factores principais: uma dimensão afectiva (i.e., Afecto, Relações, Agressividade, and Auto-Estima) e uma dimensão cognitiva (i.e., Complexidade, Moralidade, Causalidade, e Identidade; Cogan & Porcerelli, 1996; Hibbard, Hilsenroth, Hibbard, & Nash, 1995; Porcerelli, Cogan, & Hibbard, 1998; and Porcerelli, Hill, & Dauphin, 1995).

Têm sido encontrados bons a excelentes níveis de confiança entre avaliadores treinados na utilização desta versão da escala em narrativas do *Thematic Apperception Test* (TAT) (e.g., Fowler, Ackerman, Speanburg, Bailey, & Blagys, 2004), narrativas do início de vida de pacientes clínicos adultos (e.g., Fowler, Hilsenroth, & Handler, 1995), dados de entrevistas semi-estruturadas (e.g.,

Porcerelli, Cogan, & Hibbard, 1998) e histórias obtidas pelo subteste da *Wechsler Adult Intelligence Scale_Revised* (WAIS R), arranjo de figuras (Wechsler, 1981; Segal, Westen, Lohr, & Silk, 1993).

Estudos prévios consideraram a SCORS útil na compreensão de aspectos afectivos da psicopatologia (Hibbard, Hilsenroth, Hibbard, & Nash, 1995), em componentes interpessoais de vítimas de abuso sexual na infância (Callahan, Price, & Hilsenroth, 2003) e na diferenciação em subgrupos de pacientes com perturbação de personalidade borderline (Tramantano, Javier, & Colon, 2003). Tem ainda mostrado capacidade para discriminar entre indivíduos com perturbação borderline, depressão major e normais (Westen, Lohr, Silk, Gold, & Kreber, 1990); entre indivíduos diagnosticados como psicóticos e sociopatas pelo *Minnesota Multiphasic Personality Inventory* (MMPI) e indivíduos normais (Porcerelli, Hill, & Dauphin, 1995); entre indivíduos com e sem tentativa de suicídio (Kaslow *et al.,* 1997); e entre indivíduos com perturbações de personalidade do *cluster* B e C (Ackerman *et al.,* 1999)

A escala SCORS tem ainda conseguido predizer a resposta ao tratamento de pacientes com perturbação de stress pós-traumático (Ford, Fisher, & Larson, 1997) e o ajuste psico-social dois anos após a morte de um esposo (Field, Sturgeon, Puryear, Hibbard, & Horowitz, 2001).

Como foi descrito anteriormente, embora a SCORS tenha sido utilizada na cotação de narrativas TAT, entrevistas semi-estruturadas e narrativas do início de vida, derivadas do Protocolo de Memórias Precoces [Early Memory Protocol] e de histórias obtidas com o subteste do arranjo de figuras da WAIS-R, a sua utilização com narrativas obtidas pela *Attachment Story Completion Task* (ASCT) (Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990), foi experimentada pela primeira vez por Ramos (2008), seguindo o manual *Social Cognition and Object Relations Scale. Manual for Coding Interview Data* (Westen *et al.,* 2002a)

Procedimento de aplicação da SCORS

Em primeiro lugar, efectuou-se o visionamento dos vídeos das narrativas da ASCT e transcreveram-se as histórias, segundo o processo de transcrição pré-definido por Bretherton, Ridgeway e Cassidy (1990): transcreveram-se as narrativas dos participantes e as questões/intervenções do experimentador, anotaram-se as componentes emocionais das reacções das crianças (agressividade, zanga, colocação suave das figuras, expressão facial triste ou feliz, tom e voz, postura), bem como as suas reacções emocionais e posturais ao longo da história (sorriso, movimentos na sala, olhares, franzir a testa, chuchar o dedo, etc.). E, simultaneamente, descreveram-se os movimentos efectuados com os bonecos e adereços.

De seguida, leram-se os manuais da SCORS e iniciou-se o processo de treino de cotação, ao nível da escala da Tonalidade Afectiva do Paradigma das Representações. No fim deste processo, realizou-se a análise do acordo inter-observadores, a fim de garantir a fidedignidade dos resultados obtidos e passou-se para a cotação das narrativas da ASCT transcritas, ao nível da escala acima citada. Esta cotação foi inicialmente efectuada por dois observadores independentes, sob a supervisão de um cotador experiente, fazendo-se o acordo inter-observadores, em cada sessão de treino, e tendo-se obtido na última sessão de treino um coeficiente de correlação intra-classe (ICC) geral para as 5 histórias de 0,83. As últimas 16 crianças foram cotadas apenas por um dos investigadores treinados. Devido a um acordo inter-cotadores relativamente baixo (0.35) apenas nas narrativas Monstro no Quarto (MQ), houve necessidade de voltar a cotar as narrativas Monstro no Quarto (MQ), que foram, desta feita, cotadas pelo cotador experiente e por uma das investigadoras em treino, até se ter atingido um valor de 0,91 .

Finalmente, foram analisados os resultados e correlacionados com os resultados de vinculação previamente cotados por um investigador independente da UIPCDE, segundo o procedimento de Heller (2000).

Cotação da Dimensão Tonalidade Afectiva das Relações

Como já foi referido, optou-se neste estudo, pela análise da variável da Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações. Nesta escala, cotações baixas reflectem expectativas malevolentes das relações, e cotações elevadas reflectem um misto de representações com predominância de uma experiência positiva sobre as interacções interpessoais. Os cinco pontos de cotação que a constituem correspondem às seguintes situações:

(1) a pessoa entende o mundo social como sendo tremendamente ameaçador e/ou experiencia a vida como avassaladoramente caprichosa e dolorosa. As pessoas são vistas como abandónicas, abusadoras, ou destrutivas dos outros e de si, sem qualquer razão, para além duma possível malícia ou despreocupação. Frequentemente as pessoas são classificadas como vítimas ou vitimizadoras. A pessoa pode sentir-se tremendamente só,

(2) a pessoa vê o mundo, particularmente o das pessoas, como hostil, caprichoso, vazio ou distante, mas não avassalador. A pessoa pode sentir-se sozinha e as pessoas podem ser experienciadas como desagradáveis ou não cuidadoras, mas não primariamente como ameaças à sua existência,

(3) a pessoa tem representações/esquemas sobre pessoas e expectativas interpessoais carregados de uma variedade de afectos, que não são primariamente positivos. As pessoas são geralmente vistas como capazes de amar e ser amadas, de cuidar e serem cuidadas,

(4) a pessoa tem representações/esquemas sobre pessoas e expectativas interpessoais carregados de uma variedade de afectos, primariamente positivas. Em geral, as pessoas são vistas como capazes de amar e serem amadas e de gozar a companhia dos outros e

(5) a pessoa tem representações/esquemas sobre pessoas e expectativas interpessoais carregados de uma variedade de afectos. Geralmente esperam que as relações sejam benignas e mutuamente enriquecedoras. A pessoa espera intimidade, apreciação mútua e lealdade nas relações íntimas.

Procedimento:

Estabeleceu-se o contacto com a Linha 1 (Psicologia do Desenvolvimento) da Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva, do Desenvolvimento e da Educação (UIPCDE) do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), a fim de serem disponibilizados os registos filmados das narrativas das crianças sobre a ASCT (Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990), bem como os resultados de cotação dos Modelos Internos de Vinculação.

Aquando da sua recolha de dados, a Unidade havia já efectuado todos os procedimentos éticos de recolha de dados, como apresentação de projecto de investigação, cartas de consentimento, etc.

A cotação ao nível dos Modelos internos de Vinculação foi efectuada por um investigador experiente, independente dos investigadores que procederam à recolha de dados, seguindo os critérios de cotação da Attachment Story Completion Task de Bretherton, Ridgeway e Cassidy (1990), alterados com base nas adaptações realizadas por Heller (2000) e tendo por base parte o manual de cotação das narrativas (Segurança e Coerência das narrativas) desse mesmo autor, que constitui uma aproximação a vários modelos de cotação previamente existentes.

Numa fase inicial receberam-se apenas os vídeos e apenas após a cotação das narrativas com a escala SCORS foram recebidos os resultados de cotação dos Modelos Internos de Vinculação, a fim de não contaminar o processo de cotação e garantir que esta fosse feita por investigadores independentes.

Assim, efectuou-se o visionamento e transcrição dos vídeos das histórias das crianças e após o treino de cotação das escalas SCORS, segundo o método de aprendizagem definido no

manual (numa primeira fase faz-se a familiarização com o enquadramento teórico da medida, seguidamente lê-se cuidadosa e repetidamente as regras de cotação referentes a cada dimensão, e, finalmente, faz-se a cotação do primeiro protocolo prático, presente no manual, discutindo-se as diferenças obtidas até se chegar a um consenso quanto à cotação, revendo o enquadramento teórico e as regras de cotação. De seguida repete-se este processo com os protocolos práticos 2 e 3), iniciou-se a cotação das narrativas ao nível da dimensão da Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações, segundo os 5 pontos da escala correspondendo e seguindo os parâmetros de cotação definidos pelos autores da escala. Esta cotação foi inicialmente realizada por dois cotadores em treino sob a supervisão de um cotador experiente, fazendo-se a análise das diferenças encontradas e analisando-se estatisticamente o acordo inter-observadores. Na sexta sessão de treino obteve-se um coeficiente de correlação intra-classe (ICC) geral de 0,83, distribuído pelas cinco histórias da seguinte forma:

- Sumo entornado (SE): r = 0,93
- Joelho Magoado (JM): r = 0,94
- Monstro no quarto (MQ): r = 0,35
- Separação (SP): r = 0,90
- Reunião (RE): r = 0,94

A partir deste ponto, apenas uma das investigadoras em treino passou a cotar as restantes narrativas (16 crianças). No entanto, o baixo nível de acordo em relação à narrativa monstro no quarto levou a que o cotador experiente e essa investigadora treinada voltassem a cotar as 51 narrativas MQ, a fim de procurar aumentar o valor de ICC. Assim, as narrativas MQ foram cotadas pela segunda vez por dois cotadores independentes, tendo-se discutido e chegado a acordo em todos os casos cuja diferença de cotação entre investigadores fosse maior ou igual que 1. No fim desta cotação obteve-se um nível de fiabilidade r = 0,9.

Na análise de resultados utilizou-se apenas os valores obtidos nesta segunda cotação das narrativas MQ.

No total de 51 crianças cotadas com a SCORS, foram invalidadas 5 narrativas (1 SP, 1 RE e 2 MQ), ou por terem falta de informação passível de ser cotada ou devido a problemas ao nível da transcrição das narrativas por dificuldades no nível áudio, resultando em demasiadas partes inaudíveis, passíveis de alterar a compreensão da narrativa da criança.

Os resultados de cotação das duas variáveis (Modelo Interno de Vinculação e Paradigma da Tonalidade Afectiva das Relações) foram introduzidos no SPSS [Statistical Package for Social Sciences], a fim de se realizar o tratamento estatístico dos dados.

Weschsler Preschool and Primary Scale of Intelligence (WPPSI; Weschler, 1989; Adaptação Espanhola realizada pelo Departamento I+D da TEA Edições, Madrid, 1996).

Foram aplicados os sub-testes verbais da WPPSI, com o fim de analisar as competências verbais das crianças e possíveis diferenças na capacidade lexical e compreensão verbal, que pudessem influenciar de alguma forma os resultados obtidos tanto em termos de vinculação como de relações de objecto.

A WPPSI avalia o Quociente de Inteligência (QI) geral, subdividindo-o em duas partes: QI verbal e QI manipulativo em crianças com idades entre os 4 e os 6 ½ anos. A prova original é constituída por onze provas (seis verbais: Informação, Vocabulário, Aritmética, Semelhanças, Compreensão e Frases – Opcional) e cinco manipulativas.

Cada prova avalia diferentes capacidades: *Informação* – conhecimento geral – 21 itens; *Vocabulário* – capacidade de indicar o significado de diferentes palavras, bem como a sua função – 22 itens; *Aritmética* – raciocínio matemático – 20 itens; *Semelhanças* – capacidade de estabelecer qualidades ou características comuns entre duas palavras dadas – 20 itens; *Compreensão* – capacidade de compreender e verbalizar as razões subjacentes a determinadas acções – 15 itens.

Procedimento de Aplicação da WPPSI

A recolha dos dados relativos ao QI verbal de cada criança foi realizada de forma individual, em dias separados da recolha das narrativas ASCT, segundo a disponibilidade das crianças. As provas foram aplicadas pela seguinte ordem: Prova de Informação, Prova de Vocabulário, Prova de Aritmética, Prova de Semelhanças e Prova de Compreensão. Não, portanto, aplicada a prova opcional Frases.

Procedimento de cotação da WPPSI

As provas foram cotadas por duas investigadoras independentes das que cotaram as narrativas ASCT em relação à vinculação como das investigadoras que as cotaram segundo os critérios da SCORS.

Análise de Resultados

Apresentam-se de seguida os principais resultados para cada um dos instrumentos utilizados.

ASCT

Fidelidade e Consistência Interna para os Valores da Segurança e Coerência

Obteve-se um bom grau de fidelidade nos valores de segurança, atingindo-se bons valores no acordo inter-avaliadores quer no valor da Segurança (r = 0,85) como no da Coerência (r = 0,81).

A análise da consistência interna para os valores de Segurança e Coerência, por meio do coeficiente de *alfa de Cronbach*, verificou a existência de uma óptima consistência interna, com valores para o coeficiente *alfa de Cronbach* elevados, respectivamente, α=.955 e α=.954 (Anexo D).

Coerência e Segurança do Modelo Interno Dinâmico (MID)

As médias de cada história para a Coerência oscilaram entre 5, 19 (DP=1,39) na história do Joelho Magoado, e 5,55 (DP=1,17) na história do Monstro no Quarto. No que se refere à Segurança as médias variaram entre 5,26 (DP=1,38) e 5,58 (DP=1,31) nas mesmas histórias.

Os valores encontrados apresentam-se um pouco mais elevados que os encontrados por Ramos (2008), com crianças institucionalizadas.

Histórias	Coerência				Segurança			
	M	DP	Min	Max	M	DP	Min	Max
Sumo Entornado	5,39	1,05	2	8	5,48	1,11	2,17	7,83
Joelho Magoado	5,19	1,39	2,17	7,83	5,26	1,38	2	8
Monstro no Quarto	5,55	1,17	2,2	7,7	5,58	1,13	2	8
Separação	5,34	1,21	2,3	7,8	5,38	1,23	2,33	7,67
Reunião	5,23	1,40	1,33	7,33	5,29	1,42	1	7

Tabela 1: Distribuição de médias, desvios-padrão (SD) e valores máximos e mínimos das histórias para os valores da Coerência e Segurança (Anexo E).

Correlações dos Valores de Coerência e Segurança nas Cinco Histórias

De forma a procurar compreender como as cinco histórias ASCT se relacionam, realizou-se uma análise correlacional (correlações de Pearson) para os valores de Coerência e de Segurança ao nível das cinco histórias ASCT.

Foram encontradas correlações positivas e significativas em todas as histórias, quer no que concerne aos valores da coerência, como nos valores da segurança. Os resultados obtidos estão esquematizados nas tabelas 2 e 3 seguidamente apresentadas.

Histórias	JMC	MQC	SPC	REC
SEC	,841(**)	,810(**)	,743(**)	,784(**)
JMC		,890(**)	,828(**)	,849(**)
MQC			,786(**)	,841(**)
SPC				,854(**)

**Correlação significativa para p<0.01 (1-tailed).

Tabela 2: Correlações para os valores da Coerência nas 5 histórias (Anexo F).

Histórias	JMS	MQS	SPS	RES
SES	,855(**)	,800(**)	,736(**)	,801(**)
JMS		,888(**)	,829(**)	,864(**)
MQS			,810(**)	,828(**)
SPS				,864(**)

**Correlação significativa para p<0.01 (1-tailed).

Tabela 3: Correlações para os valores da Segurança nas 5 histórias (Anexo F).

Em relação à coerência, as correlações mais fracas estão ao nível da narrativa Sumo Entornado com a Separação (r= 0,743) e Reunião (r= 0,784) e ainda entre o Monstro no Quarto e a Separação (r= 0,786). A mais forte correlação dá-se entre a narrativa Joelho Magoado e a do Monstro no Quarto (r=0,89).

Já em relação à Segurança, a correlação mais fraca dá-se entre a história do Sumo entornado e a da Separação (r=0.739) e a mais forte entre a do Joelho Magoado e a do Monstro no Quarto (r=0.888).

Estes valores, embora próximos, são ligeiramente superiores aos detectados por Ramos (2008) na sua investigação com crianças institucionalizadas.

Relação entre Coerência, Segurança, e QI Verbal

Procurando controlar e verificar os possíveis efeitos que as diferentes capacidades linguísticas, pudessem ter nos valores da Coerência e Segurança, realizou-se uma correlação de Pearson entre os valores de QI Verbal, obtido através da WPPSI. Encontrou-se uma correlação significativa positiva, embora fraca, para $p<0.05$ (1-tailed), tanto para o valor da Segurança como da Coerência, em relação à história da Separação: $r=.258$ e $r=.277$, respectivamente.

	Coerência					Segurança				
	SEC	**JMC**	**MQC**	**SPC**	**REC**	**SES**	**JMS**	**MQS**	**SPS**	**RES**
QI Verbal	,196	,188	,222	,277(*)	,164	,141	,159	,237	,258(*)	,131

*Correlação significativa para $p<0.05$ (1-tailed).

Tabela 4: Correlações entre o QI Verbal e os valores da Coerência e Segurança (Anexo G).

Cálculo da Variável Segurança e Coerência Totais

Foram criadas duas novas variáveis, "Coerência Total" e "Segurança Total", através da média dos valores de Coerência e Segurança em todas as histórias. Esta criação permitiu a criação da variável "Qualidade dos MID", variável a comparar com os resultados obtidos com a escala SCORS.

Obteve-se um valor médio de 5,38 para a Coerência (DP = 1,01) e um valor médio de 5,43 para a Segurança (DP = 1,11).

	M	**DP**	**Min.**	**Max.**
Coerência Total	5,38	1,11	2,13	7,53
Segurança Total	5,43	1,11	2,13	7,46

Tabela 5: Valores Médios de Coerência e Segurança Totais (Anexo H).

Cálculo da Variável "Qualidade dos MID"

As correlações entre os valores totais de Coerência e Segurança demonstraram a existência de uma correlação positiva e muito significativa ($r = .99$, $p<.01$ – Anexo I), permitindo o agrupamento destas duas escalas numa única dimensão: "Qualidade dos MID".

Relação entre a "Qualidade do Modelo Interno Dinâmico" e variáveis demográficas da criança e dos pais

Não foram encontradas diferenças, nem correlações significativas entre as avaliações de Coerência e Segurança ou a variável "Qualidade dos MID" em relação ao género da criança, ao facto de ter irmãos, ser filho primogénito, idade, idade dos pais, pais casados, habilitações literárias dos pais, facto dos pais terem emprego ou não.

Não foi também encontrada uma correlação significativa entre o QI Verbal e a variável "Qualidade dos MID".

SCORS

Criação das variáveis "SETA", "JMTA", "MQTA", SPTA" e "RETA"

Agruparam-se as cotações dos diferentes cotadores em cada história em variáveis: (1) Médias do sumo entornado: SETA; (2) Médias do Joelho Magoado: JMTA; (3) Médias do Monstro no Quarto: MQTA; (4) Médias da Separação: SPTA; e (5) Médias da Reunião: RETA.

Fidelidade e Consistência Interna para os Valores da Segurança e Coerência

Obtiveram-se bons valores de fidelidade, com um coeficiente de correlação intra-classe (ICC) geral, na sexta sessão de treino, de 0,89, distribuído pelas cinco histórias da seguinte forma (Anexos K e J):

- Sumo entornado (SE): r = 0,93
- Joelho Magoado (JM): r = 0,94
- Monstro no quarto (MQ): r = 0,93[1]
- Separação (SP): r = 0,90
- Reunião (RE): r = 0,94

Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações

As médias para a Tonalidade Afectiva oscilaram entre 2,93 (DP = 0.58) para a história do Sumo Entornado, e 3,17 (DP= 0,70 e 0,55) para as histórias Joelho Magoado e Separação.

Estes resultados são ligeiramente superiores que os detectados por Ramos (2008), em crianças institucionalizadas.

[1] Houve necessidade de cotar estas narrativas duas vezes, já que na primeira cotação apenas se conseguiu chegar a um acordo ICC de r=0,35.

	Tonalidade Afectiva			
	M	**DP**	**Min.**	**Máx.**
SETA	2,93	0,58	1,50	4,00
JMTA	3,17	0,70	1,00	5,00
MQTA	3,05	0,56	1,75	4,25
SPTA	3,17	0,55	2,00	4,25
RETA	3,14	0,72	1,50	4,75

Tabela 6: Distribuição de médias, desvios-padrão (SD) e valores máximos e mínimos das histórias para os valores da Tonalidade Afectiva (Anexo L).

Correlações dos Valores de Tonalidade Afectiva nas Cinco Histórias

De forma a procurar compreender como as cinco histórias se relacionam, realizou--se uma análise correlacional (correlações de Pearson) para os valores de Tonalidade Afectiva ao nível das cinco histórias.

	JMTA	**MQTA**	**SPTA**	**RETA**
SETA	,529(**)	,210	,424(**)	,213
JMTA		,416(**)	,587(**)	,519(**)
MQTA			,333(*)	,288(*)
SPTA				,602(**)

**Correlação significativa para p<0.01 (1-tailed).
* Correlação significativa para p<0.05 (1-tailed)

Tabela 7: Correlações para os valores de Tonalidade Afectiva nas 5 histórias (Anexo M).

Os coeficientes de correlação oscilaram entre 0,210, entre a história do Sumo Entornado e do Monstro no Quarto, sem correlação, e 0,602, correlação forte e significativa, entre a história da Separação e da Reunião. A tonalidade afectiva da história do Sumo Entornado Monstro não mostrou correlação significativa com as histórias Monstro no Quarto e Reunião.

Estes resultados são semelhantes aos de Ramos (2008) no seu estudo com crianças institucionalizadas, embora no seu caso, apenas não tenham sido detectadas correlações significativas para as histórias do Monstro no Quarto.

Desta forma, não foi possível o agrupamento da tonalidade afectiva das 5 histórias num único valor médio de tonalidade afectiva, pelo que as cotações do SCORS das narrativas foram utilizadas separadamente nas restantes análises.

Relação entre a "Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações" e variáveis demográficas da criança e dos pais

Partiu-se de seguida para a análise correlacional, através de uma série de testes de Pearson. e de diferenças significativas, através de testes T-Student. Seguem-se as tabelas com os principais resultados obtidos:

	SETA	JMTA	MQTA	SPTA	RETA	QI Verbal
QI Verbal	,251	,160	,053	,342(*)	,166	
Idade das Crianças	,319(*)	,329(**)	,165	,373(**)	,324(*)	,125
Idade da Mãe	-,041	-,372(*)	-,105	-,236	-,001	-,162
Idade do Pai	-,092	,047	-,007	-,134	,283	-,179
Habilitações Literárias do Pai	,423(**)	,333(*)	,386(*)	,251	,319(*)	.312*
Habilitações Literárias da Mãe	,105	-,047	-,093	,073	,170	,201

**Correlação significativa para p<0.01 (1-tailed).
* Correlação significativa para p<0.05 (1-tailed)

Tabela 8: Correlações entre a "Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações" das 5 histórias e variáveis da criança e dos pais (Anexo N).

	Sexo	N	M	DP	T de Student	Sig.
MQTA	Feminino	24	3,25	0,59	2,568	0,014
	Masculino	24	2,85	0,47		
MQTA	Irmãos	27	3,23	0,53	2,736	0,009
	Sem Irm.	15	2,78	0,47		
SPTA	Irmãos	28	3,32	0,57	2,285	0,027
	Sem Irm.	16	2,92	0,53		
RETA	Irmãos	28	3,35	0,63	2,775	0,008
	Sem Irm.	16	2,77	0,74		
RETA	FP	25	2,88	0,70	-2,880	0,006
	Não FP	20	3,45	0,60		
JMTA	Com Irmãos e FP	8	3,72	0,73	2,090	0,046
	Com Irmãos Não FP	21	3,12	0,68		
RETA	Casados	33	3,25	0,62	3,256	0,003
	Divorciados	4	2,19	0,55		

Tabela 9: Distribuição das médias e desvios-padrão para o valor de Tonalidade Afectiva em relação ao género, ter irmãos, ser-se filho primogénito, ter-se irmãos e ser-se filho primogénito e estado civil dos pais e valores de T de Student (Anexo O).

Relação entre Tonalidade Afectiva e QI Verbal

Procurando controlar e verificar os possíveis efeitos que as diferentes capacidades linguísticas, pudessem ter nos valores da Tonalidade Afectiva, realizou-se uma correlação de Pearson entre os valores de QI Verbal, obtido através da WPPSI. Como se pode verificar na tabela 8, encontrou-se uma correlação significativa positiva, embora fraca, para $p<0.05$ (1-tailed), tanto para o valor da Segurança como da Coerência, em relação à história da Separação: $r=.258$ e $r=.277$, respectivamente.

Como se pode verificar na Tabela 8, encontrou-se uma correlação significativa positiva, embora fraca, para $p<0.05$ (1-tailed), para o QI Verbal, em relação à história da Separação: $r=.342$.

Relação entre Tonalidade Afectiva e Género

Como se pode verificar na Tabela 9, encontraram-se diferenças significativas entre género no que concerne à tonalidade afectiva na história do Monstro no Quarto, verificando-se valores mais elevados (ca. 0.4) nas raparigas.

Relação entre Tonalidade Afectiva e Ter Irmãos

A tabela 9 mostra como os valores de tonalidade afectiva nas histórias Monstro no Quarto, Separação e Reunião, têm valores mais baixos quando os sujeitos não têm irmãos (ca. 0,45; 0,4 e 0.58 respectivamente). Embora não significativa, encontra-se também uma diferença relativamente próxima de significativa em relação à história do Joelho Magoado, no mesmo sentido (valores mais elevados quando existem irmãos: ca. 0,39).

Relação entre Tonalidade Afectiva e Filho Primogénito

Como se pode verificar na Tabela 9, encontraram Encontraram-se diferenças significativas entre o facto de se ser filho primogénito no que concerne à tonalidade afectiva na história da Reunião, verificando-se valores mais elevados (ca. 0.57) para os filhos não primogénitos. Em relação à História do Monstro no quarto a diferença não chega a ser significativa, mas é marginalmente significativa, verificando-se, novamente, que os filhos primogénitos fornecem histórias com níveis de tonalidade afectiva mais baixos.

Esta descoberta levou a análises mais aprofundadas, já que um filho primogénito tanto poderia ser filho único como ter irmãos. Na realidade, 18 dos primogénitos não têm irmãos, restando outros 21, dos casos em que há informação (Anexo O).

Fez-se, então um teste T-Student com os filhos primogénitos, seleccionando apenas os casos em que há irmãos, a fim de procurar perceber o sentido das diferenças significativas encontradas, tendo-se descoberto que apenas na história do Joelho Magoado existem diferenças significativas relativamente baixas no que concerne ao facto de se ser filho primogénito com irmãos. Assim, nesta história (JM), os valores de tonalidade afectiva parecem ser mais elevados quando os sujeitos não são filhos primogénitos (ca. 0.60). No entanto, o reduzido número de crianças filhas primogénitas com irmãos é tão reduzido (N = 8) que deixa algumas reservas em relação a qualquer ilação que daqui se possa querer retirar.

Assim sendo, verificou-se que a grande diferença que se encontrou nos valores de Tonalidade Afectiva nas histórias do Monstro no Quarto e Reunião em relação a ser-se filho primogénito ou não, se dá sobretudo em função do facto de se ter irmãos e não em relação ao facto de se ser primogénito ou não.

Relação entre Tonalidade Afectiva e Pais Casados

Embora o número de casos com pais divorciados seja bastante reduzido (N=4), optou-se por se analisar a existência de diferenças significativas a este nível, tendo-se encontrado diferenças significativas no caso da história da Reunião, com os filhos de pais divorciados a apresentarem histórias com níveis de Tonalidade Afectiva mais reduzida (ca. 1).

Refere-se também uma diferença próxima de significativa em relação à história da Separação, com os filhos de pais não divorciados a fornecerem histórias com Tonalidades Afectivas mais elevadas (ca. 0.55). A tabela 9 resume estes dados.

No entanto, para que estas diferenças possam ser aceites e interpretadas, será necessária a sua validação por outros estudos, com maior número de casos, que venham a confirmar a existência de diferenças a este nível.

Relação entre Tonalidade Afectiva e Idade das Crianças

Encontraram-se correlações significativas e positivas, embora fracas, entre as idades das crianças e os valores das Tonalidade Afectiva em todas as histórias, excepto para a história do Monstro no Quarto: Sumo Entornado r= 0.319; p= 0.012; Joelho Magoado r= 0.329; p= 0.010; Separação r= 0.373; p= 0.004 e Reunião r= 0.324; p= 0.012). A tabela 8 resume estes dados.

Relação entre Tonalidade Afectiva e Idade da Mãe

Como se pode verificar na Tabela 8, a análise correlacional entre a Tonalidade Afectiva e a idade da mãe, revelaram a existência de uma correlação significativa e negativa na história do Joelho Magoado (r=-0.372; p= 0.021).

Relação entre Tonalidade Afectiva e Habilitações Literárias do Pai

Encontraram-se ainda correlações significativas e positivas entre as Habilitações Literárias do Pai e os valores de Tonalidade Afectiva em relação às histórias do Sumo Entornado (r = 0.423; p= 0.006), Joelho Magoado (r = 0.333; p= 0.025), Monstro no Quarto (r = 0.386; p= 0.012) e Reunião (r = 0.319; p= 0.033). A tabela 8 resume estas correlações.

Relação entre QI Verbal e Idade

Contrariamente ao esperado, não foram encontradas correlações significativas entre o QI Verbal e a Idade das Crianças. A análise correlacional através dos valores brutos obtidos pelas crianças previamente à sua conversão em valores de QI não encontrou também correlações significativas.

Relação entre Habilitações Literárias do Pai e QI Verbal

Foram detectadas correlações significativas e positivas entre as Habilitações Literárias do Pai e os valores de QI Verbal (r= 0.312; p= 0.041).

Relação entre Tonalidade Afectiva e Qualidade dos MID

Para examinar a relação entre a dimensão Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações e a Qualidade dos MID, utilizou-se uma análise correlacional. As correlações entre a dimensão da relação objectal – tonalidade afectiva do paradigma das relações – e a qualidade das representações de vinculação (modelo interno dinâmico) acedida, em ambos os instrumentos, através das narrativas ASCT apresentam-se na Tabela 10.

Tonalidade Afectiva	Qualidade dos MID	
	r	Sig.
SETA	,565(**)	0,000
JMTA	,583(**)	0,000
MQTA	,163	0,134
SPTA	,449(**)	0,001
RETA	,451(**)	0,001

**Correlação significativa para p<0.01 (1-tailed).

Tabela 10: Correlações entre a Tonalidade Afectiva das 5 narrativas e a Qualidade da Vinculação (Anexo P).

A variável Qualidade dos MID demonstra possuir correlações significativas positivas com a tonalidade afectiva de todas as narrativas, excepto para a narrativa do Monstro (r =.163, p=.134), confirmando parcialmente a hipótese colocada.

Estes resultados vão de encontro aos resultados obtidos por Ramos (2008), na sua investigação semelhante, com uma amostra de crianças institucionalizadas.

Uma breve revisão desta análise de resultados permite identificar três histórias com resultados a merecerem um maior enfoque: Monstro no Quarto, Separação e Reunião, porque as análises efectuadas obtiveram correlações e diferenças significativas específicas que as permitem diferenciar das restantes histórias. A seguinte análise esquemática das correlações e diferenças significativas encontradas nestas histórias, pretende explicitar estas especificidades.

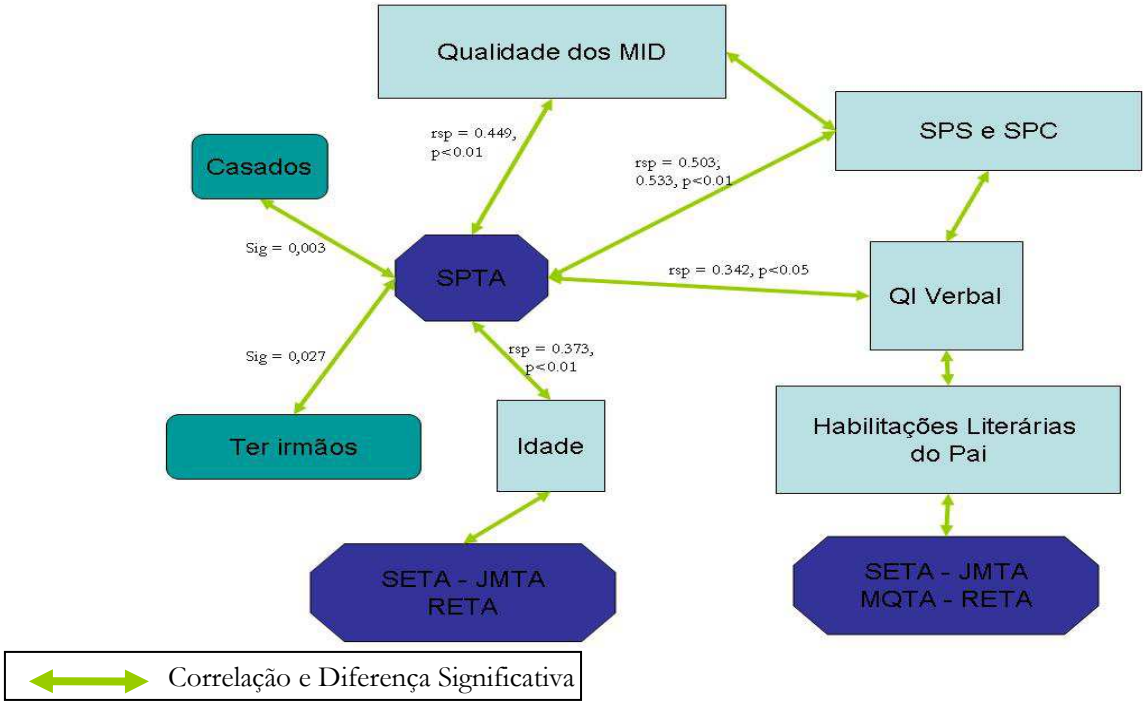

Diagrama 1: Principais Correlações e Diferenças Significativas encontradas em Relação à Tonalidade Afectiva da História da Separação.

Observando o Diagrama 1, verifica-se que a Tonalidade Afectiva da história da Separação possui boas correlações positivas com a Qualidade dos MID e com os valores de coerência e segurança dessa história. Possui ainda correlações positivas com o QI verbal e com a Idade. Por outro lado, apresenta-se como sendo a única história sem correlação significativa com as habilitações literárias do pai. Em relação às diferenças, verificamos que factores como o casamento ou divórcio dos pais e o facto de se ter ou não irmãos, influenciam os resultados obtidos em termos de Tonalidade Afectiva nesta história.

Estes resultados sugerem diversas ideias:

1. Que um crescente domínio verbal e uma maior idade permitem uma melhor gestão afectiva de temáticas relacionadas com a separação, factores que não estão directamente relacionados com a Qualidade do Modelo Interno Dinâmico de Vinculação.
2. Que o facto de se ter irmãos pode ser um factor protector na gestão afectiva de temáticas relacionadas com a separação.
3. Que o facto de os pais estarem divorciados dificulta a gestão afectiva dessas mesmas temáticas de separação.

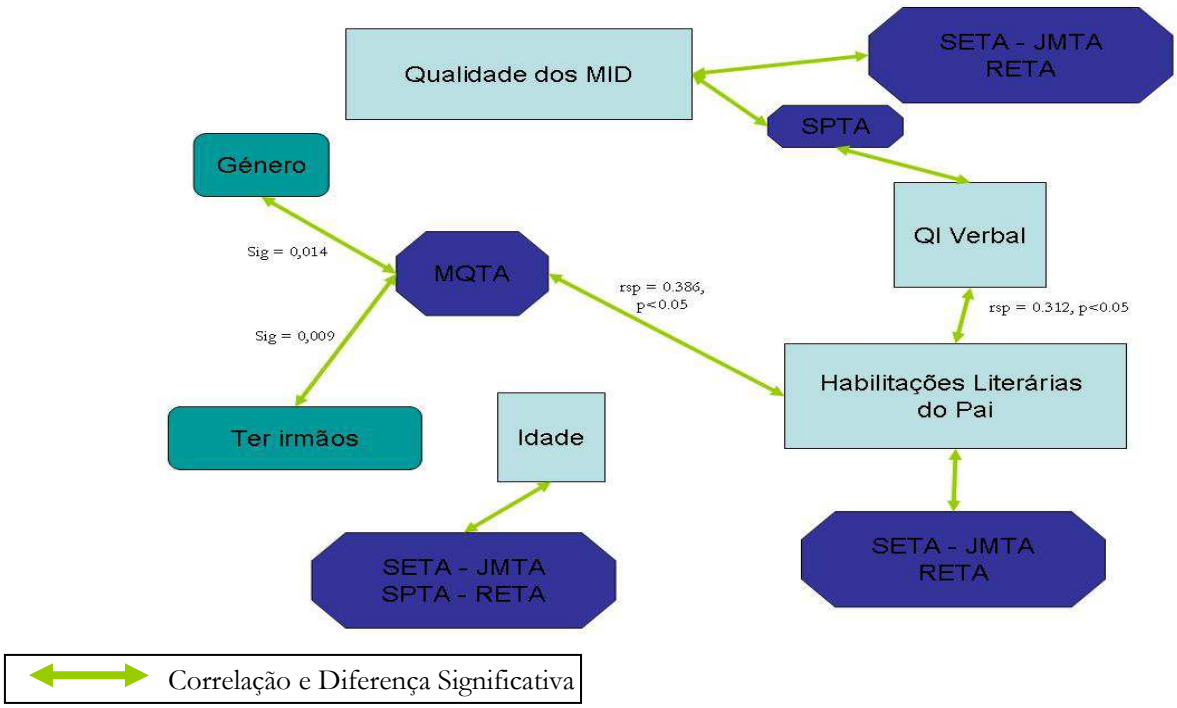

Diagrama 2: Principais Correlações e Diferenças Significativas encontradas em Relação à Tonalidade Afectiva da História do Monstro no Quarto.

Em primeiro lugar será de recordar o lugar de destaque que esta história obteve logo ao nível da cotação ao ter que ser cotada por duas vezes e tendo que ser sempre discutidos os casos de maior desacordo entre os cotadores.

Depois, a análise do diagrama acima esquematizado permite facilmente visualizar a individualidade desta história em relação às análises efectuadas: por constitui-se como possuindo apenas uma correlação significativa com as habilitações literárias do pai e, por outro lado, como a única história cuja tonalidade afectiva não está relacionada com a Qualidade dos MID. É também a única história onde a idade parece não possuir qualquer efeito. Em termos de diferenças significativas, percebem-se influências quer em relação ao género, quer em relação ao facto de se ter irmãos.

Estes resultados abrem algumas hipóteses:

1. Esta história possui um cariz especial em relação à Tonalidade Afectiva, factor não encontrado em relação à vinculação. Assim, temáticas relacionadas com o medo parecem influir de forma mais significativa e negativa na tonalidade afectiva que na vinculação.
2. Tonalidade Afectiva / Representações Internalizadas de Objecto e Modelos Internos Dinâmicos, parecem divergir nestas temáticas.

3. Contrariamente às restantes histórias, o factor idade não parece influir nos valores da tonalidade afectiva.
4. Um maior desenvolvimento linguístico não parece ser um factor protector na gestão afectiva destas temáticas, sugerindo a sua cristalização em idades anteriores.
5. O facto de se ter irmãos parece ser um factor protector na gestão afectiva de temáticas relacionadas com o medo.
6. As raparigas parecem possuir melhores capacidades afectivas para gerir este tipo de temáticas, sem que essa diferença esteja relacionada com o seu desenvolvimento verbal (Anexo Q).

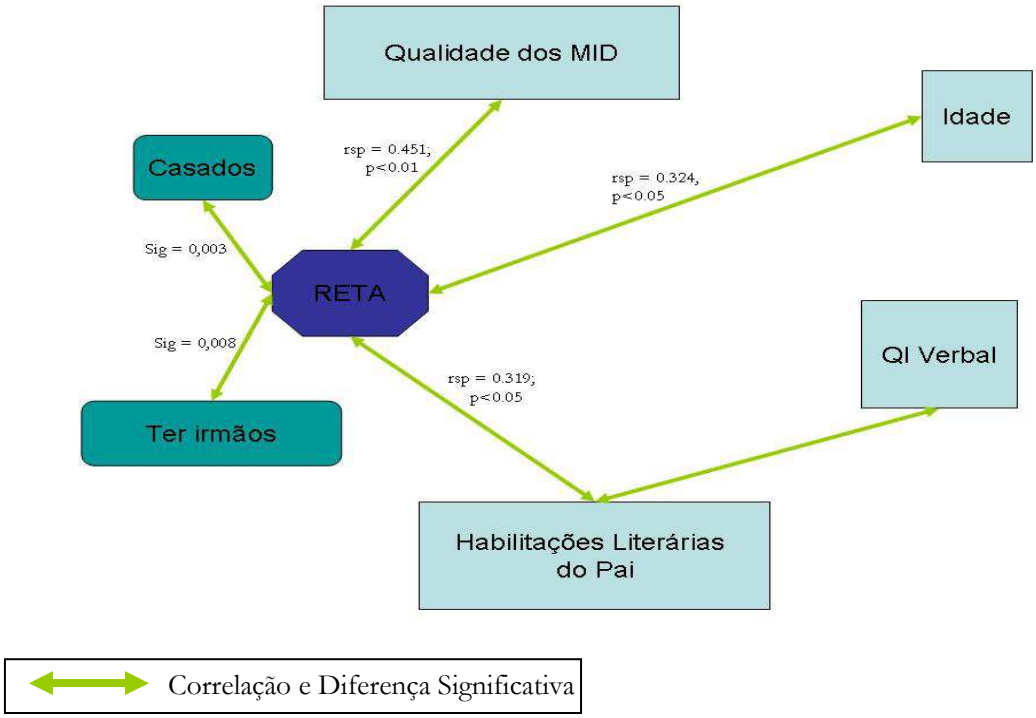

Diagrama 3: Principais Correlações e Diferenças Significativas encontradas em Relação à Tonalidade Afectiva da História da Reunião.

A posição de destaque que se dá a esta história deve-se, sobretudo, em relação às diferenças significativas encontradas. Assim, apesar do reduzido número de crianças com os pais divorciados, considerou-se importante destacar esta diferença significativa. Encontrou-se também uma diferença significativa em relação ao factor ter irmãos. De resto, verifica-se a existência de uma boa correlação significativa e positiva entre a Qualidade dos MID e a Tonalidade Afectiva desta história, que possui ainda correlações significativas e positivas, embora um pouco mais fracas quer com as habilitações literárias do pai, quer com a idade das crianças.

Assim, estes resultados sugerem que:

1. Conforme hipotetizado, Modelos Internos Dinâmicos e Representações de Objecto Internalizadas estão relacionadas.
2. O factor idade e as habilitações literárias do pai parecem possuir um factor protector na gestão afectiva de temáticas relacionadas com a reunião após separação.
3. Ter irmãos pode ser um factor protector em relação à tonalidade afectiva em temáticas relacionadas com a reunião.
4. O factor divórcio ou separação dos pais parece influir negativamente na gestão afectiva de temáticas como a reunião.

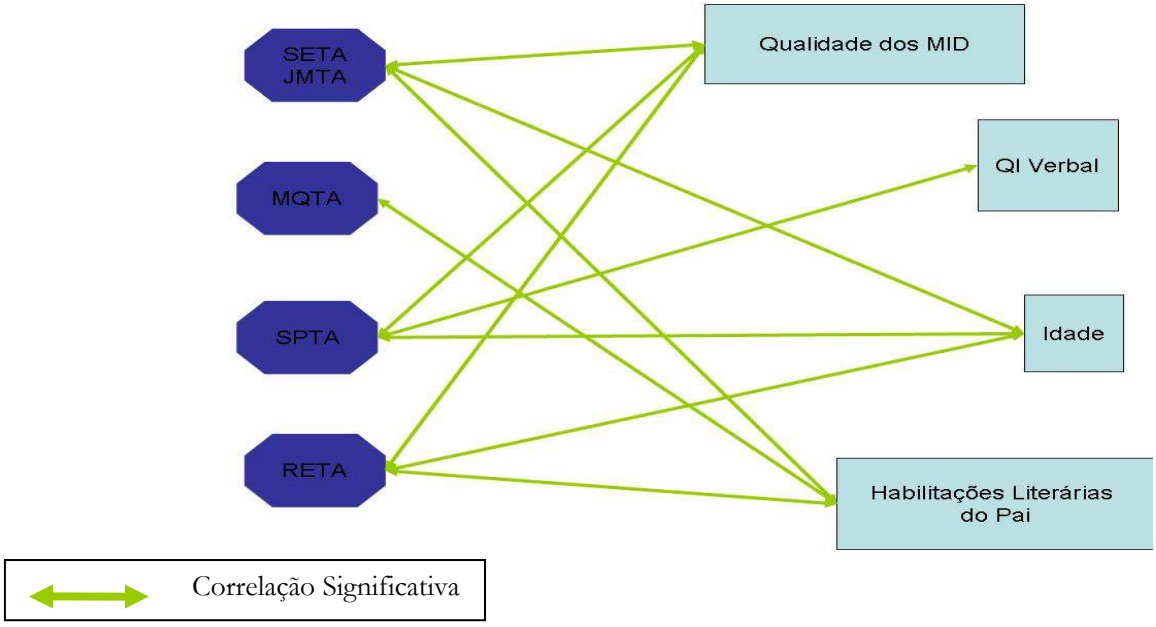

Diagrama 4: Principais Correlações e Diferenças Significativas encontradas em Relação à Tonalidade Afectiva das diferentes Histórias.

Finalmente, o Diagrama 4 esquematiza os principais resultados correlacionais encontrados neste estudo, demonstrando como a hipótese inicialmente colocada foi parcialmente confirmada pelo estudo.

Discussão

Pretendia-se com a presente investigação explorar a relação entre a qualidade do modelo interno dinâmico e a qualidade das relações de objecto internalizadas em crianças de idade pré-escolar.

Os resultados obtidos permitiram a confirmação parcial da hipótese colocada, visto que se encontrou uma correlação significativa e positiva entre a dimensão da qualidade da representação da vinculação (qualidade dos MID) e a dimensão das relações de objecto internalizadas, acedida pela SCORS através da escala tonalidade afectiva, em todas as narrativas ASCT, exceptuando na história do Monstro no Quarto. Assim, os resultados encontrados vão no sentido de uma associação positiva entre a qualidade dos MID da vinculação e a qualidade da tonalidade afectiva das representações internas de objecto: crianças com modelos internos de vinculação mais seguros tendem a apresentar tonalidades afectivas em relação às suas relações objectais mais positivas.

Desta forma, estes resultados permitem depreender a existência de uma relação empírica entre estes dois conceitos da Teoria da Vinculação e das Teorias de Relação de Objecto da Psicanálise, tal como proposto teoricamente por Lilleskov (1992), Goodman (2002), Fonagy (2001), Steele e Steele (1998) e Eagle (2003) e reforçando os resultados obtidos por Neal e Frick-Horbury (2001) e Giles e Maltby (2004). Os dados vêm ainda ao encontro dos resultados obtidos por Ramos (2008) que numa investigação semelhante à presente, em crianças institucionalizadas encontrou a mesma confirmação parcial de hipótese que a presente. A história do Monstro no Quarto possuirá um lugar de destaque nesta discussão, pelo que se reserva para essa altura as considerações relativas a ela. Ainda assim, a divergência encontrada ao nível desta história evidencia o facto de que, embora semelhantes e em relação, MID e Representações de Objecto Internalizadas são divergentes nalguns aspectos.

De acordo com os resultados obtidos com esta metodologia, as cinco histórias ASCT relacionam-se positiva e significativamente, em relação aos valores de Coerência e Segurança. Estes valores mostraram ainda possuir independência em relação à idade e em relação ao QI Verbal, com excepção da história da separação. Estes factos permitem afirmar que o instrumento é válido e adequado para a avaliação dos modelos internos dinâmicos de vinculação da amostra em estudo, evidenciando a relação positiva entre a coerência de discurso e os MID, independente das diferenças de idade e do desenvolvimento verbal das crianças.

Apenas no caso das temáticas relacionadas com a separação (história da Separação) se encontra uma relação com o desenvolvimento linguístico, ainda que fraca, facto que parece indicar a existência de influências positivas entre as capacidades linguísticas e a gestão de temáticas relacionadas com a separação tanto em termos de segurança como de coerência. No entanto, esta relação parece não influenciar os resultados de coerência e segurança em termos globais, ao não se encontrarem relações entre os valores de coerência e segurança totais ou a variável qualidade dos MID e o QI Verbal. Assim, parece ter sido possível controlar os eventuais efeitos das capacidades linguísticas na avaliação dos modelos internos das crianças.

Embora os valores sejam bastante aproximados, verificou-se que, tanto em termos de Segurança como de Coerência, a correlação mais forte se dá entre as histórias do Joelho Magoado e o Monstro no Quarto, indicando que as temáticas associadas a estas histórias (dor e medo) despoletam respostas semelhantes em termos de segurança e coerência. Já as histórias que parecem menos relacionadas entre si, tanto em termos de Coerência como de Segurança são as do Sumo Entornado e Separação, indicando que estas temáticas (autoridade e separação) geram respostas vinculativas em termos de segurança e coerência um pouco mais divergentes do que as restantes.

Tanto no caso da Segurança como da Coerência, a história que despoletou valores mais elevados foi a do Monstro no Quarto, história que parece, assim, despoletar mais comportamentos de relação de vinculação segura. Já os valores mais baixos deram-se nas histórias do Joelho Magoado seguidas pelas da Reunião, mostrando que estas temáticas (dor e reunião pós separação) parecem desencadear menos comportamentos de relação de vinculação segura.

A consideração das médias obtidas em cada história para os valores de Coerência e Segurança, numa escala de 1 a 8, permite verificar a prevalência de representações da vinculação seguras nesta amostra, com as narrativas a se caracterizarem, de forma geral, pela presença positiva de elementos de segurança na resolução dos problemas evocados em cada história, bem como pela prevalência duma coerência discursiva.

Segundo Bretherton (2005), as narrativas das crianças no ASCT parecem estar relacionadas com as conversas entre as mães e os filhos sobre as memórias da vida quotidiana e de experiências traumáticas, pelo que se poderá depreender a existência de relações positivas de diálogo entre as mães e as crianças da nossa amostra, que permitiu que as crianças permanecessem organizadas nas diferentes situações de vinculação despoletadas pelo ASCT.

Finalmente, e ainda apenas em relação aos resultados obtidos em termos de segurança do Modelo Interno Dinâmico de vinculação, o facto de não se detectar qualquer tipo de relação significativa com a idade, género, estado civil dos pais, facto de se ter irmãos e habilitações literárias dos pais, reforça a ideia de que a vinculação parece ser um conceito altamente específico e demarcado, independente de outras variáveis do desenvolvimento e contexto, tais como o género, a idade, o desenvolvimento linguístico, o estado civil dos pais ou a sua formação académica. No entanto, a amostra utilizada é relativamente homogénea em relação a estas variáveis, pelo que apenas estudos que comparem crianças com valores mais díspares nestas variáveis poderão permitir a confirmação desta afirmação.

Já a análise da tonalidade afectiva das relações, detectou a presença de representações médias, no nível 3 da escala, remetendo para uma afectividade com expectativas interpessoais e esquemas de pessoas / representação de objectos carregados de uma gama variada de afectos, que não são primariamente positivos, com as pessoas a serem geralmente vistas como sendo capazes de amar e serem amadas e de cuidar e serem cuidadas. Este nível remete, então, para representações suavemente negativas ou mistas, onde é possível a expressão de compaixão, a entreajuda e a benevolência entre as pessoas, mas em que a expressão de afecto e a tonalidade afectiva é relativamente neutra (Westen, 1995; Westen *et al.,* 2002a; Westen *et al.,* 2002b; Hilsenroth, Stein, & Pinsker, 2004).

Novamente os valores encontrados nas diferentes histórias são bastante coesos. No entanto, a análise dos picos revela que os valores mais baixos foram encontrados nas histórias do Sumo Entornado, seguidas das do Monstro no Quarto, sugerindo que estas temáticas e seus conflitos geram representações mais negativas ou neutras que as restantes. Já as histórias do Joelho Magoado e da Separação, obtiveram as pontuações mais elevadas, revelando que as temáticas em torno da dor e da ansiedade de separação são melhor geridas em termos afectivos que as restantes.

Não se encontraram correlações significativas entre as tonalidades afectivas de todas as histórias, sugerindo que, contrariamente ao que sucede com a vinculação, as temáticas abordadas pelo procedimento ASCT evoca aspectos diferenciados em termos de tonalidade afectiva das representações de objecto. Este aspecto vem evidenciar como os conceitos de MID e de Representações de Objecto Interno, embora estejam relacionados, possuem algumas discrepâncias entre si, possuindo idiossincrasias específicas.

Assim, não foram encontradas correlações significativas entre as histórias do Sumo Entornado e quer as do Monstro no Quarto, como as da Reunião. Estas histórias e suas

temáticas (autoridade e medo, e autoridade e reunião pós separação) parecem, então, não evocar aspectos relacionados entre si em termos de tonalidade afectiva.

Por sua vez, a análise mais detalhada das correlações das histórias do Monstro no Quarto revelam que estas, para além de não possuírem relação significativa com as do Sumo Entornado, apresentam as mais baixas correlações: crescentemente com as histórias da Reunião, Separação e Joelho Magoado. A junção desta análise, conjuntamente com a consideração das dificuldades de cotação encontradas nestas histórias, bem como com a falta de correlações significativas entre esta história e qualquer outro factor analisado (à excepção das habilitações literárias do pai), vem sugerir que esta história e sua temática possuem uma individualidade própria. Voltar-se-á a este assunto mais à frente.

Já em termos de correlações significativas e positivas, encontram-se distribuídas de forma decrescente da seguinte forma: Separação e Reunião, Joelho Magoado e Separação e Sumo Entornado e Joelho Magoado, sugerindo que estas temáticas se encontram relacionadas entre si em termos afectivos e de representação de objecto.

Idade, Desenvolvimento Verbal e Tonalidade Afectiva

A análise do QI Verbal revelou influências do desenvolvimento linguístico na produção da tonalidade afectiva das histórias da Separação, a um nível fraco, reforçando a ideia de que esta temática parece ser positivamente afectada por este facto, não apenas em termos de vinculação como de tonalidade afectiva e representações de objecto, originando representações das relações mais positivas e benevolentes. Por outro lado, foram também detectadas a este nível influências positivas da idade das crianças, em todas as histórias, excepto nas histórias do Monstro no Quarto, sugerindo que um maior desenvolvimento global permite uma melhor gestão afectiva deste tipo de temáticas e, logo, uma produção mais positiva em termos de tonalidade afectiva. Estes resultados vão ao encontro de teorias e investigações que têm vindo a demonstrar a forma como o desenvolvimento linguístico pode ser um elemento organizador da psique humana, permitindo o melhor lidar com elementos ansiógenos, tais como a separação (e.g. Streit, 1988; Barone, 2006).

Desta forma, a análise da idade não permitiu confirmar que a tonalidade afectiva se trata de uma dimensão da relação objectal consideravelmente estável ao longo do desenvolvimento do indivíduo, ao detectar correlações significativas com todas as histórias, à excepção das histórias do Monstro no Quarto, onde parece que o nível de desenvolvimento não influencia a tonalidade

afectiva das representações de objecto. Ainda assim, estas correlações não parecem ser muito elevadas, sugerindo um efeito ligeiro a este nível.

Temática do Medo e Tonalidade Afectiva

Segue-se uma exploração psicodinâmica dos conceitos de "medo" e ansiedade" a fim de procurar encontrar explicações possíveis para os resultados obtidos em relação à história do Monstro no Quarto.

Bursztejn (2005) refere que o termo "medo", foi utilizado por Freud em contraste com o termo "ansiedade", referindo-se à reacção a um perigo real. Inicialmente, Freud interligava a ansiedade a um estado caracterizado pela expectativa e preparação para um dado perigo, mesmo que desconhecido, enquanto que o medo implicava um determinado objecto (quando a ansiedade encontrou já um objecto). No entanto, esta oposição entre ansiedade e medo aparece muito pouco mencionada nos escritos tardios do autor, passando a referir-se antes às condições necessárias para a emergência de ansiedade, segundo despoletadores de perigo internos ou externos. Já nas teorizações pós-Freudianas, o conceito de medo é essencialmente utilizado para caracterizar certas manifestações infantis de ansiedade. Assim, a distinção entre ansiedade e medo foi deixada cair pela psicanálise, utilizando-se antes outro conceito, o de angústia e fazendo-se antes outra distinção: entre despolatores de ansiedade internos (fantasias) e externos (aspectos reais e físicos).

O conceito de angústia é central às teorizações da psicanálise na compreensão das diferentes estruturas psíquicas que o ser humano cria no seu desenvolvimento (Bienenfeld, 2005; Kernberg, 2005b; Kohut, 1977, 1988; Lemma, 2003). Desta forma, não será de estranhar que esta temática assuma contornos especiais na análise da dimensão de relação de objecto internalizada, se entendermos que o medo do monstro, assume uma dimensão de angústia interna, determinada pela fantasia do próprio, estando-se mais num plano do inconsciente, onde outros aspectos do inconsciente poderão influir na produção destas histórias. Já nas restantes histórias, onde se verificou a existência de uma relação significativa e positiva entre vinculação e tonalidade afectiva, as crianças são levadas a lidar com situações do real e do quotidiano e, logo, situações mais do plano do consciente.

Os resultados encontrados parecem sugerir que estas temáticas relacionadas com o medo, fantasias e angústias internas, parecem influir de forma significativa e negativa na tonalidade afectiva das representações de objecto, não influindo de qualquer forma significativa nas

representações de vinculação. Assim, a Tonalidade Afectiva / Representações Internalizadas de Objecto e Modelos Internos Dinâmicos, parecem divergir nestas temáticas.

Diferenças de Género e Tonalidade Afectiva

Ainda em relação à história do Monstro no Quarto, encontrou-se uma diferença significativa no género da criança ao nível da tonalidade afectiva, com as raparigas a apresentarem tonalidades afectivas mais positivas que os rapazes. Esta diferença apresenta-se como divergência entre representações de vinculação e representações de objecto internalizadas, já que ao nível da vinculação o factor género não parece influir de qualquer forma significativa.

Levit (1991) afirma que a teoria psicanalítica clássica (Freud, 1933; cit. por Levit, 1991) refere a existência de diferenças intersexuais ao nível da personalidade, sugerindo que as mulheres e raparigas tendem a possuir uma orientação mais passiva e os homens e rapazes uma orientação mais activa, e, logo, possuindo diferenças ao nível dos seus esquemas defensivos. Desta forma, Freud (cit. por Levit, 1991) hipotetizou que as mulheres tivessem mais dificuldade ao nível da expressão da agressividade, dirigindo-a mais para si e que desenvolvessem uma maior propensão para a repressão, em especial em relação aos impulsos e ideias sexuais. Por sua vez, Erikson (1964) (cit. por Levit, 1991), teorizou que as mulheres teriam uma maior orientação para o espaço interno que os homens, hipotetizando que as mulheres tendem a utilizar defesas internalizantes [*internanalizing defenses*] e os homens tendem a utilizar defesas externalizantes [*externalizing defenses*] (Brody, Rozek, & Muten, 1985; Cramer, 1979,1987; cits. por Levit, 1991).

As investigações empíricas têm vindo a suportar a hipótese de existirem diferenças intersexuais ao nível dos esquemas defensivos, com os homens a apresentarem maiores níveis de defesas externalizadoras, como a projecção e a agressão orientada para fora (deslocamento e formas agressivas de *acting-out* (Bogo, Winget, & Gleser, 1970; Cramer, 1983,1987; Gleser & Ihilevich, 1969; Ihilevich & Gleser, 1986; Jacobson, Beardslee, Hauser, Noam, & Powers, 1982; Massong, Dickson, Ritzier, & Layne, 1982; Peak, Muney, & Clay, 1960; Weissman, Ritter, & Gordon, 1971; cits. por Levit, 1991). Por outro lado, têm vindo a suportar que as mulheres e raparigas utilizam mais defesas internalizadoras, tais como o virar-se contra o *self* (Bogo *et al.,* 1970; Gleser & Ihilevich, 1969; Ihilevich & Gleser, 1986; Massong *et al.,* 1982; Weissman *et al.,* 1971; cits. por Levit, 1991). Os resultados dos estudos citados sugerem que estas diferenças apareçam por altura da latência (Cramer, 1983; cit. por Levit, 1991) e continuem ao longo da adolescência (Borrelli, 1979; Cramer, 1979; cits. por Levit, 1991).

Os resultados obtidos ao nível da história do Monstro no Quarto, que apresentam a existência de diferenças intersexuais ao nível da tonalidade afectiva, podem ser explicados pela existência de diferenças intersexuais ao nível dos esquemas defensivos, com as raparigas a beneficiarem desse efeito na produção de narrativas com tonalidades afectivas mais positivas que os rapazes. Talvez que nestas histórias os rapazes externalizem mais aspectos agressivos, resultando em narrativas com níveis mais baixos de tonalidade afectiva. Seria necessário realizar-se uma análise mais aprofundada ao nível das narrativas produzidas para se poder afirmar tal ideia. Finalmente, o aparecimento destas diferenças na idade da amostra da presente investigação vem sugerir que talvez seja mais precoce a formação de diferenças ao nível do esquema defensivo, em temáticas mais inconscientes, ligadas com o mundo da fantasia e mais despoletadoras de angústias internas.

A análise mais aprofundada sobre as raparigas, seleccionando-as unicamente a elas, não encontrou qualquer tipo de relação significativa com o QI Verbal, pelo que não parece ser este facto o determinante ao nível das diferenças encontradas. Assim, as diferenças entre rapazes e raparigas na história do monstro não parecem estar relacionadas com possíveis diferenças ao nível da capacidade verbal.

Irmãos e Tonalidade Afectiva

Um dos resultados interessantes obtidos na presente investigação é a diferença significativa e positiva ao nível da tonalidade afectiva das relações de objecto nas histórias do Monstro do Quarto, Separação e Reunião em relação ao facto de se ter irmãos. Esta diferença constitui-se como uma das discrepâncias que parece existir entre representações de vinculação, onde este aspecto parece não ter qualquer tipo de influência, e as representações de objecto internalizadas da psicanálise.

Segundo Rosner (1985) e Moser *et al.* (2005), as relações entre irmãos têm sido negligenciadas pela literatura psicanalítica, sendo colocadas num segundo plano em relação à importância da relação dos cuidadores com a criança. Ainda assim, quando são referidas, as relações entre irmãos são geralmente entendidas segundo uma perspectiva de rivalidade pelo amor e atenção dos pais. No entanto, as relações de suporte e constantes com os irmãos podem ter um efeito salutar e reparador de relações mãe-criança menos positivas, sendo conhecidos muitos casos em que um irmão serviu como antídoto duma parentalidade patológica (Rosner, 1985). Esta posição foi defendida por diversos autores da psicanálise, tais como Meyendorf (1971), Fenichel (1945), Searles (1961), Klein (1975) e Lesser (1978) (cits. por Rosner, 1985) e

Kohut (1988), que descrevem casos em que a existência de um irmão veio influenciar positivamente o desenvolvimento psíquico de outro, tanto em termos do narcisismo, auto-estima ou no processo de autonomia. Moser *et al.* (2005) e Coleman (1996) investigam a importância de tomar em conta as transferências e contratransferências dos irmãos dos pacientes, na prática clínica. Assim, Abse (2007) afirma que o interesse nas relações entre irmãos na comunidade psicanalítica tem vindo a crescer ao longo da última década. Rosner (1985) sublinha a importância de investigar mais aprofundadamente a influência que os irmãos podem exercer ao nível da formação do ego, estrutura de personalidade e relações de objecto.

Os resultados obtidos vêm reforçar esta ideia de que as relações entre irmãos podem influenciar positivamente o desenvolvimento das relações de objecto internalizadas, permitindo a elaboração de conteúdos com tonalidades afectivas mais positivas, ao nível de algumas temáticas, tais como o medo, separação e reunião pós-separação.

Nível Educacional do Pai, Tonalidade Afectiva e Desenvolvimento Verbal

Outro resultado interessante obtido é a correlação significativa e positiva detectada entre o nível educacional do pai (Habilitações Literárias do Pai) e a Tonalidade Afectiva das narrativas de todas as histórias, excepto na Separação, bem como com o Desenvolvimento Verbal das crianças (QI Verbal), em oposição ao ocorrido em relação ao nível educativo das mães, que não apresentou qualquer tipo de correlação com as narrativas, nem com qualquer outra variável.

Segundo Cabrera, Shannon e Tamis-LeMonda (2007), embora alguns estudos sobre a forma como os pais influenciam o desenvolvimento dos seus filhos tenham vindo a produzir resultados inconsistentes (Pleck, 1997; cit. por Cabrera, Shannon & Tamis-LeMonda, 2007), com alguns a reportarem que o envolvimento do pai não tem efeito directo no desenvolvimento dos seus filhos (Cabrera, Shannon, West, & Brooks-Gunn, 2006; cits. por Cabrera, Shannon & Tamis-LeMonda, 2007) e outros a demonstrar que o envolvimento positivo entre os pais e os seus filhos tem efeitos significativos na cognição e linguagem dos seus filhos com 2 e 3 anos de idade (Shannon, Tamis-LeMonda, London, & Cabrera, 2002; Tamis-LeMonda, Shannon, Cabrera, & Lamb, 2004; cits. por Cabrera, Shannon & Tamis-LeMonda, 2007), bem como no seu desenvolvimento emocional aos 2 e 3 anos, mas também na idade pré-jardim de infância (Cabrera, Tarkow, & Shannon, 2006; cits. por Cabrera, Shannon & Tamis-LeMonda, 2007). Assim, alguns estudos têm vindo a demonstrar como os pais contribuem de forma única para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos seus filhos.

Cabrera, Shannon e Tamis-LeMonda (2007), evidenciaram o facto de que pais com um nível educacional mais elevado são mais compassivos e solidários [*supportive*] e menos intrusivos, reforçando os resultados obtidos por Amato e Rivera (1999), Black, Dubowitz e Starr (1999) e Huang, Mincy e Garfinkel (2005) (cits. por Cabrera, Shannon & Tamis-LeMonda, 2007). Estes autores mostraram ainda que esta sua capacidade de apoio [*supportive*] estava correlacionada com o desenvolvimento linguístico, social e cognitivo das crianças ao longo de diferentes idades, bem como com a sua capacidade de regulação emocional aos 2 anos de vida, sem que se tenha detectado o mesmo tipo de influência ao nível das mães. Assim, propõem que talvez os pais com um nível de educação superior ao secundário estejam mais motivados para a parentalidade e que sejam mais conscientes das necessidades desenvolvimentais das crianças.

O estudo presente vem reforçar estes resultados, reforçando a ideia de que mãe e pai influenciam de forma divergente o desenvolvimento dos seus filhos.

Estado Civil dos Pais e Tonalidade Afectiva

Finalmente, e ainda que o número de casos na amostra com pais divorciados (N= 4, percentagem válida = 9,5%) seja muito reduzido, foram encontradas diferenças significativas ao nível da tonalidade afectiva nas histórias da Separação e Reunião, em relação ao estado civil dos pais, com os filhos de pais divorciados a apresentarem níveis de tonalidade afectiva mais baixos. Assim, esta parece poder constituir-se como uma nova diferença entre representações de vinculação e representações de relações de objecto internalizadas.

As formulações psicanalíticas sobre o desenvolvimento psicológico na infância evoluíram no paradigma de uma família intacta e estável, excepto em casos de morte ou doença severa, sendo rara a alusão ao divórcio e separação dos pais. Assim, as implicações que esta hipótese poderia ter para a criança ao nível do seu desenvolvimento e ao nível clínico mereceram pouca importância tanto da parte da comunidade como das profissões de saúde mental. No entanto, ao longo das últimas décadas, a estrutura familiar tem vindo a ser alterada, com o crescente número de divórcios e separações familiares, sendo importante avaliar e compreender o impacto que estes divórcios produzem no desenvolvimento psíquico das crianças (Wallerstein & Resnikoff, 1997).

Em primeiro ligar, Wallerstein (1980, 1989) (cit. por Dahl, 1993), concluiu, através de um estudo longitudinal, que o impacto do divórcio no desenvolvimento das crianças é mediado, em parte, pelo seu nível desenvolvimental. Em 1985, Wallerstein (cit. por Wallerstein & Resnikoff, 1997) refere que uma consequência imediata encontrada nas crianças na altura do divórcio dos

pais, é a erupção de ansiedade, colocando a criança numa atitude de hipervigilância em relação a ambos os pais, que pode prolongar-se por vários anos. As respostas das crianças orientadas por ansiedade, contribuem significativamente para potenciais mudanças nas relações pais-criança. Assim, não será possível predizer as relações pais-crianças pós-divórcio a partir das que existiam durante o casamento.

Dahl (1993) afirma que Wallerstein e Kelly (1980) descobriram que a resposta mais comum de crianças entre os 6 e os 8 anos na altura do divórcio dos pais é uma "tristeza pervasiva", apresentando uma falência das suas usuais defesas e mecanismos de *coping* perante a pressão dos efeitos dolorosos do divórcio parental. Segundo os autores, o pensamento destas crianças apresentava-se colorido por fantasias de privação e de perda de coisas essenciais à vida, apresentando, simultaneamente fantasias de reconciliação dos pais. As crianças apresentavam ainda uma inibição da expressão de agressividade em relação ao pai que partiu. Por sua vez, Dahl (1993) afirma que o impacto do divórcio parental conduz a uma intensificação e protecção das defesas características da latência.

Este facto poderá explicar os resultados obtidos ao nível das produções de tonalidade afectiva pelas crianças de pais divorciados, em relação às temáticas relacionadas com a Reunião pós separação e, marginalmente, em relação às temáticas de separação, onde o divórcio parece influir negativamente. No entanto, seria necessário realizar-se um aprofundamento deste assunto, com uma amostra mais representativa, que permitisse a confirmação dos dados obtidos.

Limitações e Sugestões para Futuras Pesquisas

Em relação à metodologia utilizada, ao nível da metodologia psicanalítica (SCORS), detectou-se que os níveis de cotação fazem sobrepor resultados de tonalidade afectiva mista, com os de tonalidade afectiva neutra, facto que prejudica o estabelecimento de conclusões e uma compreensão mais alargada dos processos internos em funcionamento.

Por outro lado, os problemas tidos ao nível da cotação das historias do Monstro no Quarto detectaram a necessidade do estabelecimento de critérios de cotação mais rigorosos e específicos para esta história.

Assim, pensa-se que seria importante procurar desenvolver esta escala e seus critérios de cotação de forma a procurar superar os problemas detectados na sua utilização em narrativas ASCT.

Por outro lado, a amostra do presente estudo focou-se essencialmente em famílias pertencentes a um nível social médio-alto. Tal facto pode constituir-se como uma limitação, já

que não permite perceber como os conceitos analisados se comportam ao nível da população em geral. Assim, seria pertinente realizar-se um estudo com uma metodologia semelhante, numa amostra mais representativa da população, que permitisse esclarecer a especificidade dos resultados obtidos e a sua generalização.

O mesmo poderia ser referido em relação ao estado civil dos pais, até porque cada vez mais a sociedade é composta por famílias divorciadas, novos casamentos, irmãos e meios-irmãos. Assim, e tendo em conta o reduzido número de casos de crianças com pais divorciados, seria interessante realizar mais estudos que permitissem a confirmação e aprofundamento dos dados obtidos a este nível.

Por outro lado, não foi possível, na presente investigação realizar-se a análise do parâmetro da resolução, parâmetro que analisa a forma como as crianças resolvem cada história, e que varia entre 4 pontos: (1) "Resolução Mínima", (2) "Resolução Completa", (3) "Sem Resolução", e (4) "Resolução com reviravolta", facto que poderia ter elucidado sobre a qualidade das representações de vinculação e de relação de objecto existente entre cada figura parental.

Conclusão

O presente estudo permitiu compreender que a Teoria da Vinculação, através do conceito de Modelos Internos Dinâmicos e as Teorias de Relação de Objecto da Psicanálise, através do conceito de Representações de Objecto Internalizadas se encontram relacionadas entre si, possuindo, no entanto, algumas idiossincrasias próprias.

Assim, foi possível alargar a compreensão das diferenças e similaridades entre a Teoria da Vinculação, ao nível dos MID e as Relações de Objecto Internalizadas da Psicanálise. Os resultados permitiram compreender que estes conceitos destas teorias se inter-relacionam de forma significativa, em relação a algumas temáticas, mas que noutras temáticas se distanciam.

Foi possível compreender como os MID de vinculação se parecem estabelecer de forma muito específica e demarcada, de forma independente em relação a outras variáveis do desenvolvimento e contexto, tais como o género, a idade, o desenvolvimento linguístico, o estado civil dos pais ou a sua formação académica. Já no que concerne às representações de objecto internalizadas, percebeu-se que estas são muito mais permeáveis a essas variáveis, estando relacionadas com algumas delas, segundo temáticas diferenciadas.

Assim, diferentes temáticas parecem alterar a forma como a criança representa afectiva e internamente as suas relações de objecto, podendo, consoante a temática, ser influenciada

positiva ou negativamente por factores como o QI Verbal, idade, facto de se ter irmãos, género, estado civil dos pais ou habilitações literárias dos pais. Desta forma, foi possível compreender como uma criança com uma vinculação segura pode apresentar variações ao nível da forma como representa internamente os seus objectos, consoante as temáticas abordadas.

Finalmente, será de sublinhar as diferenças encontradas ao nível das temáticas associadas a cada uma das histórias. Assim, as temáticas relacionadas com o medo parecem possuir um lugar de destaque na divergência entre MID de vinculação e representações internas de objecto, seguidas das temáticas relacionadas com a separação e reunião.

Referências Bibliográficas

Abse, S. (2007). Review of Sibling relationships. *The Journal of Analytical Psychology, 52(4)*, pp. 509-511. Consultado a 1 de Junho de 2009 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 1468-5922 (Electronic).

Ackerman, S., Clemence, A., Weatherill, R., & Hilsenroth, M. (1999). Use of the TAT in the assessment of DSM-IV cluster B Personality disorders. *Journal of personality assessment, 73 (3)*, p. 422-448. Consultado a 23 de Novembro de 2008 a partir da base de dados Psychology and Behavioral Sciences Collection, ISSN: 0022-3891.

Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist, 44,* pp. 709-716. Consultado a 15 de Novembro de 2008 a partir da base de dados PsycARTICLES, ISSN: 1935-990X (Electronic).

Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation.* Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Balint, M. (1979). *The basic fault: Therapeutic aspects of regression.* London: Routledge.

Barone, K. (2006). On not being torn apart: Coping with separateness. *Psychodynamic Practice: Individuals, Groups and Organisations, 12(4)*, pp. 419-434. Consultado a 1 de Junho de 2009 a partir da base de dados Academic Search Complete, ISSN: 1475-3626 (Electronic).

Bell, M. (2003). Bell Object Relations Inventory for Adolescents and Children: Reliability, Validity, and Factorial Invariance. *Journal of Personality Assessment, 80, 1,* pp. 19-25. Consultado a 4 de Abril de 2009 a partir da base de dados Academic Search Complete, ISSN: 00223891.

Bell, M., & Bruscato, W. (2002). Object relations deficits in schizophrenia: A cross-cultural comparison between Brazil and the United States. *Journal of Nervous and Mental Disease, 190(2),* pp. 73-79. Abstract consultado a 4 de Abril de 2009 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 1539-736X (Electronic).

Bell, M., Lysaker, P., & Milstein, R. (1992). Object relations deficits in subtypes of schizophrenia. *Journal of Clinical Psychology, 48(4),* pp. 433-444. Abstract consultado a 4 de Abril de 2009 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 1097-4679 (Electronic).

Bienenfeld, D. (2005). *Psychodynamic theory for clinicians*. Philadelphia: Lippincott Williams & Williams (LWW).

Bowlby, J. (1981). *Attachment:* Vol. 1. *Attachment and Loss*. Middlesex: Penguin Books.

Bowlby, J. (1984a). *Apego*: Vol. 1. *Trilogia apego e perda.* São Paulo: Martins Fontes Editora.

Bowlby, J. (1984b). *Separação:* Vol. 2. *Trilogia apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes Editora.

Bowlby, J. (1985). *Perda*: Vol. 3. *Trilogia apego e perda.* São Paulo: Martins Fontes Editora.

Bretherton, I. (1987). New perspectives on attachment relations: Security, communication and internal working models. In J. D. Osofky (Ed.), *Handbook of infant development* (2nd ed., pp. 1061-1100). New York: Wiley.

Bretherton, I. (1992). The Origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology, 28*, 759-775. Consultado a 3 de Dezembro de 2007 através da base de dados PsyINFO ISSN: 0012-1649 (Print).

Bretherton, I. (1998). Commentary on Steele and Steele: Attachment and Psychoanalysis: A Reunion in Progress. *Social Development, 7 (1),* pp. 132-136. Consultado a 5 de Dezembro de 2008 a partir da base de dados Academic Search Complete, ISSN: 0961205X.

Bretherton, I. (2005). In Pursuit of the Internal Working Model Construct and Its Relevance to Attachment Relationships. In K. E. Grossmann, K. Grossmann & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies (pp.* 13-47). New York: Guilford Publications.

Bretherton, I., Ridgeway, D. & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-year-olds. In M. Greenberg, D. Cicchetti & M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory, research and intervention* (pp. 273-308). Chicago: University of Chicago Press.

Bretherton, I., Ridgeway, D. & Cassidy, J. (2008). *Attachment Story Completion Task - manual de aplicação e cotação: resolução da história, coerência e segurança*. Traduzido e organizado pela Linha 1 da UIPCDE, ISPA, Lisboa.

Brinich, P. (1995). Attachment In The Preschool Years. Theory, Research, And Intervention. (Review of: Edited by Mark T. Greenberg, Dante Cicchetti and E. Mark Cummings. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1990. 507 pp.). *Psychoanalytic Quarterly,*

64, pp. 588-1995. Consultado a 20 de Março de 2009 a partir da base de dados PEP Archive, ISSN: 00332828.

British Association for Adoption and Fostering (BAAF). (2006). Attachment Disorders, their Assessment and Intervention/Treatment. BAAF Position Statement 4. Consultado a 10 de Abril de 2009 a partir da fonte http://www.baaf.org.uk/about/believes/ps4.pdf

Buelow, G., McClain, M. , & McIntosh, I. (1996). A new measure for an important construct: The Attachment and Object Relations Inventory. *Journal of Personality Assessment, 66(3),* pp. 604-623. Abstract consultado a 4 de Abril de 2009 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 1532-7752 (Electronic).

Bursztejn, C. (2005). Fear. In A. de Mijolla (Ed in Chief), *International dictionary of psychoanalysis*. Farmington Hills: Thomson Gale.

Cabrera, N., Shannon, J., & Tamis-LeMonda, C. (2007). Fathers' Influence on Their Children's Cognitive and Emotional Development: From Toddlers to Pre-K. *Applied Developmental Science, 11 (4)*, pp. 208-213. Consultado a 24 de Junho de 2009 a partir da base de dados Psychology and Behavioral Sciences Collection, ISSN: 1088-8691.

Callahan, K., Price, J., & Hilsenroth, M. (2003). Psychological Assessment of Adult Survivors of Childhood Sexual Abuse Within a Naturalistic Clinical Sample. *Journal of Personality Assessment, 80 (2)*, p173-184. Consultado a 10 de Novembro de 2008 a partir da base de dados Psychology and Behavioral Sciences Collection, ISSN: 0022-3891.

Canavarro, M. C., Dias, P. & Lima, V. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: Uma Revisão Crítica a Propósito da Aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na População Portuguesa. *Psicologia, XX, (1)*, p. 11-36. Consultado a 20 de Março de 2009 a partir da fonte http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psi/v20n1/v20n1a08.pdf

Cogan, R., & Porcerelli, J. (1996). Object relations in abusive partner relationships: An empirical investigation. *Journal of Personality Assessment, 66(1)*, pp. 106-115. Consultado a 23 de Novembro de 2008 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 1532-7752 (Electronic).

Cole, M., Cole, S., & Lightfoot, C. (2005). *The Development of Children* (5ª Ed.). New York: Worth Publishers.

Coleman, D. (1996). Positive sibling transference; Theoretical and clinical dimensions. *Clinical Social Work Journal, 24(4),* pp. 377-387. Consultado a 1 de Junho de 2009 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 1573-3343 (Electronic).

Collins, N. L., & Read, S. J. (1994). Cognitive representations of attachment: The structure and function of working models. In K. Bartholomew, & D. Pearlman (Eds.), *Attachment processes in adulthood: Advances in personal relationships* (pp. 53-90). London: Jessica Kingsley Publishers.

Conci, M. (2005). Sullivan, Harry Stack (1892-1949). In A. de Mijolla (Ed in Chief), *International dictionary of psychoanalysis*. Farmington Hills: Thomson Gale.

Dahl, E. (1993). The Impact of Divorce on a Preadolescent Girl. *Psychoanalytic Study of the Child, 48*, pp. 193-208. Consultado a 1 de Junho de 2009 a partir da base de dados PEP Archive, ISSN: 00797308.

DeMulder, E., Denham, S., Schmidt, M., & Mitchell, J. (2000). Q-sort assessment of attachment security during the preschool years: Links from home to school. Developmental Psychology, 36(2), pp. 274-282. Consultado a 27 de Março de 2009 a partir da base de dados PsycARTICLES, ISSN: 1939-0599 (Electronic).

Eagle, M. (2003). Clinical Implications of Attachment Theory. *Psychoanalytic Inquiry, 23 (1)*, pp. 27-54. Consultado a 5 de Março de 2009 a partir da base de dados PEP Archive, ISSN: 07351690.

Field, N., Sturgeon, S., Puryear, R., Hibbard, S. & Horowitz, M. (2001). Object relations as a predictor of adjustment in conjugal bereavement. *Development and Psychopathology, 13(2)*, pp. 399-412. Consultado a 10 de Novembro a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 1469-2198 (Electronic).

Fishler, P., Sperling, M., & Carr, A. (1990). Assessment of adult relatedness: a review of empirical findings from object relations and attachment theories. *Journal of personality assessment, 55 (3&4),* p.499-20. Consultado a 20 de Março de 2009 a partir de da base de dados PsycINFO, ISSN: 1532-7752 (Electronic).

Fonagy, P. (2001). *Attachment theory and psychoanalysis*. London: Karnac.

Ford, J., Fisher, P., & Larson, L. (1997). Object relations as a predictor of treatment outcome with chronic posttraumatic stress disorder. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 65(4)*,

pp. 547-559. Consultado a 10 de Novembro de 2008 a partir da base de dados PsycARTICLES, ISSN: 1939-2117 (Electronic).

Fowler, J. C., Ackerman, S., Speanburg, S., Bailey, A., & Blagys, M. (2004). Personality and symptom change in treatment-refractory inpatients: Evaluation of the phase model of change using Rorschach, TAT, and DSM-IV Axis V. *Journal of Personality Assessment , 83*, 306-322. Consultado a 23 de Novembro de 2008 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 1532-7752 (Electronic).

Fowler, C., Hilsenroth, M., & Handler, L. (1995). Early memories: An exploration of theoretically derived queries and their clinical utility. *Bulletin of the Menninger Clinic, 59 (1)*, p. 79-99. Consultado a 23 de Novembro de 2008 a partir da base de dados Psychology and Behavioral Sciences Collection, ISSN: 0025-9284.

Fraley, R., & Spieker, S. (2003). Are infant attachment patterns continuously or categorically distributed? A taxometric analysis of Strange Situation behavior. *Developmental Psychology, 39,* 387–404. Consultado a 20 de Março de 2009 a partir da base de dados PsycARTICLES, ISSN: 1939-0599 (Electronic).

Fraley, R. , & Waller, N. (1998). Adult attachment patterns: A test of the typological model. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 77-114). New York: Guildford Press.´

Giles, D., & Maltby, J. (2004). The role of media figures in adolescent development: relations between autonomy, attachment, and interest in celebrities. *Personality and Individual* Differences, *36,* pp. 813 – 822. Consultado a 20 de Abril de 2009 através da fonte http://www.le.ac.uk/pc/jm148/pdfs/gilespaid2004.pdf

Goldman, G., & Anderson, T. (2007). Quality of object relations and security of attachment as predictors of early therapeutic alliance. *Journal of Counseling Psychology, 54(2),* pp. 111-117. Consultado a 4 de Abril de 2009 a partir da base de dados PsycARTICLES, ISSN: 1939-2168 (Electronic).

Gomes, P. (2007). Psicanálise relacional contemporânea: uma nova maneira de trabalhar em psicanálise. *Revista Portuguesa de Psicanálise, 27 (2)*, 189-204.

Goodman, G. (2002). *The internal world and attachment*. Hillsdale: Analytic Press. Consultado a 1 de Maio de 2009 a partir da fonte http://www.cwpost.liu.edu/cwis/cwp/library/reserve/index.html

Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A.. (2003). *Relações de Objecto na teoria psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.

Guedeney, N. & Guedeney, A. (2004). *Vinculação: conceitos e aplicações* (1 ed.). Lisboa: Climepsi.

Heesacker, R., & Neimeyer, G. (1990). Assessing object relations and social cognitive correlates of eating disorder. *Journal of Counseling Psychology, 37(4),* pp. 419-426. Consultado a 4 de Abril de 2009 a partir da base de dados PsycARTICLES, ISSN: 1939-2168 (Electronic).

Heller, C. (2000). *Attachment and social competence in preschool children*. Master's thesis, Auburn University, AL.

Hibbard, S., Hilsenroth, M. Hibbard, J., & Nash, M. (1995). A validity study of two projective object representations measures. *Psychological Assessment, Vol 7(4)*, pp. 432-439. Consultado a 23 de Novembro de 2008 a partir da base de dados PsycARTICLES, ISSN: 1939-134X (Electronic).

Hilsenroth, M., Stein, M., & Pinsker, J. (2004). *Social Cognition and Object Relations Scale: Global Rating Method (SCORS-G)*. Unpublished manuscript, The Derner Institute of Advanced Psychological Studies, Adelphi University, Garden City, NY.

Hinshelwood, R. D. (2005). Klein-Reizes, Melanie (1882–1960). In A. de Mijolla (Ed in Chief), *International dictionary of psychoanalysis*. Farmington Hills: Thomson Gale.

Johns, J. (2005a). Fairbairn, William Ronald Dodds (1889–1964). In A. de Mijolla (Ed in Chief), *International dictionary of psychoanalysis*. Farmington Hills: Thomson Gale.

Johns, J. (2005b). Winnicott, Donald Woods (1896–1971). In A. de Mijolla (Ed in Chief), *International dictionary of psychoanalysis*. Farmington Hills: Thomson Gale.

Johnson, S., Dweck, C., & Chen, F. (2007). Evidence for infants' internal working models of attachment. *Psychological Science, 18(6)*, pp. 501-502. Consultado a 20 de Março de 2009 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 1467-9280 (Electronic).

Kaslow, N., Reviere, S., Chance, S., Rogers, J., Hatcher, C., Wasserman, F., et al. (1997). An empirical study of the psychodynamics of suicide. *Journal of the American Psychoanalytic*

Association , 46, 777-796. Consultado a 23 de Novembro de 2008 a partir da base de dados PEP Archive, ISSN: 00030651.

Kernberg, O. (2005a). Object relations theory. In A. de Mijolla (Ed in Chief), *International dictionary of psychoanalysis*. Farmington Hills: Thomson Gale.

Kernberg, O. (2005b). Object relations theories and technique. In E. S. Person, A. M. Cooper, & G. O. Gabbard (Eds.), *Textbook of psychoanalysis*. Arlington: American Psychiatric Publishing, Inc.

Kerns, A., Abraham, M. M., Schlegelmilch, A., & Morgan, T. A. (2007). Mother-Child attachment in latter middle childhood: Assessment approaches and associations with mood and emotion regulation. *Attachment & Human Development, 9(1),* 33-53.

Klein, M. (1991). *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Kohut, H. (1977). *Restoration of the self*. Madison: International University.

Kohut, H. (1988). *Análise do Self*. Rio de Janeiro, Imago.

Lane, R., & Garfield, D. (2005). Becoming Aware of Feelings: Integration of Cognitive-Developmental, Neuroscientific, and Psychoanalytic Perspectives. *Journal of Neuro-Psychoanalysis, 7 (1)*, pp. 5-31. Consultado a 15 de Março de 2009 a partir da base de dados PEP Archive, ISSN: 15294145.

Lemma, A. (2003). *Introduction to the practice of psychoanalytic psychotherapy*. West Sussex: John Wiley & Sons, Ltd.

Levit, D. (1991). Gender Differences in Ego Defenses in Adolescence: Sex Roles as One Way to Understand the Differences. *Journal of Personality & Social Psychology, 61 (6)*, pp. 992-999. Consultado a 1 de Junho de 2009 a partir da base de dados PsycARTICLES, ISSN: 00223514.

Lichtenberg , J. (1989). *Psychoanalysis and Motivation*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.

Lilleskov, R. (1992). Attachment in the Preschool Years: Theory, Research and Intervention (Review of: Edited by Mark T. Greenberg, Dante Cicchetti & E. Mark Cummings. Chicago and London: The University of Chicago Press. 1990. Pp. 507.). *International Review of Psycho-Analysis, 19, p. 126-129*. Consultado a partir da base de dados PEP Archive, ISSN: 03062643.

Loewald, H. (1975). Psychoanalysis as an art and the fantasy character of the psychoanalytic situation. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 23(2),* pp. 277-299. Consultado a 15 de Março de 2009 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 0003-0651 (Print).

Maia, J., Ferreira, B., Veríssimo, M., Santos, A., Shin, N. (2008) Auto-conceito e representações da vinculação no período pré-escolar. *Análise Psicológica,* 3 (XXVI) 423-433.

Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation. In M.T. Greenberg, D. Cicchetti & E.M. Cummings, *Attachment during the preschool years: Theory, research and intervention.* pp. 121-160. Chicago: University of Chicago Press.

Mayseless, O. (2006). Studying Parenting Representations as a Window to Parents' Internal Working Model of Caregiving. In O. Mayseless (Ed.), *Parenting Representations Theory, Research, and Clinical Implications.* New York: Cambridge University Press. Consultado a 20 de Março de 2009 a partir da fonte http://assets.cambridge.org/97805218/28871/excerpt/9780521828871_excerpt.pdf

Mazet, P. (2005). Mahler-Schönberger, Margaret (1897–1985). In A. de Mijolla (Ed in Chief), *International dictionary of psychoanalysis*. Farmington Hills: Thomson Gale.

McGuire, R., McCabe, R., & Priebe, S. (2001). Theoretical frameworks for understanding and investigating the therapeutic relationship in psychiatry. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, 36,* 557–564. Consultado a 3 de Maio de 2008 através da base de dados PsycINFO, ISSN: 1433-9285 (Electronic).

Miljkovitch, R. (2004). A vinculação ao nível das Representações. In N. Guedeney & A. Guedeney (2004). *Vinculação: conceitos e aplicações* (1 ed.). Lisboa: Climepsi.

Miljkovitch, R., Pierrehumbert, B., Bretherton, I. & Halfon, O. (2004). Associations between parental and child attachment representations. *Attachment & Human Development, 6 (3)*, p. 305-325. Consultado a 23 Novembro de 2008 a partir da base de dados Academic Search Complete, ISSN: 14616734.

Mikulincer, M., Shaver, P. R., & Pereg, D. (2003). Attachment Theory and Affect Regulation: The Dynamics, Development, and Cognitive Consequences of Attachment-Related Strategies. *Motivation and Emotion, 27(3)*, 77-102. Consultado a 27 de Dezembro de 2007, através da fonte http://psychology.ucdavis.edu/labs/Shaver/Publications/mikulincerpere03.pdf

Moser, C., Jones, R., Zaorski, D., Mirsalimi, H., & Luchner, A. (2005). The Impact of the Sibling in Clinical Practice: Transference and Countertransference Dynamics. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, *42*(3), pp. 267-278. Consultado a 1 de Junho de 2009 a partir da base de dados PsycARTICLES, ISSN: 1939-1536 (Electronic).

Neal, J., & Frick-Horbury, D. (2001). The Effects of Parenting Styles and Childhood Attachment Patterns on Intimate Relationships. *Journal of Instructional Psychology*. Consultado a 20 de Abril de 2009 através da fonte http://www.naobataeduque.org.br/site/documentos/ingles/43195ba5d7eaccaaa63d0c1953fdf7ac.pdf

Oppenheimer, A. (2005). Kohut, Heinz (1913–1981). In A. de Mijolla (Ed in Chief), *International dictionary of psychoanalysis*. Farmington Hills: Thomson Gale.

Orfanos, S. D. (2002). Relational psychoanalysis. In Michel Hersen & William Sledge (Eds.). *Encyclopedia of Psychotherapy*, *Vol. 2*. New York: Academic Press.

Page, T. (2001). The Social Meaning of Children's Narratives: A Review of the Attachment-Based Narrative Story Stem Technique. Child and Adolescent Social Work Journal, 18, 3, , p171-187. Consultado a 27 de Março de 2009 a partir da base de dados Academic Search Complete, ISSN: 07380151.

Pauli-Pott, U., & Mertesacker, B. (2009). Affect expression in mother–infant interaction and subsequent attachment development. *Infant Behavior & Development, 32, 2,* pp. 208-215. Abstract consultado a 4 de Abril de 2009 a partir da base de dados academic Search Complete, ISSN: 01636383.

Perron, R. (2005). Fantasy. . In A. de Mijolla (Ed in Chief), *International dictionary of psychoanalysis*. Farmington Hills: Thomson Gale.

Pietromonaco, P., & Barret, L. (2000). The Internal Working Models Concept: What Do We Really Know About the Self in Relation to Others?. *Review of General Psychology, 4, 2,* pp. 155-175. Consultado a 15 de Maio de 2009 a partir da fonte http://people.umass.edu/monaco/pietfb.reviewgenpsy2000b.pdf

Pietromonaco, P., Barrett, L., & Powers, S. (2006). Adult Attachment Theory and Affective Reactivity and Regulation. In D. K. Snyder, J. A. Simpson, & J. N. Hughes (Eds.), *Emotion Regulation in Couples and Families: Pathwaysto Dysfunctional and Health* (pp. 57-74).

Washington, D.C.: American Psychological Association. Consultado a 27 de Dezembro de 2007, através da base de dados PsycINFO, ISSN: 0146-7239 (Print).

Porcerelli, J., Hill, K., & Dauphin, V. (1995). Need-gratifying object relations and psychopathology. *Bulletin of the Menninger Clinic, 59(1)*, pp. 99-104. Consultado a 23 de Novembro de 2008 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 0025-9284 (Print).

Porcerelli, J., Cogan, R., & Hibbard, S. (1998). Cognitive and Affective representations of people and MCMI-II personality psychopathology. *Journal of Personality Assessment, Vol 70(3)*, pp. 535-540. Consultado a 23 de Novembro de 2008 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 1532-7752 (Electronic).

Priel, B., & Besser, A. (2001). Bridging the gap between attachment and object relations theories: A study of the transition to motherhood. *British Journal of Medical Psychology, 74(Pt1),* pp. 85-100. Abstract consultado a 4 de Abril de 2009 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 0007-1129 (Print).

Ramos, B. (2008). *Qualidade da representação da vinculação e a qualidade afectiva da relação de objecto em crianças institucionalizadas.* Tese de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa.

Ringstrom, P. (1995). Exploring the Model Scene: Finding the Focus in an Intersubjective Approach to Brief Psychotherapy. *Psychoanalytic Inquiry, 15 (4), pp. 493-512.* Consultado a 15 de Março de 2009 a partir da base de dados PEP Archive, ISSN: 07351690.

Rosner, S. (1985). On the Place of Siblings in Psychoanalysis. *Psychoanalytic Review, 72 (3),* pp. 457-478. Consultado a 1 de Junho de 2009 a partir da base de dados PEP Archive, ISSN: 00332836.

Ross, L. (2008). The Power of Words: Gendered Language in Attachment Measures. *2008 Annual Convention of the Canadian Psychological Association,* Halifax, Nova Scotia. Consultado a 20 de Abril de 2009 a partir da fonte http://auspace.athabascau.ca:8080/dspace/bitstream/2149%20/1784/1/Lynda%20Ross.pdf

Segal, H., Westen, D., Lohr, N., & Silk, K. (1993). Clinical assessment of object relations and social cognition using stories told to the Picture Arrangement subtest of the WAIS--R.

Journal of Personality Assessment, 61(1), pp. 58-80. Consultado a 10 de Novembro de 2008 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 1532-7752 (Electronic).

Silva, F., Fernandes, M., Veríssimo, M., Shin, N., Vaughn, B., & Bost, K. (2008). A concordância entre o comportamento de base segura com a mãe nos primeiros anos de vida e os modelos internos dinâmicos no pré-escolar. *Análise Psicológica, 3 (XXVI)*, pp. 411-422.

Sroufe, L. (2003). Attachment Categories as Reflections of Multiple Dimensions:Comment on Fraley and Spieker. *Developmental Psychology, 39, 3*, pp. 413 – 416. Consultado a 15 de Março de 2009 a partir da base de dados PsycARTICLES, ISSN: 1939-0599 (Electronic).

Steele, H., & Steele, M. (1998). Attachment and Psychoanalysis: Time for a Reunion. *Social Development, 7 (1),* pp. 92-119. Consultado a 5 de Dezembro de 2008 a partir da base de dados Academic Search Complete, ISSN: 0961205X.

Streit, N. (1988). Separation-Individuation and Speech and Language DeveIopment in the Psychotherapy of an Atypical ChiId. *Child and Adolescent Social Work, 5 (2)*, pp. 84-101. Abstract consultado a 1 de Junho de 2009 a partir da fonte http://www.springerlink.com/content/k211837811184862/

Sullivan, H. (1996). *Interpersonal theory and psychotherapy*. London: Routledge

Summers, F. (2002). Object relations psychotherapy. In M. Hersen, & W. Sledge (Eds. in chief), *Encyclopedia of Psychotherapy* (Vol. 2, pp.235-244). USA: Elsevier Science.

Torres, N., Santos, A., & Santos, O. (2008). Qualidade da vinculação ao pai e à mãe e o desenvolvimento da amizade recíproca em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica, 3 (XXVI),* pp. 435, 445.

Tramantano, G., Javier, R., & Colon, M. (2003). Discriminating among subgroups of borderline personality disorder: An assessment of object representations. *The American Journal of Psychoanalysis, 63(2)*, pp. 149-175. Consultado a 10 de Novembro de 2008 a partir da base de dados PsyvINFO, ISSN: 1573-6741 (Electronic).

Trapolini, T., Ungerer, J., & McMahon, C. (2007). Maternal depression and children's attachment representations during the preschool years. *British Journal of Developmental Psychology, 25 (2),* p. 247-261. Consultado a 23 de Novembro de 2008, a partir da base de dados Psychology and Behavioral Sciences Collection, ISSN: 0261-510X.

Wallerstein, J., & Resnikoff, D. (1997). Parental divorce and developmental progression: An inquiry into their relationship. *International Journal of Psycho-Analysis, 78(1),* pp. 135-154. Consultado a 1 de Junho de 2009 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 0020-7578 (Print).

van Ijzendoorn, M., Bard, K., Bakermans-Kranenburg, M., & Ivan, K.(2009). Enhancement of attachment and cognitive development of young nursery-reared chimpanzees in responsive versus standard care. *Developmental Psychobiology, 51(2)*, pp. 173-185. Abstract consultado a 10 de Abril de 2009 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 1098-2302 (Electronic).

Vaughn, B., Egeland, B., Sroufe, L. A., & Waters, E. (1979). Individual Differences in Infant-Mother Attachment at Twelve and Eighteen Months: Stahility and Change in Families nnder Stress. *Child Development, 50(4),*971-975. Consultado a 3 de Dezembro de 2007 através da base de dados PsyINFO ISSN: 0009-3920 (Print).

Waters, E. (1978). The Reliability and Stability of Individual Differences in Infant-Mother Attachment. *Child Development, 49*, 483-494. Consultado a 3 de Dezembro de 2007 através da base de dados PsyINFO ISSN: 1467-8624 (Electronic).

Waters, E., & Beauchaine, T. (2003). Are there really patterns of attachment? Comment on Fraley and Spieker (2003). *Developmental Psychology, 39 (3),* pp. 417-422. Consultado a 20 de Março de 2009 a partir da base de dados PsycARTICLES, ISSN: 1939-0599 (Electronic).

Waters, H., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development, 8(3),* pp. 185-197. Consultado a 10 de Novembro de 2008 a partir da base de dados PsycINFO, ISSN: 1469-2988 (Electronic).

Waters, E., Hamilton, C., & Weinfield, N. (2000). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: General introduction. *Child Development, 71(3),* pp. 678-683. Consultado a 17 de Junho de 2009 a partir da base de dados Academic Search Complete, ISSN: 1467-8624 (Electronic).

Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., & Egeland, B. (2000). Attachment from infancy to early adulthood in a High-Risk sample: continuity, discontinuity, and their correlates. *Child*

Development, 71 (3), 695-702. Consultado a 3 de Dezembro de 2007 através da base de dados PsyINFO ISSN: 1467-8624 (Electronic).

Weinfield, N. S., Whaley, G. J. L., & Egeland, B. (2004). Continuity, discontinuity, and coherence in attachment from infancy to late adolescence: Sequelae of organization and disorganization. *Attachment & Human Development, 6(1),* 73 – 97. Consultado a 3 de Dezembro de 2007 através da base de dados PsyINFO ISSN: 1461-6734.

Weschler, D., (1989). *WPPSI. Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence*. San Antonio: The Psychological Corporation.

Westen, D. (1991). Social cognition and object relations. *Psychological Bulletin, 109(3)*, 429-455. Consultado a 5 de Novembro de 2008 a partir da base de dados Business Source Complete, ISSN: 0033-2909.

Westen, D. (1995). *Social Cognition and Object Relations Scale: Q-sort for projective stories (SCORS–Q).* Unpublished manuscript, Department of Psychiatry, The Cambridge Hospital and Harvard Medical School, Cambridge, MA.

Westen, D., Lohr, N., Silk, K., Gold, L. & Kreber, K. (1990). Object relations and social cognition in borderlines, major depressives, and normals: A Thematic Apperception Test analysis. *Psychological Assessment: A Journal of Consulting and Clinical Psychology, 2(4)*, pp. 355-364. Consultado a 10 de Novembro de 2008 a partir da base de dados PsycARTICLES, ISSN: 1939-134X (Electronic).

Westen, D., Barends, A., Leigh, A., Mendel, M., & Silbert, D. (2002a). *Social cognition and object relations scale (SCORS). Manual for coding interview data.* University of Michigan.

Westen, D., Lohr, N.,Silk, K., Kerber, K. & Goodrich, S. (2002b). *Social Cognition and Object Relations Scale (SCORS). Manual for coding TAT Data.* University of Michigan. Consultado a 24 de Outubro de 2008 através de http://www.psychsystems.net/lab/SCORES_Manual_for_TAT_1_3_03.pdf

Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade.* Rio de Janeiro: Imago.

Zhang, F., & Labouvie-Vief, G. (2004). Stability and fluctuation in adult attachment style over a 6-year period. *Attachment & Human Development, 6(4),* 419 – 437. Consultado a 3 de Dezembro de 2007 através da base de dados PsyINFO ISSN: 1469-2988 (Electronic).

ANEXOS

ANEXO A

Sinopse da Escala:
Paradigma da Tonalidade Afectiva das Relações
(Tradução)

Sinopse da Escala:

Paradigma da Tonalidade Afectiva das Relações

Princípio: A escala mede a qualidade afectiva das representações das pessoas e das relações. Procura aceder à extensão na qual a pessoa espera do mundo, particularmente do mundo das pessoas, profunda malevolência ou dor avassaladora, ou entende as interacções sociais como basicamente benignas e enriquecedoras.

Nível 1: No nível 1, a pessoa vê o mundo social como tremendamente ameaçador e/ou, experiencia a vida como avassaladoramente caprichosa e dolorosa. As pessoas são vistas como abandónicas, abusadoras, ou destruidoras dos outros e de si próprias sem qualquer razão aparente, para além, talvez, da malícia ou despreocupação. As pessoas são muitas vezes classificadas como vítimas ou vitimizadoras. A pessoa pode sentir-se tremendamente sozinha.

Nível 2: No nível 2, a pessoa vê o mundo, particularmente o mundo das pessoas, como hostil, caprichoso, vazio, ou distante, mas não de forma avassaladora. A pessoa pode sentir-se sozinha. As pessoas podem ser experienciadas como desagradáveis ou sem sentimentos, mas não primariamente como ameaças à sua existência.

Nível 3: No nível 3, a pessoa possui expectativas interpessoais e esquemas de pessoas/representações de objecto carregados de uma gama variada de afectos, que não são primariamente positivos. As pessoas são geralmente vistas como sendo capazes de amar e serem amadas, de cuidarem e serem cuidadas.

Nível 4: No nível 4, a pessoa possui expectativas interpessoais e esquemas de pessoas/representações de objecto carregados de uma gama variada de afectos, que são primariamente positivos. Em geral, são vistas como sendo capazes de amar e serem amadas, e de gozarem a companhia de outros.

Nível 5: No nível 5, a pessoa possui expectativas interpessoais e esquemas de pessoas/representações de objecto predominantemente positivas. Geralmente esperam que as relações sejam benignas e mutuamente enriquecedoras. A pessoa espera intimidade, apreciação mútua e lealdade nas relações próximas.

ANEXO B

Sinopse da Escala:
Paradigma da Tonalidade Afectiva das Relações
(Original)

Synopsis of Scale:

Affect-tone Relationship Paradigms

Principle: scale measures affective quality of representations of people and relationships. It attempts to assess the extent to which the person expects from the world, and particularly the world of people, profound malevolence or overwhelming pain, or views social interaction as basically benign and enriching.

Level 1: at Level 1 the person views the social worlds as tremendously threatening and/or experiences life as overwhelming capricious and painful. People are seen as abandoning, abusing, or destructive of others and oneself with no reason, other than perhaps malice or unconcern. People are often classified as victims or victimizers. The person may feel tremendously alone.

Level 2: at Level 2 the person views the world, and particularly the world of people, as hostile, capricious, empty, or distant, but not overwhelming. The person may feel alone. People may be experienced as unpleasant or uncaring, but not primarily as threats to one's existence.

Level 3: at Level 3 the person has a range of affectively charged object representations/person schemas and interpersonal expectancies, which are not primarily positive. People are generally seen as capable of loving and being loved, of caring and being cared for.

Level 4: at Level 4 the person has a range of affectively charged object representations/person schemas and interpersonal expectancies, which are primarily positive. In general people are seen as capable of loving and being loved, and enjoying the company of others.

Level 5: at Level 5 the person has predominantly positive object representations/person schemas and interpersonal expectancies. He or she generally expects relationships to be benign and mutually enriching. The person expects intimacy, mutual appreciation, and loyalty in close relationships.

ANEXO C

Regras de Cotação da Escala:
Paradigma da Tonalidade Afectiva das Relações
(Original)

Scoring Rules: Affect-tone of Relationship Paradigms

Drew Westen and Alex Barends

Principle: scale measures affective quality of representations of people and relationships. It attempts to assess the extent to which the person expects from the world, and particularly from the world of people, profound malevolence or overwhelming pain, or views social interaction as basically benign and enriching.

General Scoring Rules:

(1) Score primarily for affect-tone of the subject's perceptions or expectations of others, and secondarily for the quality of relatedness of the subject to others or for the affect evoked by the situation. For example, if the subject evidences interpersonal manipulativeness but seems to enjoy relationships and expect them to be gratifying, score primarily for positive affect-tone of expectations; similarly, the subject's momentary affects or the disturbing nature of a particular interaction (e.g., an anomalous fight) should weigh into scoring but should be secondary to inferences about the affective quality of the subject's more general expectations of relationships if there are clear indications of markedly different expectations of relationships.

(2) Affective quality of self-representations or descriptions of positive actions of the self toward others are important only insofar as they reflect expectations of the social world; score primarily for affective expectations of how the self is treated by others, rather than vice versa.

(3) Make use of all information, including comments, asides, etc., e.g., "I had a good time with her - for once - usually I feel like dirt with girls." Where there is evidence of activation of a malevolent object world or inappropriately malevolent attributions (where the malevolent attribution is not warranted by the situation), score Level 1 or 2, even if there are elements of compassion and/or positive affect-tone in the story.

(4) Score primarily for the episode the subject is currently describing unless the coder has other information that clearly places this particular interaction in a broader frame of reference. For example, if the subject describes a very painful encounter with a significant other, score for the affect-tone of that specific encounter even if one suspects that the subject has other feelings toward the person, unless the subject explicitly notes counter-examples of comments on the anomalous nature of the encounter.

Level 1

Principle: at Level I the person views the social world as tremendously threatening and/or experiences life as overwhelmingly capricious and painful. People are seen as abandoning, abusing, or destructive of others and oneself with no reason, other than perhaps malice or unconcern. People are often classified as victims or victimizers. The person may feel tremendously alone.

(1) Score for unambiguously malevolent representations of people or interaction, or for grossly negligent caretakers or significant others. If person escapes malevolence through his own efforts or those of someone else, score Level 2. If the response manifests an overwhelming sense of malevolence or victimization with one small "bright spot," score Level 1.

(2) Score for gratuitous violence or aggression by others disproportionate to provocation. Do not score for violence between actors that is competitive (e.g., reflects masculine competition for position) or a consequence of an attempt to establish "turf"; 'score Level 2.

(3) Score for profound loneliness or interpersonal emptiness, even if there is one small "bright spot."

(4)Score for clearly malevolent attributions or paranoid concerns, even when it is not the self who is in danger.

Level 2

Principle: at Level 2 the person views the world, and particularly the world of people, as hostile, capricious, empty, or distant, but not overwhelming. The person may feel alone. People may be experienced as unpleasant or uncaring, but not primarily as threats to one's existence.

(1) Score for predominantly hostile interactions which are not overwhelming. Interactions can be capricious, unpleasant and/or threatening, but the social world is not viewed as generally malevolent. Do not score for hostile interactions, where the subject makes it clear that this kind of interaction is unusual or anomalous with respect to her expectations of the social world. Score Level 3 or 4.

(2) Score for sense of people as unempathic or as passing strangers where this appears to be upsetting to the subject or the person involved. People may be seen as pushing the subject into doing things, with minimal interaction or consideration.

(3) Score for loneliness or sense of aloneness which is not profound or overwhelming.

(4) Score for victimization, where victimization is seen as substantially self-generated, not only the result of malevolent or impersonal forces. If victimization is overwhelming, score Level 1.

(5) Score for failed ministrations by well-intending others. Score for escape from malevolent forces or malevolent others; or for momentary interpersonal relief from profound depression, loneliness, or chronically low

expectations for self or from others.

(6) Score for escape from a very unpleasant existence through one's own efforts, where there is no help from others and no clear sense of relatedness to others.

(7) Score at least Level 2 for implied compassion of one person for another.

(8) Score for breakdown of relationships without any resolution of consequent negative feelings, if these feelings are not overwhelming.

(9) Score for violence that reflects bravura or competitiveness, or is a consequence of an attempt by the actors to establish "turf" (e.g., adolescent boys pushing each other around).

(10) Score for marked idealization or grossly defensive denial, where idealization or denial clearly mask very upsetting material. If the description only strongly suggests this, score Level 3.

Level 3

Principle: at Level 3 the person has a range of affectively charged object representations/person schemas and interpersonal expectancies, which are not primarily positive. People are generally see as capable of loving and being loved, of caring and being cared for.

(1) Score for mildly negative representations. People may argue. People may become more distant from one another, where this does not lead to strong negative affects. Score for hostile interactions, where the subject makes it clear that this kind of interaction is unusual or anomalous with respect to her expectations of the social world. If the usual expectation is clearly benign, score Level 4.

(2) Score for affectively mixed representations where the overall tone is negative or neutral (e.g., a person consistently puts down a friend in front of others, they argue about it, and then suddenly are better friends).

(3) Score at least a Level 3 for explicit expression of compassion by one person for another.

(4) Score for person being comforted after a loss unless relatedness between persons is clearly an afterthought tacked onto a story about loneliness (in which case, score Level I or 2).

(5) Score for escape from danger effected through the help of benevolent others, where the danger is not the result of malevolent or abusive forces. Where escape from malevolence (i.e., real danger resulting from an intentional force) occurs with help from others, score Level 2.

(6) Score for resolution of difficult feelings through one's own efforts or for negative feelings that dissipate with time.

(7) Score if persons described are somewhat bland and unelaborated but do not appear averse to relating to each other.

(8) Score for minimal affect involved in the episode, where the affect-tone is relatively neutral.

Level 4

Principle: at Level 4 the person has a range of affectively charged object representations/person schemas and interpersonal expectancies, which are primarily positive. In general people are seen as capable of loving and being loved, and enjoying the company of others.

(1) Score for affectively mixed interactions, where overall the affect-tone is positive. Persons may be in conflict, or mildly depressed, but the outcome of their conflicts or interactions is positive in affect-tone. Do not score where a person is momentarily lifted from profound depression, or from chronically low expectations of self and others; score Level 2.

(2) Score for giving or sharing, where this seems largely an expectation or social obligation.

(3) Score for description of personal success where interaction is in a subordinate role.

(4) Score for mutual pleasurable activity where focus is not on the quality of the relationship. Score where the person seems comfortable and happy in the particular episode, but because of a lack of history to the relationship or sense of other relationships, it is unclear whether this is reflective of the person's generalized expectations of the social world.

(5) Score for positive affect-tone where minimal affect is expressed. For example, people may feel closer to one another after conversations they have on topics of mutual interest.

(6) Score for vignettes in which relationships weather a storm and are on good terms at the end, where mutual warmth and caring are in evidence.

(7) Score where subject feels interpersonally efficacious within his social world, and gives evidence of positive expectations of the social world, even if the other person in an interaction is depicted with a somewhat negative tone (e.g., a person assertively confronts someone for his or her intrusiveness and the person's behavior becomes modified).

(8) Score for elements of painful or negative affect-tone in an account about a compelling and mutual friendship.

Level 5

Principle: at Level 5 the person has predominantly positive object representations/person schemas and interpersonal expectancies. He or she generally expects relationships to be benign and mutually enriching. The person expects intimacy, mutual appreciation, and loyalty in close relationships.

(1) Score for very positive interactions in the context of an enduring relationship. People may be seen as doing things for each other or responding to each others' wishes. Do not score where giving and caring is only from the self; score Level 3 or 4. Persons may show genuine interest in one another. Do not score if the story includes a loss of a significant other (score Level 1-3, or 4 in rare cases if loss is largely a backdrop to a story with positive affect-tone of relationships.) Do not score if strong negative affects are expressed about a relationship. Do not score for predominantly positive affects where pleasure is derived less from the quality of relationship than from the enjoyment of an activity that people happen to be enjoying together when it is unclear that this kind of relatedness is enduring; score Level 4.

(2) Score where the subject clearly seems to enjoy a relationship rather than just a shared activity and there is no evidence that this is anomalous or defensive. Do not score for highly stereotypic generalized descriptions of closeness unless the subject provides a compelling example; score Level 4.

(3) Score where subject's comments unequivocally suggest highly positive generalized representations of relationships.

ANEXO D

Alfa de Cronbach para a Segurança e Coerência

Coerência

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	52	92,9
	Excluded(a)	4	7,1
	Total	56	100,0

a Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,954	5

Segurança

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	52	92,9
	Excluded(a)	4	7,1
	Total	56	100,0

a Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,955	5

ANEXO E

Distribuição de médias, desvios-padrão (SD) e valores máximos e mínimos das histórias para os valores da Coerência e Segurança

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
SEC	54	2	8	5,39	1,053
JMC	55	2,17	7,83	5,1851	1,38831
MQC	56	2,2	7,7	5,552	1,1730
SPC	54	2,3	7,8	5,337	1,2137
REC	54	1,33	7,33	5,2337	1,40282
SES	54	2,165	7,830	5,47679	1,112405
JMS	55	2	8	5,26	1,376
MQS	56	2	8	5,58	1,131
SPS	54	2,330	7,665	5,38117	1,226113
RES	54	1	7	5,29	1,419
Valid N (listwise)	52				

ANEXO F

Correlações entre os valores da Segurança e Coerência nas 5 histórias

Coerência

Correlations

		SEC	JMC	MQC	SPC	REC
SEC	Pearson Correlation	1	,841(**)	,810(**)	,743(**)	,784(**)
	Sig. (1-tailed)		,000	,000	,000	,000
	N	54	54	54	52	52
JMC	Pearson Correlation	,841(**)	1	,890(**)	,828(**)	,849(**)
	Sig. (1-tailed)	,000		,000	,000	,000
	N	54	55	55	53	53
MQC	Pearson Correlation	,810(**)	,890(**)	1	,786(**)	,841(**)
	Sig. (1-tailed)	,000	,000		,000	,000
	N	54	55	56	54	54
SPC	Pearson Correlation	,743(**)	,828(**)	,786(**)	1	,854(**)
	Sig. (1-tailed)	,000	,000	,000		,000
	N	52	53	54	54	54
REC	Pearson Correlation	,784(**)	,849(**)	,841(**)	,854(**)	1
	Sig. (1-tailed)	,000	,000	,000	,000	
	N	52	53	54	54	54

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

Segurança

Correlations

		SES	JMS	MQS	SPS	RES
SES	Pearson Correlation	1	,855(**)	,800(**)	,736(**)	,801(**)
	Sig. (1-tailed)		,000	,000	,000	,000
	N	54	54	54	52	52
JMS	Pearson Correlation	,855(**)	1	,888(**)	,829(**)	,864(**)
	Sig. (1-tailed)	,000		,000	,000	,000
	N	54	55	55	53	53
MQS	Pearson Correlation	,800(**)	,888(**)	1	,810(**)	,828(**)
	Sig. (1-tailed)	,000	,000		,000	,000
	N	54	55	56	54	54
SPS	Pearson Correlation	,736(**)	,829(**)	,810(**)	1	,864(**)
	Sig. (1-tailed)	,000	,000	,000		,000
	N	52	53	54	54	54
RES	Pearson Correlation	,801(**)	,864(**)	,828(**)	,864(**)	1
	Sig. (1-tailed)	,000	,000	,000	,000	
	N	52	53	54	54	54

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

ANEXO G

Correlações para Coerência e Segurança das cinco Histórias

Correlations

		SEC	JMC	MQC	SPC	REC	Idade meses no ASCT	Idm	Idp	Hlm	Hlp	QI Verbal
SEC	Pearson Correlation	1	,841(**)	,810(**)	,743(**)	,784(**)	,177	-,119	-,041	-,096	,159	,196
	Sig. (1-tailed)		,000	,000	,000	,000	,103	,258	,412	,287	,174	,096
	N	54	54	54	52	52	53	32	31	37	37	46
JMC	Pearson Correlation	,841(**)	1	,890(**)	,828(**)	,849(**)	,135	-,091	,204	-,144	,222	,188
	Sig. (1-tailed)	,000		,000	,000	,000	,166	,311	,135	,195	,090	,103
	N	54	55	55	53	53	54	32	31	38	38	47
MQC	Pearson Correlation	,810(**)	,890(**)	1	,786(**)	,841(**)	,126	-,068	,163	-,093	,196	,222
	Sig. (1-tailed)	,000	,000		,000	,000	,179	,356	,191	,286	,116	,065
	N	54	55	56	54	54	55	32	31	39	39	48
SPC	Pearson Correlation	,743(**)	,828(**)	,786(**)	1	,854(**)	,217	,013	,098	-,190	,053	,277(*)
	Sig. (1-tailed)	,000	,000	,000		,000	,059	,472	,303	,127	,376	,031
	N	52	53	54	54	54	53	31	30	38	38	46
REC	Pearson Correlation	,784(**)	,849(**)	,841(**)	,854(**)	1	,237(*)	,020	,227	-,125	,049	,164
	Sig. (1-tailed)	,000	,000	,000	,000		,044	,457	,113	,227	,384	,138
	N	52	53	54	54	54	53	31	30	38	38	46
Idade meses no ASCT	Pearson Correlation	,177	,135	,126	,217	,237(*)	1	-,239	,060	,090	,217	,125
	Sig. (1-tailed)	,103	,166	,179	,059	,044		,094	,375	,293	,092	,198
	N	53	54	55	53	53	55	32	31	39	39	48
Idm	Pearson Correlation	-,119	-,091	-,068	,013	,020	-,239	1	,452(**)	,005	,142	-,162
	Sig. (1-tailed)	,258	,311	,356	,472	,457	,094		,005	,489	,220	,220
	N	32	32	32	31	31	32	32	31	32	32	25
Idp	Pearson Correlation	-,041	,204	,163	,098	,227	,060	,452(**)	1	-,034	,159	-,179
	Sig. (1-tailed)	,412	,135	,191	,303	,113	,375	,005		,429	,197	,201
	N	31	31	31	30	30	31	31	31	31	31	24
Hlm	Pearson Correlation	-,096	-,144	-,093	-,190	-,125	,090	,005	-,034	1	,441(**)	,221
	Sig. (1-tailed)	,287	,195	,286	,127	,227	,293	,489	,429		,004	,112
	N	37	38	39	38	38	39	32	31	39	36	32
Hlp	Pearson Correlation	,159	,222	,196	,053	,049	,217	,142	,159	,441(**)	1	,312(*)

	Sig. (1-tailed)	,174	,090	,116	,376	,384	,092	,220	,197	,004		,041
	N	37	38	39	38	38	39	32	31	36	39	32
QI Verbal	Pearson Correlation	,196	,188	,222	,277(*)	,164	,125	-,162	-,179	,221	,312(*)	1
	Sig. (1-tailed)	,096	,103	,065	,031	,138	,198	,220	,201	,112	,041	
	N	46	47	48	46	46	48	25	24	32	32	48

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

Correlations

		Idade meses no ASCT	Idm	Idp	Hlm	Hlp	QI Verbal	SES	JMS	MQS	SPS	RES
Idade meses no ASCT	Pearson Correlation	1	-,239	,060	,090	,217	,125	,214	,142	,137	,212	,233(*)
	Sig. (1-tailed)		,094	,375	,293	,092	,198	,062	,154	,160	,064	,047
	N	55	32	31	39	39	48	53	54	55	53	53
Idm	Pearson Correlation	-,239	1	,452(**)	,005	,142	-,162	-,092	-,121	-,069	,026	-,012
	Sig. (1-tailed)	,094		,005	,489	,220	,220	,307	,255	,354	,444	,474
	N	32	32	31	32	32	25	32	32	32	31	31
Idp	Pearson Correlation	,060	,452(**)	1	-,034	,159	-,179	,007	,156	,160	,147	,225
	Sig. (1-tailed)	,375	,005		,429	,197	,201	,484	,201	,195	,220	,116
	N	31	31	31	31	31	24	31	31	31	30	30
Hlm	Pearson Correlation	,090	,005	-,034	1	,441(**)	,221	-,107	-,180	-,106	-,187	-,126
	Sig. (1-tailed)	,293	,489	,429		,004	,112	,264	,140	,260	,131	,226
	N	39	32	31	39	36	32	37	38	39	38	38
Hlp	Pearson Correlation	,217	,142	,159	,441(**)	1	,312(*)	,153	,185	,188	,060	,035
	Sig. (1-tailed)	,092	,220	,197	,004		,041	,183	,133	,126	,361	,418
	N	39	32	31	36	39	32	37	38	39	38	38
QI Verbal	Pearson Correlation	,125	-,162	-,179	,221	,312(*)	1	,141	,159	,237	,258(*)	,131
	Sig. (1-tailed)	,198	,220	,201	,112	,041		,175	,143	,052	,042	,192
	N	48	25	24	32	32	48	46	47	48	46	46
SES	Pearson Correlation	,214	-,092	,007	-,107	,153	,141	1	,855(**)	,800(**)	,736(**)	,801(**)
	Sig. (1-tailed)	,062	,307	,484	,264	,183	,175		,000	,000	,000	,000
	N	53	32	31	37	37	46	54	54	54	52	52
JMS	Pearson Correlation	,142	-,121	,156	-,180	,185	,159	,855(**)	1	,888(**)	,829(**)	,864(**)
	Sig. (1-	,154	,255	,201	,140	,133	,143	,000		,000	,000	,000

	tailed)											
	N	54	32	31	38	38	47	54	55	55	53	53
MQS	Pearson Correlation	,137	-,069	,160	-,106	,188	,237	,800(**)	,888(**)	1	,810(**)	,828(**)
	Sig. (1-tailed)	,160	,354	,195	,260	,126	,052	,000	,000		,000	,000
	N	55	32	31	39	39	48	54	55	56	54	54
SPS	Pearson Correlation	,212	,026	,147	-,187	,060	,258(*)	,736(**)	,829(**)	,810(**)	1	,864(**)
	Sig. (1-tailed)	,064	,444	,220	,131	,361	,042	,000	,000	,000		,000
	N	53	31	30	38	38	46	52	53	54	54	54
RES	Pearson Correlation	,233(*)	-,012	,225	-,126	,035	,131	,801(**)	,864(**)	,828(**)	,864(**)	1
	Sig. (1-tailed)	,047	,474	,116	,226	,418	,192	,000	,000	,000	,000	
	N	53	31	30	38	38	46	52	53	54	54	54

* Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

ANEXO H

Valores Médios de Segurança e Coerência Totais

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
coerenciaTot	52	2,13	7,53	5,3790	1,10972
segurancaTot	52	2,13	7,46	5,4296	1,11262
Valid N (listwise)	52				

ANEXO I

Correlações entre os valores de Segurança e Coerência Totais

Correlations

		coerenciaTot	segurancaTot
coerenciaTot	Pearson Correlation	1	,994(**)
	Sig. (1-tailed)		,000
	N	52	52
segurancaTot	Pearson Correlation	,994(**)	1
	Sig. (1-tailed)	,000	
	N	52	52

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

ANEXO J

Alpha de Cronbach e ICC no Fim da 6ª Sessão de Treino de Cotação da Escala Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações da SCORS para cada história

Sumo Entornado

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	35	62,5
	Excluded(a)	21	37,5
	Total	56	100,0

a Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,925	2

Intraclass Correlation Coefficient

	Intraclass Correlation(a)	95% Confidence Interval		F Test with True Value 0			
	Lower Bound	Upper Bound	Value	df1	df2	Sig	Lower Bound
Single Measures	,860(b)	,741	,927	13,319	34,0	34	,000
Average Measures	,925(c)	,851	,962	13,319	34,0	34	,000

Two-way mixed effects model where people effects are random and measures effects are fixed.
a Type C intraclass correlation coefficients using a consistency definition-the between-measure variance is excluded from the denominator variance.
b The estimator is the same, whether the interaction effect is present or not.
c This estimate is computed assuming the interaction effect is absent, because it is not estimable otherwise.

Joelho Magoado

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	35	62,5
	Excluded(a)	21	37,5

	Total	56	100,0

a Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,936	2

Intraclass Correlation Coefficient

	Intraclass Correlation(a)	95% Confidence Interval		F Test with True Value 0			
	Lower Bound	Upper Bound	Value	df1	df2	Sig	Lower Bound
Single Measures	,879(b)	,774	,937	15,536	34,0	34	,000
Average Measures	,936(c)	,872	,968	15,536	34,0	34	,000

Two-way mixed effects model where people effects are random and measures effects are fixed.
a Type C intraclass correlation coefficients using a consistency definition-the between-measure variance is excluded from the denominator variance.
b The estimator is the same, whether the interaction effect is present or not.
c This estimate is computed assuming the interaction effect is absent, because it is not estimable otherwise.

Monstro no Quarto

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	48	85,7
	Excluded(a)	8	14,3
	Total	56	100,0

a Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,925	2

Intraclass Correlation Coefficient

	Intraclass Correlation(a)	95% Confidence Interval		F Test with True Value 0			
	Lower Bound	Upper Bound	Value	df1	df2	Sig	Lower Bound
Single Measures	,861(b)	,765	,920	13,391	47,0	47	,000
Average Measures	,925(c)	,867	,958	13,391	47,0	47	,000

Two-way mixed effects model where people effects are random and measures effects are fixed.
a Type C intraclass correlation coefficients using a consistency definition-the between-measure variance is excluded from the denominator variance.
b The estimator is the same, whether the interaction effect is present or not.
c This estimate is computed assuming the interaction effect is absent, because it is not estimable otherwise.

Separação

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	34	60,7
	Excluded(	22	39,3

	a)		
	Total	56	100,0

a Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,895	2

Intraclass Correlation Coefficient

	Intraclass Correlation(a)	95% Confidence Interval		F Test with True Value 0			
	Lower Bound	Upper Bound	Value	df1	df2	Sig	Lower Bound
Single Measures	,810(b)	,653	,901	9,539	33,0	33	,000
Average Measures	,895(c)	,790	,948	9,539	33,0	33	,000

Two-way mixed effects model where people effects are random and measures effects are fixed.

a Type C intraclass correlation coefficients using a consistency definition-the between-measure variance is excluded from the denominator variance.

b The estimator is the same, whether the interaction effect is present or not.

c This estimate is computed assuming the interaction effect is absent, because it is not estimable otherwise.

Reunião

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	34	60,7
	Excluded(a)	22	39,3
	Total	56	100,0

a Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,944	2

Intraclass Correlation Coefficient

	Intraclass Correlation(a)	95% Confidence Interval		F Test with True Value 0			
	Lower Bound	Upper Bound	Value	df1	df2	Sig	Lower Bound
Single Measures	,894(b)	,799	,946	17,953	33,0	33	,000
Average Measures	,944(c)	,888	,972	17,953	33,0	33	,000

Two-way mixed effects model where people effects are random and measures effects are fixed.

a Type C intraclass correlation coefficients using a consistency definition-the between-measure variance is excluded from the denominator variance.

b The estimator is the same, whether the interaction effect is present or not.

c This estimate is computed assuming the interaction effect is absent, because it is not estimable otherwise.

ANEXO K

Alpha de Cronbach e ICC no Fim da 6ª Sessão de Treino de Cotação da Escala Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações da SCORS

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	33	58,9
	Excluded(a)	23	41,1
	Total	56	100,0

a Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,888	10

Intraclass Correlation Coefficient

	Intraclass Correlation(a)	95% Confidence Interval		F Test with True Value 0			
	Lower Bound	Upper Bound	Value	df1	df2	Sig	Lower Bound
Single Measures	,443(b)	,315	,600	8,953	32,0	288	,000
Average Measures	,888(c)	,821	,937	8,953	32,0	288	,000

Two-way mixed effects model where people effects are random and measures effects are fixed.

a Type C intraclass correlation coefficients using a consistency definition-the between-measure variance is excluded from the denominator variance.

b The estimator is the same, whether the interaction effect is present or not.

c This estimate is computed assuming the interaction effect is absent, because it is not estimable otherwise.

ANEXO L

Distribuição de médias, desvios-padrão (SD) e valores máximos e mínimos das histórias para os valores da Tonalidade Afectiva

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
SETA	51	1,50	4,00	2,9265	,57510
JMTA	51	1,00	5,00	3,1569	,69993
MQTA	48	1,75	4,25	3,0521	,56483
SPTA	50	2,00	4,25	3,1700	,55199
RETA	50	1,50	4,75	3,1400	,71813
Valid N (listwise)	47				

ANEXO M

Correlações para os valores de Tonalidade Afectiva nas 5 histórias

Correlations

		SETA	JMTA	MQTA	SPTA	RETA
SETA	Pearson Correlation	1	,529(**)	,210	,424(**)	,213
	Sig. (1-tailed)		,000	,076	,001	,069
	N	51	51	48	50	50
JMTA	Pearson Correlation	,529(**)	1	,416(**)	,587(**)	,519(**)
	Sig. (1-tailed)	,000		,002	,000	,000
	N	51	51	48	50	50
MQTA	Pearson Correlation	,210	,416(**)	1	,333(*)	,288(*)
	Sig. (1-tailed)	,076	,002		,011	,025
	N	48	48	48	47	47
SPTA	Pearson Correlation	,424(**)	,587(**)	,333(*)	1	,602(**)
	Sig. (1-tailed)	,001	,000	,011		,000
	N	50	50	47	50	50
RETA	Pearson Correlation	,213	,519(**)	,288(*)	,602(**)	1
	Sig. (1-tailed)	,069	,000	,025	,000	
	N	50	50	47	50	50

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

ANEXO N

Correlações entre a "Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações" das 5 histórias e variáveis da criança e dos pais

Correlations

		SETA	JMTA	MQTA	SPTA	RETA	Idade meses no ASCT	Idm	Idp	Hlm	Hlp	QI Verbal
SETA	Pearson Correlation	1	,529(**)	,210	,424(**)	,213	,319(*)	-,041	-,092	,105	,423(**)	,251
	Sig. (1-tailed)		,000	,076	,001	,069	,012	,414	,318	,274	,006	,053
	N	51	51	48	50	50	50	30	29	35	35	43
JMTA	Pearson Correlation	,529(**)	1	,416(**)	,587(**)	,519(**)	,329(**)	-,372(*)	,047	-,047	,333(*)	,160
	Sig. (1-tailed)	,000		,002	,000	,000	,010	,021	,404	,395	,025	,153
	N	51	51	48	50	50	50	30	29	35	35	43
MQTA	Pearson Correlation	,210	,416(**)	1	,333(*)	,288(*)	,165	-,105	-,007	-,093	,386(*)	,053
	Sig. (1-tailed)	,076	,002		,011	,025	,135	,294	,485	,301	,012	,371
	N	48	48	48	47	47	47	29	28	34	34	41
SPTA	Pearson Correlation	,424(**)	,587(**)	,333(*)	1	,602(**)	,373(**)	-,236	-,134	,073	,251	,342(*)
	Sig. (1-tailed)	,001	,000	,011		,000	,004	,109	,249	,341	,076	,013
	N	50	50	47	50	50	49	29	28	34	34	42
RETA	Pearson Correlation	,213	,519(**)	,288(*)	,602(**)	1	,324(*)	-,001	,283	,170	,319(*)	,166
	Sig. (1-tailed)	,069	,000	,025	,000		,012	,497	,072	,168	,033	,147
	N	50	50	47	50	50	49	29	28	34	34	42
Idade meses no ASCT	Pearson Correlation	,319(*)	,329(**)	,165	,373(**)	,324(*)	1	-,239	,060	,090	,217	,125
	Sig. (1-	,012	,010	,135	,004	,012		,094	,375	,293	,092	,198

	tailed)											
	N	50	50	47	49	49	55	32	31	39	39	48
Idm	Pearson Correlation	-,041	-,372(*)	-,105	-,236	-,001	-,239	1	,452(**)	,005	,142	-,162
	Sig. (1-tailed)	,414	,021	,294	,109	,497	,094		,005	,489	,220	,220
	N	30	30	29	29	29	32	32	31	32	32	25
Idp	Pearson Correlation	-,092	,047	-,007	-,134	,283	,060	,452(**)	1	-,034	,159	-,179
	Sig. (1-tailed)	,318	,404	,485	,249	,072	,375	,005		,429	,197	,201
	N	29	29	28	28	28	31	31	31	31	31	24
Hlm	Pearson Correlation	,105	-,047	-,093	,073	,170	,090	,005	-,034	1	,441(**)	,221
	Sig. (1-tailed)	,274	,395	,301	,341	,168	,293	,489	,429		,004	,112
	N	35	35	34	34	34	39	32	31	39	36	32
Hlp	Pearson Correlation	,423(**)	,333(*)	,386(*)	,251	,319(*)	,217	,142	,159	,441(**)	1	,312(*)
	Sig. (1-tailed)	,006	,025	,012	,076	,033	,092	,220	,197	,004		,041
	N	35	35	34	34	34	39	32	31	36	39	32
QI Verbal	Pearson Correlation	,251	,160	,053	,342(*)	,166	,125	-,162	-,179	,221	,312(*)	1
	Sig. (1-tailed)	,053	,153	,371	,013	,147	,198	,220	,201	,112	,041	
	N	43	43	41	42	42	48	25	24	32	32	48

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

ANEXO O

T-Student em relação a variáveis da criança e dos pais para a Tonalidade Afectiva das 5 Histórias

Género da Criança

Group Statistics

	Género	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
SETA	1	26	2,9423	,65692	,12883
	2	25	2,9100	,48883	,09777
JMTA	1	26	3,2596	,73648	,14444
	2	25	3,0500	,65749	,13150
MQTA	1	24	3,2500	,58977	,12039
	2	24	2,8542	,47156	,09626
SPTA	1	25	3,3100	,51174	,10235
	2	25	3,0300	,56513	,11303
RETA	1	25	3,2500	,60810	,12162
	2	25	3,0300	,81112	,16222

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means					
	F	Sig.	T	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference

		Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower
SETA	Equal variances assumed	1,186	,282	,199	49	,843	,03231	,16266	-,29457	,35919
	Equal variances not assumed			,200	46,144	,843	,03231	,16173	-,29321	,35782
JMTA	Equal variances assumed	,411	,524	1,071	49	,290	,20962	,19577	-,18380	,60303
	Equal variances not assumed			1,073	48,739	,288	,20962	,19533	-,18297	,60220
MQTA	Equal variances assumed	,963	,332	2,568	46	,014	,39583	,15414	,08557	,70610
	Equal variances not assumed			2,568	43,876	,014	,39583	,15414	,08517	,70650
SPTA	Equal variances assumed	,022	,883	1,836	48	,073	,28000	,15248	-,02658	,58658
	Equal variances not assumed			1,836	47,535	,073	,28000	,15248	-,02666	,58666
RETA	Equal variances assumed	1,477	,230	1,085	48	,283	,22000	,20275	-,18766	,62766
	Equal variances not assumed			1,085	44,502	,284	,22000	,20275	-,18849	,62849

Estado Civil dos Pais

Group Statistics

	Casad	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
SETA	1	34	2,9338	,61023	,10465
	2	4	2,8750	,32275	,16137
JMTA	1	34	3,2279	,70809	,12144
	2	4	2,8750	,43301	,21651
MQTA	1	33	3,1364	,53066	,09238
	2	3	2,7500	,25000	,14434
SPTA	1	33	3,2424	,56071	,09761
	2	4	2,6875	,55434	,27717
RETA	1	33	3,2500	,62187	,10825
	2	4	2,1875	,55434	,27717

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means					
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the

									Difference	
		Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower
SETA	Equal variances assumed	,992	,326	,188	36	,852	,05882	,31273	-,57543	,69308
	Equal variances not assumed			,306	5,958	,770	,05882	,19234	-,41261	,53026
JMTA	Equal variances assumed	,401	,530	,969	36	,339	,35294	,36440	-,38609	1,09198
	Equal variances not assumed			1,422	5,138	,213	,35294	,24824	-,28004	,98593
MQTA	Equal variances assumed	1,947	,172	1,236	34	,225	,38636	,31259	-,24890	1,02163
	Equal variances not assumed			2,255	3,933	,088	,38636	,17137	-,09265	,86538
SPTA	Equal variances assumed	,003	,955	1,871	35	,070	,55492	,29657	-,04715	1,15700
	Equal variances not assumed			1,888	3,785	,136	,55492	,29385	-,27957	1,38942
RETA	Equal variances assumed	,059	,810	3,256	35	,003	1,06250	,32633	,40002	1,72498
	Equal variances not assumed			3,571	3,976	,024	1,06250	,29756	,23440	1,89060

Filho Primigénito

Group Statistics

	fp	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
SETA	1	25	2,9700	,53677	,10735
	2	21	2,8452	,67766	,14788
JMTA	1	25	3,1800	,77231	,15446
	2	21	3,1190	,67832	,14802
MQTA	1	23	2,9348	,54988	,11466
	2	20	3,2250	,49934	,11166
SPTA	1	25	3,0800	,55771	,11154
	2	20	3,2875	,59756	,13362
RETA	1	25	2,8800	,70015	,14003
	2	20	3,4500	,60481	,13524

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of	t-test for Equality of Means

		Variances								
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
		Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower
SETA	Equal variances assumed	3,923	,054	,697	44	,490	,12476	,17905	-,23609	,48562
	Equal variances not assumed			,683	37,871	,499	,12476	,18274	-,24521	,49474
JMTA	Equal variances assumed	,145	,705	,282	44	,780	,06095	,21641	-,37518	,49709
	Equal variances not assumed			,285	43,897	,777	,06095	,21394	-,37024	,49214
MQTA	Equal variances assumed	,010	,919	-1,801	41	,079	-,29022	,16115	-,61566	,03522
	Equal variances not assumed			-1,813	40,911	,077	-,29022	,16004	-,61345	,03302
SPTA	Equal variances assumed	,676	,416	-1,202	43	,236	-,20750	,17270	-,55578	,14078
	Equal variances not assumed			-1,192	39,516	,240	-,20750	,17406	-,55941	,14441
RETA	Equal variances assumed	,068	,795	-2,880	43	,006	-,57000	,19792	-,96914	-,17086
	Equal variances not assumed			-2,928	42,713	,005	-,57000	,19467	-,96267	-,17733

Ter Irmãos

Group Statistics

	irm	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
SETA	1	29	2,8707	,68992	,12811
	2	16	2,9844	,43271	,10818
JMTA	1	29	3,2845	,73108	,13576
	2	16	2,8906	,67681	,16920
MQTA	1	27	3,2315	,52772	,10156
	2	15	2,7833	,47119	,12166
SPTA	1	28	3,3214	,57275	,10824
	2	16	2,9219	,53008	,13252
RETA	1	28	3,3482	,62856	,11879
	2	16	2,7656	,73863	,18466

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
		Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower
SETA	Equal variances assumed	6,736	,013	-,596	43	,554	-,11369	,19077	-,49841	,27104
	Equal variances not assumed			-,678	42,157	,501	-,11369	,16768	-,45203	,22466
JMTA	Equal variances assumed	,277	,602	1,775	43	,083	,39386	,22192	-,05370	,84141
	Equal variances not assumed			1,816	33,166	,078	,39386	,21693	-,04741	,83513
MQTA	Equal variances assumed	,410	,525	2,736	40	,009	,44815	,16380	,11709	,77920
	Equal variances not assumed			2,828	31,955	,008	,44815	,15848	,12532	,77098
SPTA	Equal variances assumed	,648	,425	2,285	42	,027	,39955	,17484	,04672	,75239
	Equal variances not assumed			2,335	33,425	,026	,39955	,17111	,05160	,74751
RETA	Equal variances assumed	,433	,514	2,775	42	,008	,58259	,20996	,15888	1,00630
	Equal variances not assumed			2,653	27,378	,013	,58259	,21956	,13237	1,03281

Ter Irmãos e Ser Filho Primogénito

Group Statistics

	fp	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
SETA	1	8	2,9375	,76474	,27038
	2	21	2,8452	,67766	,14788
JMTA	1	8	3,7188	,72503	,25634
	2	21	3,1190	,67832	,14802
MQTA	1	7	3,2500	,64550	,24398
	2	20	3,2250	,49934	,11166
SPTA	1	8	3,4063	,53348	,18861
	2	20	3,2875	,59756	,13362
RETA	1	8	3,0938	,65380	,23115
	2	20	3,4500	,60481	,13524

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
		Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower
SETA	Equal variances assumed	,047	,831	,317	27	,754	,09226	,29136	-,50556	,69009
	Equal variances not assumed			,299	11,456	,770	,09226	,30817	-,58275	,76727
JMTA	Equal variances assumed	,042	,839	2,090	27	,046	,59970	,28698	,01086	1,18854
	Equal variances not assumed			2,026	11,980	,066	,59970	,29601	-,04536	1,24476
MQTA	Equal variances assumed	,567	,459	,106	25	,917	,02500	,23629	-,46164	,51164
	Equal variances not assumed			,093	8,657	,928	,02500	,26831	-,58565	,63565
SPTA	Equal variances assumed	,048	,828	,489	26	,629	,11875	,24305	-,38085	,61835
	Equal variances not assumed			,514	14,448	,615	,11875	,23115	-,37557	,61307
RETA	Equal variances assumed	,098	,757	-1,377	26	,180	-,35625	,25869	-,88799	,17549
	Equal variances not assumed			-1,330	12,090	,208	-,35625	,26781	-,93927	,22677

Mãe Empregada

Group Statistics

	trabm 1=sim; 2=não	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
SETA	1	38	2,9474	,55495	,09002
	2	9	2,8056	,77840	,25947
JMTA	1	38	3,1645	,70298	,11404
	2	9	3,0833	,81009	,27003
MQTA	1	35	3,1000	,54973	,09292
	2	9	3,0278	,55120	,18373
SPTA	1	38	3,1250	,58341	,09464
	2	8	3,3750	,50000	,17678
RETA	1	38	3,0658	,64380	,10444
	2	8	3,4375	,93303	,32987

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
		Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower
SETA	Equal variances assumed	1,883	,177	,637	45	,528	,14181	,22271	-,30676	,59038
	Equal variances not assumed			,516	10,011	,617	,14181	,27464	-,47003	,75366
JMTA	Equal variances assumed	1,022	,318	,303	45	,764	,08114	,26809	-,45882	,62110
	Equal variances not assumed			,277	11,032	,787	,08114	,29312	-,56379	,72607
MQTA	Equal variances assumed	,000	,984	,351	42	,727	,07222	,20556	-,34262	,48706
	Equal variances not assumed			,351	12,425	,732	,07222	,20589	-,37469	,51913
SPTA	Equal variances assumed	,127	,723	-1,126	44	,266	-,25000	,22210	-,69761	,19761
	Equal variances not assumed			-1,247	11,411	,237	-,25000	,20052	-,68941	,18941
RETA	Equal variances assumed	2,821	,100	-1,369	44	,178	-,37171	,27147	-,91882	,17540
	Equal variances not assumed			-1,074	8,458	,312	-,37171	,34601	-1,16216	,41874

Pai Empregado

Group Statistics

	trabp 1=sim: 2=não	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
SETA	1	46	2,9293	,60015	,08849
	2	1	2,5000	.	.
JMTA	1	46	3,1739	,70291	,10364
	2	1	2,0000	.	.
MQTA	1	43	3,0872	,55066	,08397
	2	1	3,0000	.	.
SPTA	1	45	3,1722	,57855	,08625
	2	1	3,0000	.	.
RETA	1	45	3,1333	,71231	,10618
	2	1	3,0000	.	.

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
		Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower	Upper	Lower
SETA	Equal variances assumed	.	.	,708	45	,483	,42935	,60663	-,79248	1,65117
	Equal variances not assumed			.	.	.	,42935	.	.	.
JMTA	Equal variances assumed	.	.	1,652	45	,105	1,17391	,71051	-,25713	2,60495
	Equal variances not assumed			.	.	.	1,17391	.	.	.
MQTA	Equal variances assumed	.	.	,157	42	,876	,08721	,55703	-1,03691	1,21133
	Equal variances not assumed			.	.	.	,08721	.	.	.
SPTA	Equal variances assumed	.	.	,294	44	,770	,17222	,58494	-1,00666	1,35110
	Equal variances not assumed			.	.	.	,17222	.	.	.
RETA	Equal variances assumed	.	.	,185	44	,854	,13333	,72018	-1,31810	1,58476
	Equal variances not assumed			.	.	.	,13333	.	.	.

ANEXO P

Correlações para a variável "Qualidade dos MID" e as Tonalidades Afectivas das 5 Histórias

Correlations

		SETA	JMTA	MQTA	SPTA	RETA	qualidadeMID
SETA	Pearson Correlation	1	,529(**)	,210	,424(**)	,213	,565(**)
	Sig. (1-tailed)		,000	,076	,001	,069	,000
	N	51	51	48	50	50	51
JMTA	Pearson Correlation	,529(**)	1	,416(**)	,587(**)	,519(**)	,583(**)
	Sig. (1-tailed)	,000		,002	,000	,000	,000
	N	51	51	48	50	50	51
MQTA	Pearson Correlation	,210	,416(**)	1	,333(*)	,288(*)	,163
	Sig. (1-tailed)	,076	,002		,011	,025	,134
	N	48	48	48	47	47	48
SPTA	Pearson Correlation	,424(**)	,587(**)	,333(*)	1	,602(**)	,449(**)
	Sig. (1-tailed)	,001	,000	,011		,000	,001
	N	50	50	47	50	50	50
RETA	Pearson Correlation	,213	,519(**)	,288(*)	,602(**)	1	,451(**)
	Sig. (1-tailed)	,069	,000	,025	,000		,001
	N	50	50	47	50	50	50
qualidadeMID	Pearson Correlation	,565(**)	,583(**)	,163	,449(**)	,451(**)	1

Sig. (1-tailed)	,000	,000	,134	,001	,001	
N	51	51	48	50	50	52

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).
* Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

ANEXO Q

T-Student para o QI Verbal em Relação às Raparigas

Correlations

		SETA	JMTA	MQTA	SPTA	RETA	QI Verbal
SETA	Pearson Correlation	1	,652(**)	,103	,682(**)	,484(**)	,437(*)
	Sig. (1-tailed)		,000	,315	,000	,007	,024
	N	26	26	24	25	25	21
JMTA	Pearson Correlation	,652(**)	1	,295	,690(**)	,480(**)	,264
	Sig. (1-tailed)	,000		,081	,000	,008	,124
	N	26	26	24	25	25	21
MQTA	Pearson Correlation	,103	,295	1	,188	,166	,045
	Sig. (1-tailed)	,315	,081		,195	,225	,425
	N	24	24	24	23	23	20
SPTA	Pearson Correlation	,682(**)	,690(**)	,188	1	,611(**)	,374
	Sig. (1-tailed)	,000	,000	,195		,001	,052
	N	25	25	23	25	25	20
RETA	Pearson Correlation	,484(**)	,480(**)	,166	,611(**)	1	,289
	Sig. (1-tailed)	,007	,008	,225	,001		,109
	N	25	25	23	25	25	20
QI Verbal	Pearson Correlation	,437(*)	,264	,045	,374	,289	1

Sig. (1-tailed)	,024	,124	,425	,052	,109	
N	21	21	20	20	20	23

** Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).